

Diários de viagem duma portuense



Diário 2: Turiperegrinação a Lourdes (1958)

Maria Olinda Rodrigues Santana

Diários de viagem duma portuense
Diário 2: Turiperegrinação a Lourdes
(1958)

Maria Olinda Rodrigues Santana

Vila Real

2020

Ficha técnica:

Título: Diários de viagem duma portuense – Diário 2: Turiperegrinação a Lourdes (1958)

Autora: Maria Olinda Rodrigues Santana

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD

Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento – CETRAD

Prefácio: Professor Doutor Henrique Rodrigues

Conceção da capa: Maria Olinda Rodrigues Santana

Paginação e design da capa: Ana Mesquita (Minerva Transmontana, Tipografia, Lda.)

Edição: Sodivir, Edições do Norte, Lda.

1.ª edição e-book: novembro 2020

ISBN: 978-972-8546-94-6

Diários de viagem duma portuense
Diário 2: Turiperegrinação a Lourdes (1958)

SUMÁRIO

Prefácio	7
Professor Doutor Henrique Rodrigues	
Apresentação	15
Introdução	19
CAPÍTULO 1. ARQUIVO PESSOAL DUMA MULHER COMUM	23
1.1 A diarista Maria Irma Nunes de Sousa	24
1.2 O Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa e a sua relevância histórica	26
1.3 Inventário do Arquivo Pessoal	27
CAPÍTULO 2. OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O GÊNERO VIÁTICO	31
2.1 Os géneros discursivos	32
2.2 O género viático: o escolhido pela diarista	33
CAPÍTULO 3. TURISMO CULTURAL	37
3.1 Turismo cultural e as suas facetas	38
3.2 O turismo espiritual e o religioso	39
3.2.1 Peregrinação e turiperegrinação	41
3.3 Escolha dos destinos turísticos	43

CAPÍTULO 4. EDIÇÃO DO DIÁRIO DE TURIPEREGRI- NAÇÃO A LOURDES “CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA” (1958)	45
4.1 Normas de edição	46
4.2 Edição do Diário 2: “Turiperegrinação a Lourdes (1958)”	46
4.3 Notas estilísticas do Diário 2: “Turiperegrinação a Lourdes (1958)”	101
CAPÍTULO 5. ANÁLISE DISCURSIVA DO DIÁRIO 2: “TURIPEREGRINAÇÃO A LOURDES (1958)”	105
5.1 Análise discursiva do DIÁRIO 2	106
5.2 Análise vocabular do DIÁRIO 2	111
5.3 Análise temática do DIÁRIO 2	118
CAPÍTULO 6. A TURISTIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO DE LOURDES	123
6.1 A turistificação do santuário de Lourdes através do olhar da diarista	124
Considerações finais	127
Bibliografia geral	129
Fontes manuscritas	129
Fontes impressas	129
Índice de figuras	135
Índice de gráficos	136
Índice de mapas	137
Índice de tabelas	138

Anexos	<i>139</i>
Anexo 1 – Extrato de vocabulário por ordem decrescente	<i>140</i>
Anexo 2 – Extrato da frequência 2	<i>147</i>
Anexo 3 – Extrato dos hápax ou frequência 1	<i>149</i>
Agradecimentos	<i>167</i>
Nota biográfica da autora	<i>169</i>

Prefácio

A memória está ligada à escrita, registando factos, opiniões, sentimentos e desejos. As escritas femininas não são abundantes, mas a mulher, desde o século de oitocentos, aproveitou os elos de tinta, escrevendo para sustentar ligações de afecto, recorrendo a cartas de amor em tempos de guerra e das mobilidades,¹ tendo as jovens e as mães alimentado correntes comunicacionais. Estas epistolografias têm sido desvalorizadas e silenciadas pela dominância masculina, figurando em plano secundário, por serem consideradas marginais, de gente sem visibilidade social, especialmente quando se trata de letras domésticas.

Importa dar espaço à escrita feminina, especialmente à das mulheres das classes populares, recuperando a memória do género, para que a História da Cultura Escrita deixe cair a tendência machista.

Mesmo assim, o legado das mulheres, no contexto da circulação do escrito, não deixa de ter impacto ao nível testamentário,² assim como no quadro da vida monástica, como é exemplo Santa Teresa de Jesus,³ que se corres-

¹ Sobre a problemática da emigração, guerra mundial e guerra colonial remetemos para os nossos textos: “silêncios e tempos da escrita da emigração de oitocentos”; “escritas e silêncios de Madrinhas de guerra, abordagem à correspondência feminina para um militar da guerra colonial”, em Santana Maria Olinda Rodrigues e Rodrigues, Henrique- (ed.), *As margens da Palavra: cartas, vozes e silêncios femininos*. Porto: APHVIN/GEHVID, 2018, pp. 88-161. Ver também, “Correntes de afectos em tempo de guerra: correspondência da guerra colonial, o caso de um militar de Monção, em CAPELA, José Viriato- (coord.) *Monção entre muralhas, com tantas portas quantos sentidos*. Monção/Braga: Casa Museu de Monção/Universidade do Minho, 2014, pp. 273-297.

² Os livros de testamentos cerrados fazem a prova desta asserção, como acontece no Arquivo Distrital de Viana do Castelo, onde compulsamos estas fontes.

³ JESUS, Santa Teresa de- *Obras Completas*. 5ª ed. Avesadas: Edições Carmelo, 2016, onde constam 486 cartas, todavia aponta-se para uma correspondência desta Santa com vários milhares de epístolas, podendo ultrapassar as duas dezenas de milhar. Também deixou obra poética. Santa Teresa, juntamente com São João da Cruz, reformou o Carmelo, fundando a congregação das Carmelitas Descalças. Conhecedora das Escrituras, foi leitora de Erasmo de Roterdão, Frei Luís de Granada, Frei Luís de León, entre outros. Enfrentou a hierarquia da Igreja e o

pondeu numa época em que tal tarefa estava afastada de mãos femininas, à semelhança do que fez Teresa da Cartagena, ambas originárias de famílias judaicas conversas.⁴

A carta e o diário são os tipos de fontes mais usados no feminino, mulheres com estatuto social destacado, como o fizeram rainhas⁵ e monjas, para quem a escrita era uma necessidade vital.⁶ Outros documentos, como cader-

Santo Ofício, que a censurou e lhe apreendeu a “*Narrativa Autobiográfica*” e o “*Livro da Vida*”. Foi perseguida por defender a liberdade das monjas em relação à hierarquia masculina. A epistolografia da reformadora do Carmelo é abundante, havendo entre elas cartas ao Rei de Espanha e outras figuras de destaque social, negociando com homens do poder político e religioso, como D. Teotónio, arcebispo de Évora, revelando o seu espírito livre, com direito a pensar de forma diferente dos padrões estabelecidos. HULE, Agueda Bernardete Bittencourt- “Cartas femininas em universo masculino” in SÁEZ, Carlos e GÓMEZ, Antonio Castillo (ed.) *La Correspondência en la Historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar*. Calambur: Biblioteca Literae, 2002, pp. 262-272. As cartas de Santa Teresa de Ávila, transcritas e digitalizadas, podem ser consultadas em: <https://www.teresavila.com/cartas/>. Outra carmelita descalça, **Santa Teresa** de Lisieux, conhecida por Santa Teresinha do Menino Jesus, nascida em França, em 1873, também deixou um epistolário importante, sendo da sua autoria a *História de uma Alma, Manuscritos autobiográficos*. 15ª ed. Braga: Apostolado da Oração, 2017.

- 4 TIMONER, María Mar Cortés- “Teresa de Cartagena y Teresa de Jesús, el difícil camino hacia la escritura en femenino”, in PEÑA, María del Val González de La- *Mujer y cultura escrita*. Gijón: Ed. Trea, 2005, p. 133.
- 5 A carta foi o melhor veículo de comunicação escrita usado pelas mulheres, para se evadirem do silêncio social a que estavam submetidas, numa época em que o protagonismo público lhes estava vedado. Neste quadro emergem a espontaneidade, irracionalidade e clareza que não encontravam noutro género literário. RAMOS, Karen María Vilacoba- “Cartas familiares de una reina: relaciones epistolares de María de Francia y las descalzas reales” in PEÑA, María del Val González de La- *Mujer y cultura escrita*. o.c., p. 199.
- 6 PEÑA, María del Val González de La- “No sé dejar la pluma: las cartas de Benedita Teresa ao conde-duque Olivares” in GÓMEZ, Antonio Castillo e BLAS, Verónica Sierra- *Cartas-Lettres-Lettere: discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX)*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2014, p. 325. Ver também ALCOFORADO, Sórora Mariana. *Cartas Portuguesas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

nos de receitas⁷ e diários saídos de mãos de senhoras, fazem emergir questões sobre a construção do género, em contextos sociais e culturais específicos, cuja prática da escrita coloca o feminino no mundo em que está inserido.⁸

Mas, sendo escritas femininas, também o eram mais efémeras, por ficarem muitas vezes escondidas ou por serem destruídas,⁹ como se de um anátema se tratasse, por isso os arquivos públicos raramente nos presenteiam com documentos epistolares e diários desta natureza, que deveriam ser conservados longe dos olhares masculinos.

Um diário produzido por mulheres coloca sempre muitas questões ao investigador: por que se escreveu? a quem é dirigido? para a própria autora? para amigos? para os descendentes? para ser dado a público em livro? para recordar o prazer do escrito?... Fazer um diário é assumir um compromisso entre quem escreve e aquele que vai ler as memórias, para através delas conhecer o vivido num dado momento, seja de felicidade ou de sofrimento. É uma memória de si, uma autoconstrução, conservada em letras, partilhada com quem vier a aceder às memorações, quando libertarmos as nossas escritas para os vindouros, deixando-as como herança da cultural.

As classes populares também deixaram marcas no domínio da cultura letrada, recorrendo a epistolários e diários, entre outros escritos, que urge divulgar e estudar, porque têm estado em poeirentos silêncios. No século XIX, este género literário ganha espaço entre as jovens, enquanto prática educativa femininas aconselhadas pela burguesia e a aristocracia, coincidindo com a ascensão política e social destes grupos, mas as raparigas das classes popu-

⁷ Veja-se SANTANA, -“Escritas e representações de sabores no feminino”, in Maria Olinda Rodrigues Santana e Henrique Rodrigues, *As margens da Palavra*, o.c. pp. 275-298.

⁸ SILVEIRA, Juzelia de Moraes E GUIMARÃES, Leda Maria de Barros- “Diários, Cadernos de Receitas, Escritas de si e outras feminalidades”, in MONTEIRO, R. H. e Rocha, C. (Orgs). *Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2012, p. 1114. Consultado a 24/10/2010 em https://files.cercomp.ufg.br/web/up/778/o/2012-112_Diarios_cadernos_de_receitas.pdf.

⁹ Santa Teresa recomenda que as suas cartas sejam queimadas, depois de lidas, devido à censura do Santo Ofício. HULE, Agueda Bernardete Bittencourt- “Cartas femininas en universo masculino”, o.c., p. 264.

lares ficavam excluídas destas práticas, devido ao analfabetismo. As jovens casadoiras, além do acesso a manuais sobre a diarística, eram induzidas pelas mães ou pelas preceptoras a exercitar uma escrita tutelada.¹⁰ Todavia elas podiam escapar à vigilância familiar, quando viajavam ou fruía do ócio em estâncias, muito em voga na centúria de novecentos, tempo em que o diário íntimo deixou de ser uma cultura burguesa, popularizando-se no seio das classes subalternas, entre adolescentes e estudantes.¹¹ Também se desenvolveu uma prática de escritas epistolares femininas, permutadas com jovens do sexo masculino. Nos anos setenta e oitenta, a escrita dos períodos de lazer e em tempo balnear, através do bilhete-postal democratiza-se, circulando intensamente.

O diário feminino é diferente do masculino. Elas notam o mais sensível, comprometendo-se com pormenores do quotidiano, coisas diferentes da visão do homem, escrevendo sobre as suas experiências, como os relatos de viagens, dando memória ao que as rodeiam. Elas assumem uma escrita pessoal, biógrafa, íntima, mas também opinam sobre temas mais francos e polémicos, deixando de ser meras observadoras, para tecerem críticas do domínio cultural.¹²

A produção escrita das classes populares tem despertado o interesse de novos investigadores das áreas da História, Antropologia, Linguística, Sociologia e da Cultura Escrita, dando visibilidade a estas fontes, umas esquecidas e outras ignoradas, salvando-as e valorizando-as. Neste quadro integra-se o trabalho incansável da autora da obra que temos em mãos, que tem recolhido fontes desta natureza, formando um arquivo particular.

A Professora Doutora Olinda Santana é uma referência nacional no domínio das escritas privadas, cuja investigação está bem assinalada entre a comunidade científica nacional e internacional. Este livro, difundido eletronicamente, faz parte de um projecto com a finalidade de divulgar diários

¹⁰ ALBERCA, Manuel- “Tres calas en los diarios de las adolescentes”, in GÓMEZ, Antonio Castillo- *La Conquista del alfabeto, escritura y clases populares*. Gijón: Ediciones Trea, 2002, pp. 156-157.

¹¹ IDEM, p. 162.

¹² KITTS, Sally-Ann- “El diário español de lady Elizabeth Holland: observaciones y experiencias de la cultura española de la primera década del siglo XIX”, in PEÑA, María del Val González de La- *Mujer y cultura escrita*. o.c., pp. 248-249.

de viagem, onde se cruzam as perspectivas histórica, linguística e discursiva, cujos manuscritos em estudo constituem um *corpus* de doze diários, escritas de gente comum e anónima. Começemos por sublinhar a importância desta edição: é um contributo grande para o turismo religioso, mas também para o conhecimento de escritas dos de baixo, os sem história.

Estamos perante um arquivo fechado, salvo pela Doutora Olinda Santana, produzido ao longo de várias dezenas de anos por uma senhora, pautado por um discurso diarístico, de onde sobressaem as memórias de viagens, desde 1938 até 1973, feito pela pena de Irma de Sousa. Também devemos realçar o valor desta diarista para a arquivística, de quem pensou e deixou a escrita de si, recorrendo aos momentos de ócio e de turismo, seja laico ou religioso.

A obra tem um título elucidativo: *Diário de viagem duma portuense*, com o subtítulo: *turiperegrinação a Lourdes (1958)*, e está organizado em vários capítulos. A fonte em questão, gizada por mãos femininas, é de carácter pessoal; é o arquivo da própria vida de Irma de Sousa, nascida no Porto em 1910. Globalmente, proporciona-nos acesso às práticas turísticas no século vinte, alguém que viajou em Portugal e por vários países da Europa, a partir dos vinte e oito anos de idade. O leitor, através deste livro, pode aceder a dez tomos manuscritos e dois álbuns-diários, produzidos por uma senhora que conservou em palavras e imagens tempos de prazer, para os reviver. A diarista não deixou de rememorar os tempos de meninice e adolescência, com viagens feitas com familiares nos anos vinte, como realça a Professora Olinda Santana.

Começemos por sublinhar que a arquivista, além de peregrinações a Fátima e Lourdes, viajou por França, onde participou em cursos de Verão nas universidades de Caen e Strasbourg, passeou por Itália, Áustria, Alemanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Checoslováquia, Hungria, Jugoslávia, Suíça, além do tempo de lazer no Algarve e mesmo em Trás-os-Montes. Era uma apaixonada pelo turismo cultural, mas também religioso, que praticava durante o tempo de férias.

O diário não deixa de exibir a sensibilidade da Irma de Sousa, sobre as memórias e sensações, ao rever os tempos de felicidade, quando participou no centenário das Aparições de Nossa Senhora de Lourdes, recordado em dois manuscritos. Sobre este aspecto, a autora do livro que temos em mãos, a Professora Olinda Santana, realça o facto de se tratar de uma escritora de memórias, sem abrir os segredos da intimidade.

Olinda Santana traça perfis biográficos da escrevente, faz o enquadramento histórico, e classifica o arquivo pessoal de uma mulher durante o Estado Novo. Trata-se de uma jovem com actividades ligadas à Juventude Católica Feminina, na paróquia de Paranhos, frequentando também Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Rua de Costa Cabral, Porto, instituições organizadoras de peregrinações religiosas descritas nos diários. Oriunda de uma família da classe média alta, solteira, viajou desde tenra idade, passando férias em vários sítios do Norte de Portugal, com a família. A Doutora Olinda Santana, não tendo referências documentais precisas, deixa a hipótese de podermos estar perante uma professora de colégio privado, considerando a frequência de cursos de Verão em universidades de França e a referência a visitas de estudo organizadas pelo Colégio Lusitano, no Porto. «Nos seus discursos diarísticos aludiu diversas vezes que fazia viagens turísticas e peregrinações para repousar do seu extenuante labor profissional», sublinha a Historiadora.

Não deixa de ser notada a finalidade e a necessidade da elaboração de um diário: deixar boas memórias dos tempos de ócio, trazendo-os à lembrança e revivendo-os.

Neste capítulo, ainda somos postos perante uma reflexão da Linguista/Historiadora sobre o valor das fontes, sublinhando a necessidade de ouvir vozes menos valorizadas, mas importantes para o conhecimento da cultura letrada, onde os silêncios e “jogos de esconder/mostrar” dão luz nova à história de gente comum, participando na construção das identidades sociais. Olinda Santana arquitecta um texto bem condimentado bibliograficamente, deitando mão a notadas referências neste domínio, o da escrita diarística do “eu feminino”, de onde emergem representações sociais deixadas no silêncio por escritores masculinos.

No capítulo segundo, o leitor tem acesso a uma reflexão sobre o género discursivo e o viático, sendo este último praticado pela produtora do diário, onde se destaca a “escrita do eu”. Aqui encontramos a narração das viagens, sem deixar de haver recurso a aspectos ficcionais, mas não nos é proporcionado o acesso ao segredo, à intimidade da viajante, que optou por descrever, como se desejasse deixar quadros ou retratos feitos de letras, um álbum de memórias do “narrador-viajante”. Trata-se de testemunhos com valor histórico, de onde se realçam as vivências da turista e as provas dos percursos por vários países e sítios, por vezes com descrições diárias, sem deixar de relatar

emoções sentidas ao admirar patrimónios, como uma paisagem ou um monumento. O sensível, o belo, a arte e os espaços de contemplação cativam a mulher escritora.

No capítulo seguinte, temos a abordagem ao turismo cultural, onde se destaca o gosto pelo saber, pela cultura e língua francesas, mas também através da visita a monumentos arquitectónicos, recorrendo a leituras prévias, preparando-se para melhor compreender a riqueza cultural dos sítios visitados. Aqui, a autora deste estudo ainda aborda as experiências sensoriais, sociais, culturais e económicas, traduzidas em letras para a turista reviver as emoções de tempos de felicidade.

Outra reflexão feita pela Professora Doutora Olinda alerta o leitor para o carácter místico e contemplativo do turismo espiritual, que também conduz ao ócio e lazer, conjugando os tempos do sagrado e do profano, onde o carácter religioso tem apoio de componentes laicas proporcionadoras de harmonia e prazer. Neste contexto entra a “turiperegrinação”. Sobre esta questão, a autora deste livro deixa uma brilhante síntese, num estilo muito cuidado e bem documentado. E conclui que «a diarista procurou o “contacto com o sagrado”, o recolhimento com o divino, o encontro consigo própria, mas também a fuga ao stress do trabalho quotidiano», para “recarregar baterias” e preparar-se para o bom desempenho profissional, depois das férias de Verão.

O diário ainda presenteia o investigador com as vivências, sociabilidades, hospitalidade, aspectos da restauração e economia de viagens, os apoios ao turista, «a boa ou má qualidade dos serviços prestados pelos organizadores das viagens, pelos hotéis e restaurantes, as acessibilidades, os bons e maus transportes, a relação qualidade-preço», avaliando os agentes envolvidos nestas dinâmicas. Nada escapa ao olhar e à crítica de Irma de Sousa.

O quarto capítulo trata do diário, onde são apresentadas normas da edição do manuscrito, acompanhada de imagens. A escrita tem referência aos sítios por onde vai trilhando a excursão, alusões à paisagem, passagem de fronteira, a hospedagem e cidades que vão sendo anunciadas e visitadas. A leitura desta peça é agradável e introduz-nos nos espaços culturais e arquitectónicos de maior referência. O texto evidencia uma escritora portadora de competências escolares acima da média, revelando uma mulher com conhecimentos próprios de quem teve formação superior.

Com esta edição, a Professora Doutora Olinda Santana dá longevidade em suporte virtual às escritas femininas, pelo que deixamos um sublinhado de bom apreço, proporcionando, ao público em geral e aos investigadores em particular, um conjunto de diários que dão a conhecer aspectos sociais, mas também da cultura e mentalidades do século passado, num registo diarístico. O leitor poderá apreciar, através de uma escrita de gosto feminino, a sensibilidade com que nos presenteia Irma de Sousa, que tinha boa relação com religioso, tendo mesmo acolitado dois sacerdotes em Lourdes, como vem referido no diário.

Cabe, agora, ao leitor deliciar-se com a oferta deixada pela Doutora Olinda que, enquanto proprietária da fonte, nos oferece um estudo inédito e a transcrição dos documentos. Uma nota para a capa, de bom gosto e muito sugestiva.

Professor Doutor Henrique Rodrigues
Investigador do CETRAD/UTAD

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho dá continuidade a um projeto de edição, análise multidisciplinar e a divulgação dum acervo pessoal de diários de viagens originais duma portuense, Maria Irma Nunes de Sousa, nascida em 1910, na freguesia de Paranhos no Porto, tendo aí vivido quase oito décadas e falecido em 1989.

Criamos uma coleção de e-books a partir do referido arquivo pessoal, porque este é constituído exclusivamente por diários de viagem. É invulgar encontrar um conjunto coeso de textos de viagem manuscritos e originais para este lapso temporal, em Portugal.

Pretendemos editar e analisar numa perspetiva multidisciplinar (histórica, turística e discursiva) o conjunto dos 12 diários inéditos, manuscritos, ilustrados e decorados pela supracitada diarista.

Sendo um arquivo pessoal fechado, permite descortinar as tendências das práticas turísticas duma turista cultural que viajou pelo seu país e pela Europa numa grande parte do século XX. Com base neste acervo, podemos desenvolver diferenciadas e complementares abordagens científicas, pois estamos perante um caso paradigmático duma mulher viajante duma classe social média-alta, proveniente dum meio urbano: a cidade do Porto.

Queremos colocar à disposição dos investigadores das áreas da linguística (edição de texto e análise discursiva), da historiografia e do turismo, bem como dos estudantes e dos apreciadores de textos viáticos, um género discursivo tão pouco selecionado pelos escreventes e escritores portugueses.

Coleção de diários de viagens turístico-culturais duma portuense

O Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa (1910 – 1989) é formado por 12 diários de viagem manuscritos, como dissemos, sendo 10 diários e 2 álbuns-diários. Todos eles descrevem viagens turístico-culturais vivenciadas pela diarista portuense. Os seus diários preservam duma forma mais particularizada ou mais abreviada os relatos de quase todas as viagens executadas pela escrevente (Barthes 1977: 205-215), durante toda a sua existência.

O começo da escrita diarística projetado por Maria Irma Nunes de Sousa aconteceu, quando esta tinha 28 anos, no ano de 1938. A partir desse ano, a escrevente decidiu reviver através de palavras e imagens muitas das suas viagens turístico-culturais. Tendo iniciado, nessa altura, a composição dum original arquivo pessoal de 12 diários de viagem manuscritos, manufaturados, ilustrados e decorados pela citada diarista. No seu diário-síntese (D10) e último diário, relembra inclusive as viagens feitas durante a sua meninice e adolescência, tendo conseguido dilatar assim o período temporal da sua escrita diarística por mais uma década. Relembrou as memórias das suas primeiras viagens realizadas com a família mais próxima: o seu padrinho, os pais e irmãos, na década de 20 do século XX, dando assim a conhecer aos possíveis leitores as suas viagens efetuadas durante mais de 50 anos da sua existência.

Estamos perante um caso singular no domínio da arquivística e da diarística portuguesas.

O título da coleção dos textos de viagem de Maria Irma Nunes de Sousa é “DIÁRIOS DE VIAGEM DUMA PORTUENSE”, uma vez que a diarista em todos os seus textos viáticos faz questão de referir a sua proveniência geográfica por palavras e por imagens tanto na sua partida como na sua chegada à “saudosas” cidade do Porto (DIÁRIO 2), “à mais pitoresca cidade do mundo” (DIÁRIO 3). Maria Irma nasceu, viveu e faleceu na cidade do Porto. Nos seus diários, quis imortalizar o seu extremo amor à “Antiga Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade da Virgem” (DIÁRIO 2).

Dado que tivemos a sorte de encontrar tão invulgar acervo de documentos manuscritos originais, decidimos editá-los e estudá-los, gradualmente, numa abordagem multidisciplinar, aliando a história e a arquivística, o turismo, a edição de texto e a análise do discurso.

A coleção proposta será editada em e-books e seguirá a ordem a seguir apontada.

COLEÇÃO: DIÁRIOS DE VIAGEM DUMA PORTUENSE	
DIÁRIO 1: TURIPEREGRINAÇÕES A FÁTIMA (1938-1973)	
DIÁRIO 2: TURIPEREGRINAÇÃO A LOURDES (1958)	
ÁLBUM-DIÁRIO 1: TURIPEREGRINAÇÃO A LOURDES (1958)	
DIÁRIO 3: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL A PARIS (1962)	
ÁLBUM-DIÁRIO 2: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL A PARIS (1962)	
DIÁRIO 4: VIAGENS TURÍSTICO-CULTURAIS ÀS BERLENGAS, ALGARVE E FÁTIMA (1963, 1964)	
DIÁRIO 5: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL A ITÁLIA (1965)	
DIÁRIO 6: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL A FRANÇA (CAEN) (1966)	
DIÁRIO 7: VIAGENS TURÍSTICO-CULTURAIS À ALSÁCIA E À SUÍÇA (1969)	
DIÁRIO 8: VIAGENS DE TURIPEREGRINAÇÕES A LOURDES, ANDORRA E ÀS AMENDOEIRAS EM FLOR (1971 - 1972)	
DIÁRIO 9: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL À EUROPA ORIENTAL (1973)	
DIÁRIO 10: SÍNTESE DE TODAS AS VIAGENS DUMA VIDA	

No universo dos seus textos de viagem, alguns narram turiperegrinações a Fátima (D1, D4), a Lourdes (D2, D8), estando relacionados com práticas de turismo cultural e religioso, outras são viagens turístico-culturais a França, designadamente a Paris (D3), outras viagens estão enquadradas nas práticas turísticas de turismo patrimonial e educacional, porquanto esta realizou vários cursos de férias de “Língua e Civilização Francesas” nas universidades francesas de Caen (D6) e de Strasbourg (D7). Praticou viagens turístico-culturais a Itália (D5), à Suíça (D7), à Europa Oriental (D9), bem como algumas viagens associadas ao turismo de massa de “sol e praia” ao Algarve (D4) e às Amendoeiras em Flor no Douro e Trás-os-Montes (D8). Todavia, importa reter que a maior parte das suas viagens foram práticas turísticas representativas do turismo espiritual e de turismo cultural sobretudo urbano.

Diário 2: Turiperegrinação a Lourdes (1958)

Esta é a segunda publicação em formato digital do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa, uma senhora portuense, nascida em 1910 e falecida em 1989, como já referimos. Era uma senhora da classe média alta, que, a partir de 1938, decidiu criar um acervo de diários de todas as suas experiências de turismo cultural interno e externo.

No presente trabalho, é editado e estudado numa perspetiva interdisciplinar: histórica, turística e discursiva o segundo diário catalogado no seu arquivo por D2 (DIÁRIO 2). Este texto viático regista, em discurso, as recordações da sua turiperegrinação ao santuário de Lourdes realizada, de 26 de agosto a 5 de setembro de 1958, no centenário das Aparições de N.^a Sr.^a a Bernardette Soubirous em Lourdes.

Como temos acesso ao citado arquivo pessoal, resolvemos editar e analisar o DIÁRIO 2: “Turiperegrinação a Lourdes (1958)”, disponibilizando a todos os investigadores e apreciadores do género viático, a narrativa duma turiperegrinação ao santuário de N.^a Sr.^a de Lourdes, o santuário mariano mais visitado na Europa, no ano de 1958.

A peculiaridade, já apontada deste acervo pessoal, incentiva à divulgação gradual da coleção dos 12 diários e álbuns de Maria Irma Nunes de Sousa.

INTRODUÇÃO

Esta é a segunda publicação do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa, uma portuense nascida a 24 de junho de 1910, na freguesia de Paranhos, na cidade do Porto. Esta senhora viveu toda a sua vida na sua cidade natal e aí pereceu a 12 de fevereiro de 1989. Está sepultada no cemitério de Paranhos, conforme informação da Junta da respetiva freguesia.

Como dissemos na introdução à primeira publicação (Santana 2018: 11), Maria Irma Nunes de Sousa era uma senhora letrada e viajada, que, a partir de certa altura da sua existência, mais precisamente aos 28 anos, em 1938, resolveu eternizar por palavras e imagens as recordações de todas as viagens realizadas no país e no estrangeiro. Tendo iniciado, nessa data, a criação dum arquivo pessoal com a sua escrita diarística viática.

Na primeira página do presente diário, aponta os motivos da sua escrita:

Se, ‘recordar é fazer passar pelo coração alguém, ou alguma coisa’, ao folhear este álbum vibro de saudade lembrando os dias plenos de suave emoção que tive a felicidade de usufruir quando da nossa peregrinação a Lourdes no Centenário das Aparições de Nossa Senhora!

26 de Agosto a 5 de Setembro de 1958

Maria Irma (D2, página 3).

Da viagem de turiperegrinação a Lourdes no Centenário das Aparições de Nossa Senhora, concretizada de 26 de agosto a 5 de setembro de 1958, a diarista produziu dois manuscritos inéditos: um diário manuscrito, catalogado no seu Arquivo Pessoal por D2, por se tratar dum diário elaborado pela própria escrevente e um álbum-diário, profusamente ilustrado, com postais

ilustrados e fotografias catalogado por nós no seu arquivo como A1, Álbum-diário 1, contendo um discurso muito próximo do D2.

Como aludimos anteriormente (Santana 2018), os manuscritos inéditos dos diários de viagem foram acautelados pela sua produtora e chegaram até nós, por mera casualidade, tendo sido adquiridos numa feira de velharias na cidade do Porto, estando na nossa posse há vários anos.

Metodologicamente, decidimos fazer uma abordagem multidisciplinar, tal como fizemos para o DIÁRIO 1. A investigação proposta junta áreas do saber muito diversas: a história, a arquivística, o turismo, a edição de texto, a análise estatístico-lexical, domínios que não são habitualmente agregados, tornando este trabalho precursor na congregação de áreas científicas que não costumam estar congregaradas.

Os diários de viagens permitem múltiplas abordagens científicas, como qualquer género discursivo, podem gerar uma abordagem no âmbito da literatura de turismo, no da literatura de viagens, um género ou subgénero literário. Todavia como os diários de viagem da nossa diarista não são textos literários saídos da pena duma escritora, mas apenas textos de viagem duma mulher comum, letrada, mas não literata, sendo, na verdade, textos não-literários. Em virtude desta particularidade discursiva não elegemos proceder a uma análise numa perspetiva do turismo literário nem da literatura de turismo, ao invés, escolhemos aplicar uma análise estatístico-discursiva ao diário. Estamos certas de que é pouco comum agregar a história, a arquivística, o turismo cultural e a linguística, mas é um trilho que consideramos importante percorrer.

A nossa análise prevê a conjugação da componente teórica com a prática, empregando o processo hermenêutico, próprio dos estudos linguísticos, historiográficos e arquivísticos e a análise estatístico-lexical usada, igualmente, nos estudos de turismo.

No que concerne à estrutura formal desta segunda publicação, esta ramifica-se em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, num primeiro item, traçamos uma biografia da diarista, num segundo, fizemos um enquadramento histórico-político. Num terceiro momento, classificamos o arquivo pessoal, como um sistema de informação e disponibilizamos o inventário do arquivo.

Num segundo capítulo, enquadrámos os géneros discursivos e definimos o género viático.

Num terceiro capítulo, num primeiro momento tratamos as várias componentes do turismo cultural, num segundo, o turismo espiritual e religioso.

Num terceiro ponto, distinguimos os conceitos de peregrinação e turiperegrinação. Num quarto item, abordamos também as opções turísticas da diarista.

Num quarto capítulo, fornecemos as normas editoriais da edição paleográfica. Tal como aconteceu com a escolha da edição do DIÁRIO 1, decidimos fazer uma edição o mais fiel possível ao manuscrito original, para que esta fonte possa tornar-se um documento fiel disponível para estudos linguísticos de ortografia, pontuação, entre outros. Facultamos igualmente algumas notas estilísticas deste texto viático.

No quinto capítulo, procedemos a uma abordagem discursiva, vocabular e temática do DIÁRIO 2.

No capítulo sexto, abordamos o modo como a diarista viu a turistificação do Santuário de N.^a Sr.^a de Lourdes em comparação com a forma como a mesma diarista observou a turistificação do santuário de Fátima na mesma época.

Concluimos o trabalho com algumas considerações finais.

Com a publicação e o estudo deste segundo diário, continuamos a concretizar o nosso principal objetivo: a edição, o estudo multidisciplinar e a divulgação do original arquivo de diários de viagem de Maria Irma Nunes de Sousa.

CAPÍTULO 1

ARQUIVO PESSOAL DUMA MULHER COMUM

No primeiro e-book da coleção, fornecemos uma breve biografia da diarista Maria Irma Nunes de Sousa. Produzimos um enquadramento histórico do momento da escrita dos diários, importante para a compreensão do contexto social e político em que foram redigidos: o Estado Novo.

Neste segundo trabalho, teremos de relembrar algumas informações e noções terminológicas transmitidas no trabalho anterior, porque são trabalhos que podem ser lidos autonomamente, embora não deixem de estar interligados, tendo nós nos dois seguido a mesma filosofia da coleção de diários proposta no primeiro e-book e a obviamente a mesma abordagem metodológica.

1.1 A diarista Maria Irma Nunes de Sousa

Depois da leitura do todo o seu acervo e da pesquisa histórica e arquivística, conseguimos descortinar a identidade de Maria Irma Nunes de Sousa. Nasceu no dia 24 de junho de 1910, no dia de S. João, o santo popular mais venerado, na cidade do Porto. Concluímos também que viveu na freguesia de Paranhos, tendo falecido a 12 de fevereiro de 1989, com 79 anos, na sua cidade natal.

Mapa 1: freguesia de Paranhos, Porto



Fonte: Internet. Disponível em <https://www.jfparanhos-porto.pt/pt/pages/mapa>. (Acedido 6, julho, 2020).

Paranhos é a maior freguesia da cidade do Porto¹³. Confinava com freguesias de vários concelhos: Matosinhos, Maia, Gondomar.

Maria Irma Nunes de Sousa, pelas indicações dadas nos seus textos viáticos, movimentava-se pelo espaço geográfico da sua freguesia, pois era a área geográfica de residência e do seu local de trabalho. No seu primeiro diário, informa-nos que tinha sido “tesoureira” na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Paranhos. Acrescenta ainda que integrava a “direção paroquial da Juventude Católica Feminina”. Foi, durante o período de tempo descrito nos diários, quase cinco décadas, uma senhora muito ligada à igreja católica. Dá a entender que, em 1938, trabalhava como tesoureira da mencionada igreja. Frequentava ainda a Igreja de N.ª Sr.ª do Perpétuo Socorro, na Rua de Costa Cabral, geograficamente perto da Igreja Paroquial de Paranhos. Muitas das suas peregrinações foram organizadas pelas duas instituições religiosas.

Era uma senhora católica fervorosa, integrava uma família com recursos, porquanto começou a viajar com o padrinho, os pais e os irmãos, desde a mais tenra idade. Passava férias com a família em Oliveira de Azeméis, em S. João da Madeira, em Paços de Ferreira, em períodos de convalescença duma doença grave. Era solteira vivia com os pais e irmãos. Não dá informes sobre a localização exata da sua residência familiar. Fez muito poucas alusões à sua carreira profissional. Deduzimos nas entrelinhas que trabalhou, para além da tesouraria da Igreja de N.ª Sr.ª da Conceição, possivelmente, durante alguns anos, no Colégio Lusitano, no Porto, não tendo referido em nenhum momento se tinha sido funcionária administrativa, por exemplo, ou professora. Mencionou apenas que fez várias viagens de estudo com o citado Colégio, por conseguinte deveria ter alguma vinculação profissional ao extinto Colégio¹⁴. Nos seus discursos diarísticos aludiu diversas vezes que fazia viagens turísticas e peregrinações para repousar do seu extenuante labor profissional. Tencionamos no final do projeto disponibilizar uma biografia mais completa da diarista baseada na leitura de documentação arquivística.

A principal motivação indicada pela diarista para a escrita dos diários de viagem era a rememoração de agradáveis momentos passados. Referiu que executava a redação dos diários de viagens para si própria, com a intenção de

¹³ Delimita a norte com a freguesia de S. Mamede Infesta, que pertence ao concelho de Matosinhos, com a freguesia de Pedrouços que integra o concelho da Maia e com Rio Tinto, freguesia do concelho de Gondomar. A este demarca com Campanhã, a sul com a freguesia do Bonfim, Santo Ildefonso e Cedofeita, a oeste limita com a freguesia de Ramalde.

¹⁴ No e-book 1 desta coleção disponibilizamos uma fotografia antiga do Colégio com a sua localização geográfica.

recordar as viagens que lhe tinham causado gratas memórias, porém, tinha outra motivação: amenizar os períodos das suas longas convalescenças (abertura do DIÁRIO 7) duma doença grave inominada. É-nos dito, no Diário 10, que esteve “em Julho de 1968” 22 dias, em Paris, para ser “examinada” no Institut Gustave Roussy¹⁵, o primeiro centro europeu de tratamentos, investigação e ensino sobre o cancro. Declarou, no mesmo diário, que os “resultados de todas as análises” tinham sido “negativos”. Dessa viagem a Paris para tratamento da sua doença, a diarista não redigiu um diário, ou não o deixou para a posteridade. Ademais, teve sempre o cuidado de não nomear em nenhum diário a doença. Esta foi a opção da escrevente: aludir mas não partilhar a informação pessoal sobre o seu estado de saúde.

1.2 O Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa e a sua relevância histórica

A historiografia atual reconhece que o recurso ao estudo dos arquivos dos indivíduos comuns, dos agentes da história, permite circunscrever a “complexidade do mundo social”, uma vez que esses arquivos desenham uma história individual e coletiva (Artières; Kalifa 2002: 8). Trata-se de ouvir vozes diferentes das que foram sempre ouvidas, vozes, comumente, menos audíveis, mas igualmente importantes para a compreensão da história recente. Como observou François Maspéro: “Il s’agit d’aller, vers le passé, d’apporter pour l’avenir, des éléments à une culture populaire”¹⁶, ou seja, o historiador tem de prestar atenção aos “silenciosos da história”, tem de interpretar os seus “silêncios”, de desvelar os “subtis jogos do esconder/mostrar”, jogos esses tão presentes nos diários de Maria Irma Nunes de Sousa, como veremos adiante.

A valorização historiográfica dos testemunhos individuais, dos percursos dos atores banais, das suas subjetividades, em vez do estudo das “regularidades” dos grupos hegemónicos, contribui para a construção da história cultural, isto é, da “história da singularidade” (Corbin 2002: 139-154). Porém, importa sublinhar que o mundo autobiográfico não é só um espaço da pessoalidade, é também um ato social, uma vez que o indivíduo não vive isolado, vive numa família, numa comunidade, numa sociedade, num país. Logo, os escritos biográficos do arquivo pessoal fusionam a individualidade no grupo social e participam na “construção das identidades pessoais e sociais” (Artières; Kalifa 2002: 13).

¹⁵ Internet. Disponível em <https://www.gustaveroussy.fr/fr/linstitut> (Acedido 9, setembro, 2020).

¹⁶ Citado a partir de (Artières; Kalifa 2002: 9).

Como veremos abaixo Maria Irma Nunes de Sousa ao construir os seus testemunhos, neste diário, inclui os da sua irmã (Amélia), e os dos grupos de turistas que viajavam com ela. As marcas da primeira pessoa ora do singular ora do plural, o “eu” e o “nós”, os deícticos introdutórios da subjetividade nos discursos, são onnipresentes no diário de viagem em análise.

Os textos viáticos de Maria Irma são textos autobiográficos, inscrevem-se nas “escritas do foro privado” (Foisil 1986¹⁷).

Mais recentemente, Philippe Artières e Dominique Kalifa defendem que os escritos autobiográficos dos arquivos pessoais são, para a historiografia atual, materiais privilegiados, porque são capazes de apreender o “infra-ordinaire” descrito por Georges Perec (1989), o mesmo é dizer, conjugam as emoções, as sensibilidades do “eu” individual, com as representações sociais do “eu” coletivo.

Como expressam os citados historiadores: “Loin de s’y opposer, l’individu et la société y émergent comme deux abstractions complémentaires”, gerando um “eu coletivo” (Artières; Kalifa 2002: 13-14). É este entrosamento constante do individual e do coletivo que assoma nos discursos dos textos de viagem de Maria Irma, pois, tal como os próprios nomes indicam, “diário” remete para o relato da sensibilidade e subjetividade do “eu” e a viagem reenvia a um processo coletivo, social, uma vez que a viagem é sempre feita em conjugação com o(s) “outro(s)”, os acompanhantes, os prestadores de serviços, os habitantes dos locais visitados, entre outros.

Os diários de viagem são escritos autobiográficos dos arquivos pessoais, tal como outros tipos de diários são escritos do “eu”, mas apresentam uma componente turística associada à viagem. São “objetos históricos” conciliadores das subjetividades, das sensibilidades dos escreventes, bem como da sua injunção social. Os diaristas são “atores sociais”, pertencentes a determinados estratos duma comunidade, por isso os seus testemunhos permitem sempre uma leitura das sociedades e das suas representações (Artières; Kalifa 2002: 15).

1.3 Inventário do Arquivo Pessoal

Este ponto tem de ser incluído, de novo, neste trabalho, porque é indispensável para a compreensão da formação do Arquivo Pessoal da diarista Maria Irma Nunes de Sousa e para a perceção da arquitetura do referido arquivo.

¹⁷ Expressão da historiadora francesa Madeleine Foisil (1986), citado a partir de Lacoue-Labarthe, Isabelle; Mouysset, Sylvie - «De ‘l’ombre légère’ à la ‘machine à écrire familiale’», *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, 35, 2012, URL: <http://clio.revues.org/10489>: 8 (Acedido 1, outubro, 2016).

Ademais terá de ser fornecido em todos os trabalhos sobre os 12 diários da coleção, uma vez que cada um deles pode ser lido autonomamente. Sem um breve enquadramento não se percebem as motivações da escrita diarística, as ligações históricas, discursivas, entre outras. Assim sendo, o inventário do arquivo pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa é o exposto abaixo.

Diários de Viagem	Data
D1 – Diário de turiperegrinações a Fátima	13 de maio de 1938 a 11 de novembro de 1973
D2 – Diário da turiperegrinação a Lourdes “Centenário das Aparições de N. ^a Sr. ^a ”	26 de agosto a 5 de setembro de 1958
D3 – Diário da viagem turístico-cultural a Paris	26 de agosto a 8 de setembro de 1962
D4 – Diário de “apontamentos da excursão às Berlengas em 18 a 22 de Agosto de 1963”, viagem ao Algarve 1964, viagem a Fátima	18 a 22 de agosto de 1963 25 a 31 de setembro 1964 31 de setembro a 1 de outubro de 1964
D5 – Diário de “Apontamentos da viagem volta à Itália”	1 a 30 de setembro de 1965
D6 – Diário do “Cours International de Vacances du 4 Juillet au 30 juillet 1966 – Université de Caen”	2 a 30 de julho de 1966
D7 – Diário da viagem à Alsácia e à Suíça “Cours d’Été de la Faculté des Lettres - Strasbourg” e viagem à Suíça	17 a 31 de julho de 1969 – Strasbourg 1 a 12 de agosto de 1969 – Suíça
D8 – Diário da turiperegrinação a “Lourdes - Andorra”, da viagem às “Amendoiras em flor”, da turiperegrinação à “cidade de Lourdes no coração dos Pirenéus” (2. ^a vez)	1 a 10 de julho de 1971 27 e 28 de fevereiro de 1971 20 a 28 de julho de 1972
D9 – Diário da viagem de férias à “Europa Oriental”	3 a 17 de junho de 1973
D10 – Diário – Síntese de todas as viagens	Antes de 1938 a 1973

Tabela 1: diários do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa

Importa referir que do citado acervo pessoal, fazem parte dois álbuns-diários, o primeiro concernente à 1.^a turiperegrinação ao santuário de Lourdes, realizada entre 26 de agosto a 5 de setembro de 1958. Este álbum-diário é uma variante discursiva e ilustrativa do diário catalogado por (DIÁRIO 2) editado e estudado neste trabalho. O segundo Álbum-diário diz respeito à viagem de turismo cultural a Paris, efetuada de 26 de agosto e 7 de setembro de 1962, sendo igualmente uma variante textual e imagética do diário (DIÁRIO 3).

Álbuns-diários de viagem	Data
A1 – Álbum-diário da turiperegrinação a Lourdes	26 de agosto a 5 de setembro 1958
A2 – Álbum-diário da viagem turístico-cultural a Paris	26 de agosto e 7 de setembro de 1962

Tabela 2: álbuns-diários do Arquivo de Maria Irma Nunes de Sousa

Como a diarista tem muito poucas imagens suas nos seus diários, para conhecermos a fisionomia da diarista, Maria Irma Nunes de Sousa, fornecemos abaixo uma das raras fotografias disponibilizada no seu arquivo pessoal. Esta fotografia encontra-se no Álbum-diário 1 (A1) da viagem de turiperegrinação a Lourdes realizada em setembro 1958.



Figura 1: Maria Irma à esquerda em baixo, “Um grupo em Salamanca”, viagem a Lourdes 1958 (A1)

De seguida, serão tratados os assuntos relacionados com os géneros discursivos e o género viático em particular.

CAPÍTULO 2

OS GÉNEROS DISCURSIVOS E O GÉNERO VIÁTICO

2.1 Os géneros discursivos

Os géneros discursivos fazem parte da estrutura primordial duma língua. São eles que promovem a socialização, a inserção prática nas atividades comunicativas duma comunidade linguística.

Seguiremos os ensinamentos da teoria da enunciação de Mikhaïl Bakhtin (1926; 1984), porque esta se baseia na relação existente entre os sujeitos-enunciativos e os seus interlocutores, o sistema linguístico e a sua constante atualização, a história e a sociedade. A produção dos discursos, no quotidiano, reflete inegavelmente a interdependência destas quatro componentes.

O discurso é um ‘cenário’ de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve ‘encená-la’, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel de ouvinte; e, para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes. (Bakhtin 1926: 199).¹⁸

Como defende ainda Bakhtin os géneros discursivos são aprendidos naturalmente quando aprendemos uma língua e uma cultura. Os sujeitos falantes ou escreventes aprendem a moldar os seus discursos nas diferentes formas dos géneros discursivos disponíveis no seu idioma. Assim, ao ouvir os discursos dos outros, adivinha-se automaticamente o género discursivo usado, “pressente-se a sua extensão, a sua estrutura composicional, e prevê-se até o seu final”¹⁹ (Bakhtin 1984: 285). Os diferentes discursos são captados como um todo, alterável sempre que as circunstâncias situacionais e as instâncias dialogais (Hagège 1990: 11) da produção discursiva mudam.

As “formas da língua e as formas dos enunciados”, isto é, os géneros discursivos introduzem-se na experiência dos falantes / escreventes conjuntamente e sem que a sua correlação estreita seja rompida (Bakhtin 1984: 285). Por conseguinte, os géneros discursivos são aprendidos automaticamente quando se aprende uma língua e uma cultura.

A teoria bakhtiniana foi retomada por muitos outros linguistas (Foucault 1969; Barthes 1976; Hagège 1990; Fonseca 1994; Maingeneau 1997), considerando todos eles, na sua senda, que a língua é composta por instâncias dialogais, polifónicas, compostas por inúmeras vozes que povoam e constroem as tessituras discursivas.

¹⁸ Tradução nossa.

¹⁹ Tradução nossa.

Como defende Claude Hagège: “De uma maneira convergente, a contribuição dada pela linguística ao projecto antropológico é posta em destaque, na medida em que a linguística demonstra como a autonomia da língua, relativamente ao pensável, por um lado, ao universo de que fala, por outro, e finalmente aos sistemas lógicos, está ligada às instâncias dialogais (...), tal como lhes está ligada a ordem segundo a qual o discurso articula o mundo (...). Finalmente, o conhecimento do homem que nos é proporcionado pelo estudo das suas condutas discursivas pode abrir caminho a uma exploração cultural ou política, isto é, a uma utilização do poder da língua com fins de poder (Hagège 1990: 11).²⁰

Retomando, de igual modo, Austin (1970) e ligando o estudo da performatividade dos discursos à citação de Hagège (1990: 11), podemos considerar que o dizer ou o discurso é “fazer”, é agir sobre o outro e ao agir sobre o outro, exerce-se o “poder”. Saber usar e construir discursos moldados num género discursivo concreto, como o género viático ou outro, é exercer uma espécie de poder, de hegemonia perante os outros locutores ou escreventes.

A diarista Maria Irma praticou o género viático, um género híbrido, que contém características do género confessional, da escrita do “eu” e, simultaneamente, do relato referencial numa viagem turística e religiosa. Como ensina Bakhtin, o discurso é sempre uma encenação, no caso do diário de viagem, dum acontecimento concreto, datado, localizado, e vivenciado pela narradora-viajante e seus acompanhantes na viagem.

2.2 O género viático: o escolhido pela diarista

Os diários de Maria Irma Nunes de Sousa são textos de viagem, por isso enquadram-se no género discursivo viático. São constituídos por uma componente historiável, amarrada às circunstâncias reais das viagens, balizadas por datas, pelos participantes ou viajantes-turistas, pelos espaços visitados, porém, apresentam também um cunho ficcional construído em cada diário pela “narradora-viajante”. As narrativas viáticas de Maria Irma, tal como ela informa, tinham como principal intuito a rememoração das inúmeras viagens de turismo espiritual e turismo cultural, realizadas pela diarista, entre 1938 e 1973, ou seja, durante quase quatro décadas, no contexto histórico, político e social do Estado Novo.

Os seus textos não apresentam um tom confessional muito acentuado, porque a escrevente não pretendeu desvendar os segredos da sua vida pes-

²⁰ Tradução nossa.

soal, ao invés, preferiu descrever as suas viagens culturais duma forma preferencialmente neutra, controlando sempre que possível a sua subjetividade.

Os diários de viagens de Maria Irma Nunes de Sousa encaixam-se, como afirmamos, no género discursivo viático, um género híbrido, que se situa entre a literatura e o guia turístico (Cunha 2012: 156).

O género viático inscreve-se na literatura de viagens, assentando em duas vertentes complementares: a autobiográfica, porque escrita por um sujeito-escrevente, um “eu” ou “nós”, ou melhor, um “narrador-viajante”, que disponibiliza as suas experiências associadas ao processo de viajar, legando ao possível leitor o seu ponto de vista, o seu modo de sentir e de construir o vivido, com um olhar de turista cultural, uma vez que é o “narrador-viajante” que, influenciado pelo marketing turístico epocal, pelos guias turísticos disponíveis, pelos agentes do sistema turístico (agências de viagens, programadores, empresas de transportes, de alojamento, de restauração, entre outros) que elege os locais e as culturas a visitar, como veremos no discurso do DIÁRIO 2 “Turiperegrinação a Lourdes (1958)”.

Como mencionamos, no DIÁRIO 1, a viajante-escrevente arquiteta os seus diários, no seu lar, na pós-experiência turística e após a leitura dos seus paratextos ou apontamentos redigidos durante as viagens. Ao rememorar as suas viagens apoiada, nos rascunhos e documentos autênticos associados à viagem (programa com as várias etapas, recibo com a indicação do organizador e acompanhantes, postais dos lugares visitados, cartões das infraestruturas hoteleiras, etc.), a narradora escora o seu discurso nas coordenadas temporais ou sincronias e nos espaços turísticos reais, tornando o seu texto, por um lado, um documento histórico, porém, como o diário está gravado nas 1.^{as} pessoas do singular e do plural: o “eu” e o “nós”, a subjetividade emerge, de igual forma, no discurso em estudo.

Como referiu Paula Cunha, no discurso viático: “Este sujeito que parece mostrar-se, na verdade, esconde-se por detrás de um discurso autobiográfico de primeira pessoa, na medida em que é difícil determinar o que releva de uma experiência real, original, e o que é construído para produzir, literariamente, uma imagem ou representação cultural” (Cunha 2012: 156).

Dada a presença da subjetividade do narrador-viajante, os textos de viagem são “escritas do foro privado” (Foisil 1986)²¹, como já explicitamos,

²¹ Expressão da historiadora francesa Madeleine Foisil (1986), citado a partir de Lacoue-Labarthe, Isabelle; Mouysset, Sylvie - «De ‘l'ombre légère’ à la ‘machine à écrire familiale’», *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, 35, 2012, URL: <http://clio.revues.org/10489>: 8. (Acedido 1, outubro, 2016).

compostas por um triplo ângulo: testemunhal, ficcional e turístico. Os textos viáticos são testemunhos das vivências do seu redator, pois este apresenta a sua visão sobre uma determinada viagem, mas são também provas fiéis dos percursos realmente efetuados por uma pessoa identificada.

Como também já esclarecemos, a escrevente criou deliberadamente uma circularidade discursiva entre os 12 diários. Os vários discursos dialogam entre si sem deixarem de ser discursos autónomos. Como ocorre nos demais tipos de discurso, o género viático cita discursos doutros enunciadores e discursos anteriores da própria diarista no seio da formação discursiva (Maingenau 1997: 50-52).

Neste segundo diário, a diarista praticou turismo espiritual e, como sempre em as todas as suas viagens, turismo cultural. Consideramos o turismo espiritual uma componente do turismo cultural, porquanto, para além dos elementos pios da viagem a um santuário, existiam também motivos culturais que se concretizaram no decorrer da viagem do Porto a Lourdes, em França, incluindo a fruição do turismo cultural em vários países: Portugal, Espanha e França.

O seu relato da viagem ao santuário de Lourdes, em 1958, é pormenorizado, porque inclui uma descrição diária dos 12 dias de viagem, com referência aos percursos, às visitas aos locais turístico-culturais e monumentais (catedrais, conventos, castelos, museus), ao alojamento, aos horários das refeições, à presença dos acompanhantes, neste caso, a irmã Maria Amélia, abrangida na 1.^a pessoa do plural usada pela escrevente no seu discurso “Amélia e eu” e uma breve alusão aos restantes participantes na turiperegrinação.

Neste segundo texto viático, a turista cultural relatou as emoções sentidas pela admiração da paisagem cultural, bem como diante do património arquitetónico, monumental e histórico. Averbou ainda as suas reflexões sobre os modos de vida dos habitantes dos lugares visitados nos vários países designadamente em Espanha e França. Verbalizou também nos seus relatos e, neste diário em particular, as comoções sentidas perante os cenários do património material e imaterial observados.

Cronologicamente, a diarista viajou, sobretudo, na segunda metade do século XX, num período anterior às modificações da procura turística da hodiernidade. Maria Irma pode ser classificada de “turista cultural motivada” por “motivações culturais e experiências profundas” (Pereiro; Fernandes 2018: 309), porquanto as suas viagens eram selecionadas, idealizadas, preparadas e experienciadas com finalidades espirituais e culturais.

CAPÍTULO 3

TURISMO CULTURAL

3.1 Turismo cultural e as suas facetas

Como já indicamos, no estudo do DIÁRIO 1 da *Coleção de Diários de Viagem Duma Portuense*, a origem cultural da viagem recua a tempos longínquos. A viagem existe desde que o homem é homem. O homem pré-histórico teve de se deslocar à procura de alimento, de abrigo, até se sedentarizar. Foi durante muito tempo um nómada sempre em viagem.

Por seu turno, o homem clássico encarava a viagem como uma prova de superação e aproximação ao divino. O afastamento da família, dos outros, a solidão do trilho a percorrer, o imponderável da viagem, tornou-a numa metáfora da vida humana.

Com o alvorecer do cristianismo, as peregrinações aos santuários, aos sepulcros, aos locais santos (peregrinato ad loca sancta) tornaram-se fundamentais para a salvação do homem medievo: a peregrinação a Jerusalém e, mais tarde, a Santiago de Compostela tornaram-se frequentes para os homens de classes sociais mais elevadas.

O turismo cultural contemporâneo foi recuperar, por um lado, alguns ingredientes da peregrinação de índole religiosa medieval e, por outro, o elemento profano do culto da viagem de formação, de iniciação cultural dos jovens endinheirados da nobreza e burguesia dos séculos XVIII e XIX, que, para estarem preparados para administrarem os seus bens ou se tornarem líderes nas suas cidades e países, careciam de conhecer novos países, novas culturas, novas formas de vida. Em síntese, o turismo cultural contemporâneo assomou ligado à peregrinação medieval e à viagem educacional moderna.

O acervo de textos de viagem de Maria Irma Nunes de Sousa narra viagens culturais a locais religiosos (Fátima e Lourdes), viagens essas que, apesar do seu cunho fortemente religioso, pela personalidade devota da diarista, são sempre, de igual modo, viagens turístico-culturais, porque realizadas por motivos religiosos, mas também culturais e educativos.

Maria Irma era uma turista cultural que buscava em cada viagem concretizada experiências emocionais aquietadoras. Praticava turismo cultural numa perspetiva “psicossocial”, isto é, querendo obter, nos seus percursos, vivências de “participação em novas e profundas experiências culturais, estéticas, intelectuais, emocionais e psicológicas” (Pereiro; Fernandes 2018: 294).

Inclusivamente em diversas viagens, a “narradora-viajante” cultivou turismo cultural de curiosidade e aprendizagem, por exemplo, quando viajou para tirar cursos de língua e civilização francesas nas universidades de Caen e Strasbourg (DIÁRIO 6, DIÁRIO 7). A turista procurou formação, pela lín-

gua e cultura doutro país, pelo seu património cultural e ainda pelo diferente *modus vivendi*.

Associada a esta componente, salienta-se nos textos viáticos a expressão do turismo cultural como uma procura do “outro”, uma escapatória ao cansaço do dia a dia, selecionando locais de interesse cultural e espiritual. Uma das facetas do turismo cultural onnipresente nos seus relatos é a componente do turismo cultural enquanto peregrinação moderna. O turismo cultural é entendido como um cerimonial que celebra a cultura enquanto substituto moderno da religião.

Nas narrativas da diarista, como verificamos, surgem práticas turísticas, nas visitas culturais a monumentos, paisagens, escuradas na leitura dos guias turísticos disponíveis na sua época, seguindo um tipo de ritual semelhante, aos cerimoniais executados nas celebrações religiosas.

Nos diários analisados, encontramos nas experiências viáticas da diarista os vários atributos do turismo cultural atual: a “experiência psicossocial”, a descrição das experiências ligadas aos sentidos (sons, cores, odores), sociais (relação com o outro, a hospitalidade, o bem-estar, a segurança, entretenimentos), culturais (eventos, atividades, alojamento, restauração,) e económicas (relação qualidade do serviço-preço, relação custo benefício da experiência, acessibilidades e transportes). Como verbalizam Xerardo Pereiro e Filipa Fernandes, “o turismo cultural é um produto, que contém sensações e experiências emocionais... O consumidor compra, não bens e serviços, mas a vivência de experiências e sensações” (Pereiro; Fernandes 2018: 295). A escrevente ao adquirir as suas viagens adquiria emoções, evasão para o diferente, o distante, a paz espiritual, a formação académica, entre outros. Os discursos da narradora-viajante reconstroem as suas experiências turísticas e reavivam as emoções sentidas durante as viagens.

Em sùmula, os relatos descritos são, com efeito, “metáforas de enriquecimento cultural individual, um caminho com provas e fronteiras” (Pereiro; Fernandes 2018: 302) a transpor. A diarista nas suas numerosas viagens buscou a “felicidade”, a “plenitude humana”, na peugada dos filósofos gregos, ou na reminiscência do percursor do turismo cultural, o humanista Michel Montaigne.

3.2 O turismo espiritual e o religioso

O turismo espiritual abarca uma panóplia muito ampla de deslocações por motivações de carácter místico, contemplativo e de modo de vida.

O turismo religioso, por sua vez, compreende uma das várias vertentes do turismo espiritual. Na atualidade, a peregrinação já não se restringe ao âmbi-

to religioso, tendo-se tornado num ato profano. Convém rememorar que, nos dias de hoje, as motivações para peregrinar até Santiago de Compostela são as mais díspares. A peregrinação a santuários é, tão-só, uma das manifestações do turismo religioso e simultaneamente do turismo espiritual.

O turismo espiritual é um tipo de turismo em que o viajante busca não só práticas rituais de cariz místico, como também o lazer, o ócio e aspetos culturais (Martínez Cárdenas 2011: 29).

A diarista, Maria Irma Nunes de Sousa, nas suas imensas viagens ao santuário de Lourdes, desde a sua residência na cidade do Porto até Lourdes, no longo trajeto percorrido usufruía de inúmeras atividades turístico-culturais, em Portugal, em Espanha e em França. Nos territórios por onde passava, admirava a paisagem rural e urbana, o património histórico e monumental, usava os meios de transporte escolhidos, os serviços de restauração e alojamento, fraternizava com os demais viajantes-peregrinos, várias dezenas de pessoas, na citada turiperegrinação a Lourdes, somente quando chegava ao santuário de Lourdes se ligava ao sagrado. Com efeito, apenas uma pequena percentagem do tempo do peregrino é consagrado aos rituais religiosos, pois a maior parte do tempo da viagem e estada são gastas em atividades turísticas de índole laica, associadas ao usufruto de bens, serviços turísticos no decorrer da viagem e das infraestruturas económicas e turísticas existentes nos santuários e nas proximidades. O turismo religioso, tal como o turismo espiritual, não apresenta unicamente motivações de ordem devota, ao invés, integra muitas atividades de índole turística.

Na atualidade, é impensável ser um turista exclusivamente praticante do turismo religioso, mesmo que o peregrino tenha como principal objetivo o pagamento duma promessa, este não consegue chegar a um dado santuário sem o apoio das infraestruturas turísticas mínimas que sejam, pois tem de usar meios de transporte, tem de se socorrer de serviços de restauração, alojamento, ou comerciais.

Como bem esclareceu Martínez Cárdenas (2011: 30), o turista espiritual busca o fervor religioso, mas sempre apoiado numa série de alicerces de tipo artístico, histórico, cultural, social, comercial produtores de bem-estar e de deleite na viagem.

Xerardo Pereiro completa ainda mais a explicação de turista espiritual de Martínez Cárdenas, acrescentando o conceito de turiperegrino (Pereiro 2017) ao turista espiritual apresentado por Martínez Cárdenas.

Podemos classificar Maria Irma Nunes de Sousa, nos seus textos viáticos, como uma turista espiritual ou uma turiperegrina nas suas múltiplas viagens ao santuário de Lourdes e ao santuário de Fátima como vimos no DIÁRIO 1.

3.2.1 Peregrinação e turiperegrinação

Na atualidade, o turismo espiritual e religioso consiste num nicho de mercado, despertando interesse tanto nos praticantes deste tipo de turismo como nos investigadores²² (Pereiro 2017: 2018). Como vimos as motivações de quem viaja para os inúmeros centros religiosos existentes em todo o mundo não são somente devotas, pelo contrário, colmatam díspares expectativas e experiências pessoais dos possíveis peregrinos. Os lugares considerados sagrados, os centros de peregrinação e demais lugares marcados por algum misticismo, hodiernamente, com as facilidades tecnológicas e de acessibilidade rapidamente se convertem em espaços turísticos em voga. Hoje é cada vez mais esbatida a fronteira entre peregrinação e atividade turística, pois não se pode fazer peregrinação sem ter algum suporte das infraestruturas turísticas. Pode existir alguma diferença nas motivações das viagens, no recurso aos elementos religiosos, mas, a nosso ver, há sempre uma componente turística presente em menor ou maior grau, mais não seja para suprir as necessidades de alimentação e alojamento dos peregrinos.

O turistólogo Xerardo Pereiro considera que, hoje em dia, todo o peregrino é turiperegrino. Concordamos com ele, até porque os diários de Maria Irma Nunes de Sousa são casos paradigmáticos de turiperegrinação, na perspectiva do citado investigador. Assim sendo a turiperegrinação

significa hoje algo diferente da peregrinação do passado: a) um esforço físico purificador e transformador, anterior ao contacto com o sagrado; b) um espaço de reflexão sobre a vida; c) um regresso à natureza de acordo com os novos valores de harmonia com ela; d) um negócio importante para as comunidades locais, os mediadores e outros agentes sociais; e) um espaço de discursos ideológicos, políticos e institucionais; f) uma procura de paz interior e de sentido da vida; g) um antídoto contra o mal-estar social. Desta forma, a peregrinação turistificou-se e turismificou-se, tornando-se uma prática social mais espiritual e não somente religiosa, polissémica e multimotivacional²³ (Pereiro 2017: 1471).

²² Nós próprias participamos recentemente num projeto de investigação (I&D) intitulado: “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valoração e Inovação. GEOARPAD. Programa Operativo EP – INTERREG V A Espanha – Portugal (POCTEP), que tratou os temas da peregrinação e do turismo. Santana, Maria Olinda Rodrigues & Alves, Artur (2019): Capítulo 3: A Paisagem Cultural Sagrada no Caminho Português Interior de Santiago. In: *Património Cultural Jacobeu, turismo e peregrinação: o Caminho Português Interior de Santiago (CPIS)*: 59-77. Colección Pasos edita n.º 25. Coordenação Xerardo Pereiro.

²³ Tradução nossa.

Na viagem relatada por Maria Irma nos DIÁRIO 2 e Álbum 1 realizada ao santuário de Lourdes, no centenário das Aparições de N.^a Sr.^a, em 1958, estamos perante uma turiperegrinação, uma vez que apresenta “uma mestiçagem entre o sagrado e o profano” (Pereiro 2017: 1471), conjuga motivações espirituais, intangíveis, com intuitos materiais, turísticos. Por um lado, a diarista buscou o “contacto com o sagrado”, o recolhimento com o divino, o encontro consigo própria, mas também a fuga ao stresse do trabalho quotidiano, o descanso da atividade profissional, a “recuperação física” e mental, o “conhecimento cultural”.

Ademais a diarista em todas as suas viagens, graças à sua formação cuidada, às informações recolhidas sobre os lugares turísticos a visitar, praticava, sobretudo, turismo experiencial e cultural, pois esta nas suas viagens apreciava o património material, tangível: as paisagens, os sítios históricos, os monumentos, as obras de arte, os edifícios, como também o património intangível: as paisagens sonoras, visuais, olfativas, a “magia” ou “alma” dos lugares, os usos e costumes dos países visitados.

A autora nos seus discursos diarísticos relatou as suas inúmeras viagens turístico-culturais, dando conta da forma como experienciou as paisagens sonoras, auditivas, gustativas (apreço²⁴ ou deceção²⁵, por exemplo, pela gastronomia dos vários países visitados). Referiu ainda as suas vivências sociais, ou seja, as suas relações com os companheiros de viagem, a hospitalidade, o bem ou mal-estar durante a mesma, a segurança, o entretenimento. Registou igualmente as vivências culturais: as atividades de lazer a que assistiu, o alojamento, a restauração, os conhecimentos, as informações adquiridas nas viagens. Aflo-rou também as relações económicas: a boa ou má qualidade dos serviços prestados pelos organizadores das viagens, pelos hotéis e restaurantes, as acessibilidades, os bons e maus transportes, a relação qualidade-preço, entre outros.

Considerando que o “turismo cultural é um produto, que contém sensações e experiências emocionais” (Pereiro 2009: 111), podemos afirmar, pela leitura dos seus diários, que o turismo praticado por Maria Irma era sempre turismo cultural, experiencial. É precisamente neste tipo de turismo que se inscrevem as suas turiperegrinações a vários lugares santos.

No primeiro diário editado (Santana 2018, 2020), a escrevente compilou os relatos de 23 turiperegrinações, viagens com pernoita, e excursões, visitas mais curtas sem pernoita, ao santuário de Fátima. Neste segundo diário, divulgamos, estudamos e editamos a mais circunstanciada turiperegrinação ao

²⁴ Pela gastronomia portuguesa.

²⁵ Pela gastronomia castelhana.

Santuário de N.^a Sr.^a de Lourdes, a qual teve uma atenção especial da diarista, porquanto desta turiperegrinação produziu dois diários (D2 e A1) textualmente relacionados.

3.3 Escolha dos destinos turísticos

Se analisarmos os destinos turísticos escolhidos por Maria Irma, verificamos que viajou por todo o país, de norte a sul, por várias regiões e cidades espanholas, por várias regiões e cidades francesas, por várias cidades suíças, por toda a Itália, pela Áustria, pela Alemanha, pela Bélgica, pela Holanda, pela Inglaterra, pela Checoslováquia, assim nomeada à época, pela Hungria, pela antiga Jugoslávia, ou seja, a sua predileção turística recaía, sobretudo, sobre o seu próprio país e os países mais turísticos do continente europeu, na sua época.

Dentro desses destinos turísticos europeus sobressaem dois grandes grupos, um primeiro associado a peregrinações a lugares religiosos (Fátima, Lourdes, Lisieux, “Notre Dame des Ermites”, entre outros), outro dirigido a dois destinos recorrentes e preferenciais nas suas saídas do país natal: a Espanha e a França. Esta última era, para Maria Irma, um destino de férias, mas também um destino de formação académica, pois realizou cursos de verão nas universidades de Caen e Strasbourg, e até de tratamentos médicos, por exemplo, no Institut Gustave Roussy, em Paris.

No seu acervo, existem dois Álbuns-Diários, um relativo à 1.^a peregrinação a Lourdes, decorrida entre 26 de agosto a 5 de setembro de 1958, este álbum completa e ilustra imagetivamente o diário catalogado por (DIÁRIO 2), que damos à estampa com este trabalho e um outro concernente à viagem de turismo cultural a Paris, efetivada de 26 de agosto a 7 de setembro de 1962, que complementa o DIÁRIO 3.

A França é, na verdade, o destino turístico mais apreciado pela diarista, como podemos verificar pelo número de viagens efetuado a este país.

Encetámos a publicação e estudo deste singular arquivo pessoal pela edição e estudo do primeiro diário manuscrito: “Portugal: Fátima”, catalogado por nós (D1) ou DIÁRIO 1 (Santana 2018, 2020).

Neste segundo trabalho, prosseguimos com a edição e estudo do DIÁRIO 2 (D2), a narrativa detalhada da turiperegrinação ao santuário de N.^a Sr.^a de Lourdes, no centenário das Aparições, em 1958. Num terceiro trabalho, disponibilizaremos o A1, ÁLBUM-DIÁRIO 1, texto viático que completa e ilustra os acontecimentos ou “cenários” narrados no DIÁRIO 2.

De seguida, passaremos à edição do DIÁRIO 2.

CAPÍTULO 4

EDIÇÃO DO DIÁRIO DE TURIPEREGRINAÇÃO A LOURDES “CENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA” (1958)

4.1 Normas de edição

Optamos por efetuar uma edição rigorosa e fiel ao manuscrito. Mantivemos a ortografia, a acentuação e os erros involuntários, assinalando-os em nota de rodapé, porquanto podem ter interesse para investigadores da área da linguística. Acrescentamos alguma pontuação, esquecida pela autora, anotando em rodapé essa ausência. Desdobramos as abreviaturas (rev^o, p^e, sr, sr^a, h., entre outras). Numeramos as páginas, uma vez que, no original manuscrito, não estão numeradas.

Relativamente à ortografia, optamos por respeitar a ortografia conservadora da diarista, uma vez que esta escreveu em 1958, usando uma ortografia anterior ao acordo ortográfico de 1945. Por conseguinte, se alterássemos a ortografia na presente edição, introduzindo as alterações ortográficas do novo acordo de 1990, que entrou em vigor, na ordem jurídica interna, em 2009, a edição apresentaria uma ortografia anacrónica.

Tentamos manter uma disposição gráfica do texto semelhante à selecionada pela diarista. Respeitamos a maiusculação da escrevente, porque é uma marca do seu estilo, dado que o uso da maiúscula e da minúscula permite uma certa variabilidade estilística ou idioletoal.

4.2 Edição do Diário 2: “Turiperegrinação a Lourdes (1958)”



Figura 2: capa exterior do DIÁRIO 2²⁶

²⁶ A capa do Diário 2 é uma capa dura e está decorada com selos portugueses, espanhóis, franceses e cartões dos restaurantes e hotéis onde a diarista ficou.



Figura 3: capa interior com o programa da “Peregrinação a Lourdes”

[P. 1]²⁷

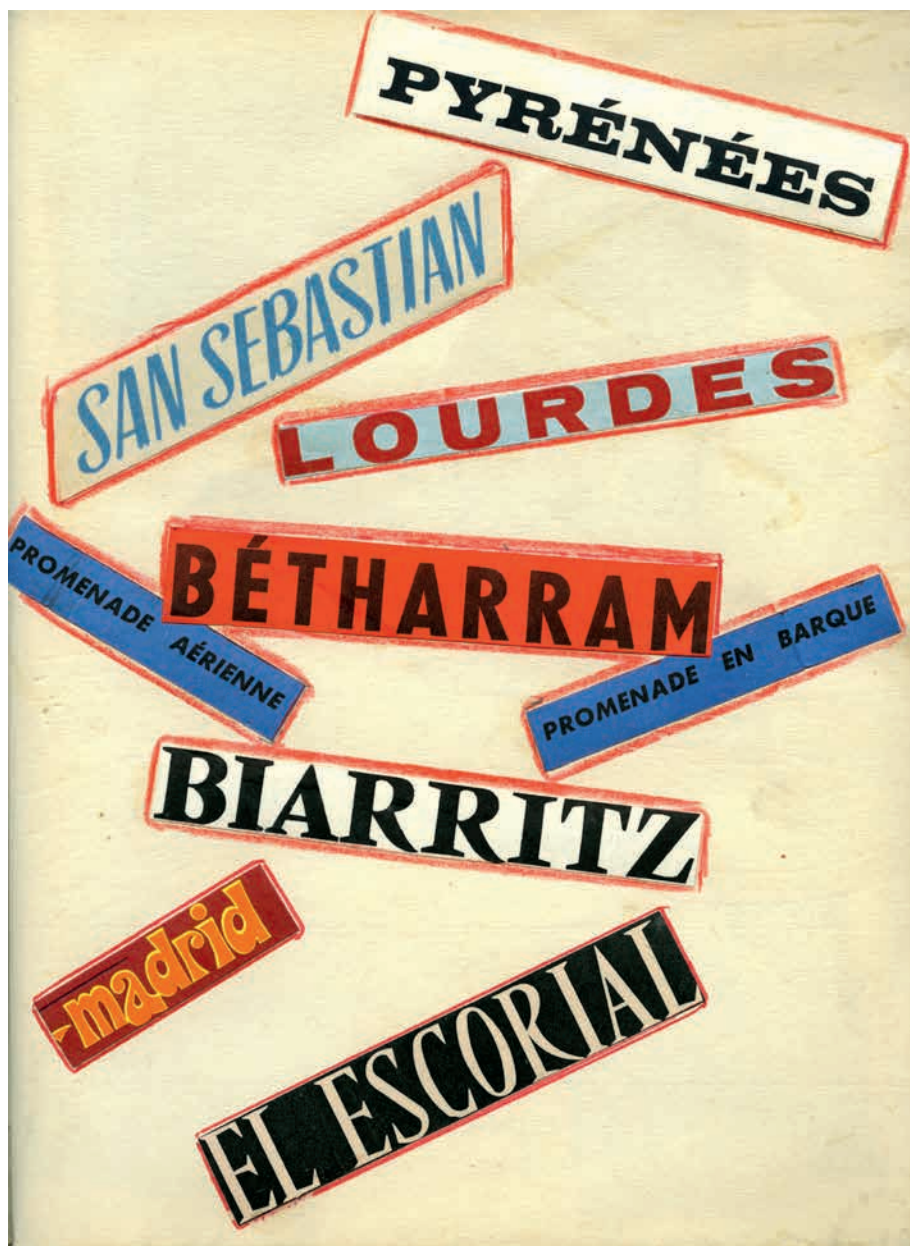


Figura 4: recortes coloridos com os topónimos visitados

²⁷ Página em branco frente, decorada com recortes coloridos com nomes dalguns lugares visitados.

[P. 2]²⁸



Figura 5: recorte com a imagem da Nossa Senhora

²⁸ Página em branco verso, decorada com um recorte colorido duma imagem da Nossa Senhora.

[P. 3]

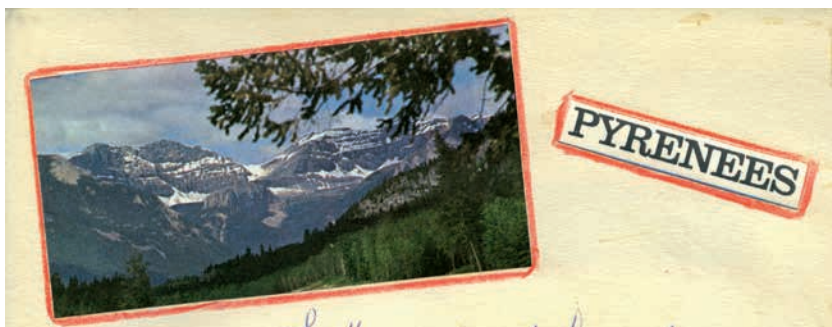


Figura 6: cabeçalho, recorte duma paisagem dos Pirenéus e a mesma palavra em francês

Se, “recordar é fazer passar pelo coração alguém, ou alguma coisa”, ao folhear este caderno vibro de saudade lembrando os dias plenos de suave emoção que tive a felicidade de usufruir quando da nossa peregrinação a Lourdes no Centenário das Aparições de Nossa Senhora!

26 de Agosto a 5 de Setembro
de
1958

Maria Irma²⁹



Figura 7: rodapé, imagem de dançarinos bascos, à esquerda, e uma paisagem dos Pirenéus, à direita

²⁹ Assinatura ou rubrica da diarista.

[P. 4]³⁰

³⁰ Página em branco.

[P. 5]

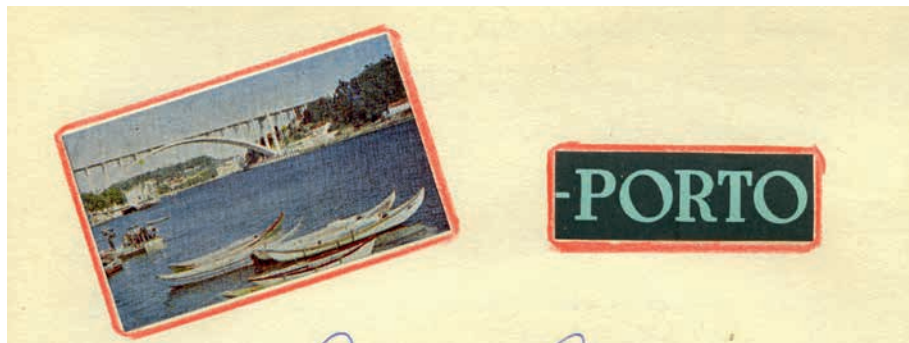


Figura 8: cabeçalho, recorte duma imagem do rio Douro junto à Ponte da Arrábida e outro do topónimo “Porto”

Partimos do Porto no dia 26 de Agosto de 1958.

Manhã um tanto fresca e com um pouco de neblina.

Às 8 horas, – após a Santa Missa celebrada no Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro –, Amélia e eu, ocupámos, respectivamente, os lugares n.º 17 e 18 que nos foram destinados no primeiro autocarro.

Depois de muito apreciarmos a bela paisagem e termos observado, em Santa Comba Dão, a pequena casa, toda florida, em que nasceu o Doutor Oliveira Salazar, chegámos à Guarda

[P. 6]

onde nos esperava um excelente almoço servido no “Restaurante Cristal” daquela cidade.

Logo após esta refeição seguimos para Vilar Formoso, registrando-se grande demora no cumprimento das formalidades fronteiriças. Resolvidas as dificuldades surgidas, entrámos em terras de Espanha.

Atravessámos extensas e áridas planícies; outras, secas, despidas de trigo e centeio já mondados.

Aqui e além, rebanho de cabras e ovelhas; pequenas aldeias com casinhas velhas e pobres feitas, quase, só à base de barro. Assim chegámos, ao entardecer, a Ciudad Rodrigo, apreciando nas proximidades localidades mais verdejantes e povoadas.

O céu foi-se nubelando³¹ e a noite principiou a cair.

³¹ Erro no original.

[P. 7]

Às 22 horas, entrámos em Salamanca, hospedando-nos no “Gran Hotel”³². Depois do jantar óptimamente³³ servido, à lista, saímos, sob chuva impertinente e miudinha³⁴, em curta vista à cidade.

Tudo me encanta!

As imagens multiplicam-se tornando-se impossível a todas reter! Muitas fogem, guardando mais nitidamente as da Plaza Mayor, com multiplos³⁵ estabelecimentos anichados debaixo da sua arcaria.

Montras repletas dos mais variados artigos, resplandecem sob o fôrro³⁶ das luzes, dando o maior realce às exposições.

O cansaço, fazendo-se sentir, não permitiu que mais nos demorássemos na contemplação de tanta bijouteria³⁷ linda!

Regressando ao Hotel, dispusemos de óptimas instalações no quarto n.º 75.

³² A diarista recolheu um cartão do “Gran Hotel” de Salamanca e colou-o na capa deste diário.

³³ Grafia anterior ao acordo ortográfico de 1945.

³⁴ Acentuou o “u” com trema.

³⁵ Grafado sem acento.

³⁶ Acentou a forma “fôrro” com acento circunflexo, tal como se grafava antes do acordo ortográfico de 1945.

³⁷ Grafou a forma “bijouteria” à francesa.

[P. 8]

Na manhã do dia 27, após assistir à Santa Missa celebrada numa igreja próxima, e tomar um muito completo pequeno³⁸ almoço, no Hotel, seguimos em conjunto, a pé, – ciceronados³⁹ pelo Assistente eclesiástico da peregrinação, Reverendo Padre Gregório Martins Almendres – em visita ao que Salamanca possúe⁴⁰ digno de ser visto.

Achei imensamente curiosa a “Casa das Conchas” cujas paredes são revestidas das célebres conchas de S. Tiago e é considerada a mais típica residência dos Reis Católicos.

Salamanca, – cidade do rio Tormes com a sua bonita ponte –, tem muita coisa linda para se ver, salientando-se a Universidade, que foi frequentada pelos mestres da vida espiritual, S. João da Cruz e Santo Inácio de Loyola, e a Catedral Nova dentro da qual se encontra a Catedral Velha.

³⁸ Esta palavra está entrelinhada.

³⁹ Erro no original.

⁴⁰ Forma no original.

[P. 9]

Prosseguimos no cumprimento do programa traçado, entrámos na famosa Universidade onde os mais célebres homens de Espanha se formaram.

A Universidade de Salamanca foi o primeiro centro da literatura espanhola, tendo por ela passado, portanto, os mais consagrados autores.

É belíssima a sua fachada e admiráveis os seus grandes pátios⁴¹ circundados por magestosos⁴² claustros duplos, em estilo Gótico. É notável a biblioteca onde se observam interessantes temas alegóricos colocados nos ângulos das estantes: a Pureza – a Fecundidade – a Ocasão – e a Fortuna.

Lá se vê a chamada “Arca Boba” com as suas sete chaves, onde a Universidade arrecadava o seu valiosíssimo tesouro.

Em lugar especial, se encontram bem guardados, milhares de

⁴¹ No original.

⁴² No original.

[P. 10]

manuscritos célebres, considerados como jóias⁴³ de incalculável valor.

Sobre duas portas podemos admirar um medalhão com os bustos de Isabel, a Católica e Fernando V, empunhando o mesmo cetro, tendo à volta a seguinte inscrição: “Dos Reis à Universidade e da Universidade aos Reis”.

A linda escadaria, artisticamente trabalhada; a cátedra de Frei Luís de Leão, em cuja aula o imperador Carlos V assistiu a uma lição; os mármore e bronzes da artística e histórica Capela, cujo sacrário primitivo, – em prata, – foi roubado pelas tropas Napoleónicas; o Estandarte da Universidade com a sua cruz Gótica, – bordada a prata –, que se encontra na Aula Magna; tudo isto foi observado em marcha acelerada por não dispormos do tempo necessário para, em minúcia, admirar tanta grandiosidade e beleza!

⁴³ Grafia em vigor até à introdução do novo acordo ortográfico de 1990, tendo entrado na ordem jurídica interna em 2009.

[P. 11]

Ainda na manhã deste dia, visitámos a Catedral Nova, em estilo Gótico Renascença.

Começada em 1513, sómente⁴⁴ foi concluída em 1733, este belíssimo templo, cujo rosa dourado das suas pedras maravilhosamente rendadas pelo cinzel do artista, me deixaram encantada!

Dentro, encontra-se a Catedral Velha, de arquitectura⁴⁵ românica espanhola, do Século XII, passando-se da primeira para a segunda quase imperceptivelmente.

Nesta ultima⁴⁶ estão em exposição, num riquíssimo Museu de Arte Sacra, preciosidades que não foi possível⁴⁷ admirar minuciosamente por absoluta falta de tempo.

Ainda antes do almoço deste dia 27, visitámos o Mosteiro de Santo Estêvão, Convento Dominicano

⁴⁴ Forma no original. A escrevente não adotou as alterações ortográficas do acordo de 1945.

⁴⁵ Grafia em vigor até ao último acordo ortográfico de 1990.

⁴⁶ Erro no original.

⁴⁷ Erro no original.

[P. 12]

repleto de obras de arte, tendo-nos sido mostrado o confessionário onde Santa Teresa de Jesus recebia o Sacramento da Penitência.

Sempre de corrida entrámos no convento das Agostinhas, e outras igrejas igualmente ricas e artísticas⁴⁸.

De passagem admirámos o “Palácio de Monterrey”, e, com a manhã totalmente preenchida com estas visitas, regressámos ao Hotel, às 13 horas.

Após um óptimo e reconfortante almoço, à lista, demos o nosso adeus a Salamanca partindo, as⁴⁹ 14 horas a caminho de Burgos.

Atravessámos, Castellana – Pronúncia – e Seteiglésias, entrando assim na província de Valladolid.

Esta região, essencialmente, agrícola, tem grandes culturas de beterraba destinadas ao fabrico de açúcar⁵⁰.

Campos verdinhos e fecundos,

⁴⁸ Erro no original.

⁴⁹ Falta o acento.

⁵⁰ Sem acento.

[P. 13]

jardins bem tratados e excelentes estradas.

Na cidade, fizemos uma breve paragem para nos dessedentarmos e visitar, – extra programa – o Museu Nacional de Escultura, instalado num antigo Mosteiro Beneditino. Partimos depois directos⁵¹ a Burgos, onde entrámos ao anoitecer.

Jantámos no “Hotel Ávila”, na Rua Almirante Bonifaz, 13, onde logo recolhi, por extrema fadiga já não permitir qualquer saída à noite.

Manhã cedo do dia 28, após a assistência à Santa Missa numa igreja próxima, e pequeno almoço servido no Hotel, atravessámos, a pé, e em conjunto, a caracterista⁵² cidade de Burgos.

Difícilmente acompanhava a marcha acelerada do Reverendo Padre Gregório, que, – natural daquela cidade, – foi incomparável guia mostrando-nos no percurso diversas igrejas e conventos.

Ainda longe avistámos

⁵¹ Grafia em vigor até ao último acordo ortográfico de 1990.

⁵² Erro ortográfico no original.

[P. 14]

as torres ponteagudas⁵³ da sua famosa Catedral de Burgos, sendo magnificante o seu aspecto.

Para lá nos dirigimos atravessando um pequeno e tortuoso largo; entramos por um pórtico riquíssimo de arte, em pedra lavrada, admirando ao entrar na igreja, as suas magnificas⁵⁴ três naves.

Na Catedral tudo é grandioso e belo!

Chama particularmente a atenção a Capela dos Condestáveis com os seus túmulos em mármore de carrara⁵⁵ e as suas altas pirâmides cinzeladas; o retábulo maior, tão rico em todos os seus detalhes; a formosa rosácea da abóbada do cruzeiro, tudo parecendo artística⁵⁶ obra de joalheria!

A famosa Catedral, iniciada no ano de 1221, deslumbra pela sua imponência, sendo necessário largo tempo para devidamente se admirar, em pormenor,

⁵³ Forma no original.

⁵⁴ No original sem acento.

⁵⁵ No original em minúscula, mas deveria ser maiúscula porque é um topónimo.

⁵⁶ No original sem acento.

[P. 15]

tanta coisa linda que, eloquentemente nos fala da vida de tantos Heróis e Guerreiros.

Entretanto, o tempo fugia velozmente e não podíamos⁵⁷ esquecer que daí a minutos partiríamos⁵⁸ para “Miraflores” de visita ao Mosteiro da Cartuxa.

De autocarro, percorremos os 5 quilómetros de percurso.

O célebre Mosteiro da Ordem de S. Bruno, alberga⁵⁹ umas dezenas de Monges que, numa total renúncia ao mundo e desapego dos bens terrenos, têm como⁶⁰ unico⁶¹ fim e principal ocupação, a contemplação Divina.

O Mosteiro é composto por um conjunto de casas baixas, de construção Medieval, com telhados em forma de alpendre. Foi fundado pelos reis D. João IV⁶² de Castela, e D. Isabel de Portugal, e Isabel, a Católica e Fernando V.

⁵⁷ No original sem acento.

⁵⁸ No original sem acento.

⁵⁹ Forma no original.

⁶⁰ Entrelinhado.

⁶¹ No original, sem acento. Não acentua as palavras proparoxítonas.

⁶² Erro no original. Deveria ser “II”.

[P. 16]

Entrámos na igreja por um pequeno claustro simples cujo jardim estava ornamentado com a estátua dum Monge Cartuxo.

A igreja de Santa Maria de Miraflores, fundada no Século XV, possui⁶³ preciosíssimas obras de arte nos seus túmulos que a faziam considerar o mais precioso museu de escultura de toda a Península⁶⁴.

Entrámos no templo por uma porta em ogiva, encimada pelos escudos de Castela e Leão, depois de atravessarmos o claustro da entrada.

Num corredor por onde passámos, vendiam-se lembranças e terços feitos pelos monges –, com rosas por eles cultivadas –, nos quais se fazia nitidamente sentir o suave perfume daquelas flores.

Feitas algumas aquisições prosseguimos na nossa visita.

O coro dos monges

⁶³ Forma no original.

⁶⁴ No original, sem acento.

[P. 17]

de primorosa talha em estilo Gótico, executada em madeira preta⁶⁵; é admirável; o retábulo sumptuoso, em cujos extremos ajoelhavam os reis doadores: D. João II, do lado do Evangelho tendo por cima o escudo de Castela; do outro lado, D. Isabel, encimada pelas armas de Portugal. (D. Isabel de Portugal era neta do Mestre de Avis e filha do Infante D. João).

Os sarcófagos dos reis fundadores estão repletos de preciosas esculturas, tudo ocasionando a mais viva admiração.

Prosseguindo esta visita à Cartuxa passamos pela sacristia entrando numa capela interior onde está exposta uma imagem de S. Bruno, – o fundador da Ordem Cartusiana que tem o silêncio por base da sua Regra.

Esta escultura, em madeira e do tamanho natural, tem a particularidade de mostrar expressões diferentes

⁶⁵ Palavra entrelinhada.

[P. 18]

por qualquer lado que a vejamos.

É da autoria do português Manuel Pereira, escultor que viveu na corte espanhola no princípio do século XVII.

Nesta visita à Cartuxa, além do jardim e claustro de entrada, da igreja com todas as suas preciosidades, e da capela de S. Bruno, nada mais foi franqueado. A própria igreja é vedada ao publico⁶⁶ nas horas do Ofício Divino, de modo que, nunca os monges são vistos.

Tratando-se duma Ordem puramente contemplativa, não é permitida a entrada na clausura.

O irmão que nos ciceronava⁶⁷ era coadjutor.

Nos Mosteiros Cartusianos não há abades, e o superior não usa insignias⁶⁸ especiais, não se distinguindo dos outros monges por qualquer sinal.

Sendo o silêncio o carácter distintivo da sua Regra, os monges vivem sózinhos⁶⁹ nas suas celas dispondo

⁶⁶ Não acentua muitas palavras proparoxítonas.

⁶⁷ Erro no original.

⁶⁸ Sem acento no original.

⁶⁹ Forma no original.

[P. 19]

duma galeria de trabalho e dum jardinzinho privativo, por eles cultivado.

Juntam-se na igreja durante o Ofício Divino, fazendo vigílias⁷⁰ nocturnas⁷¹, com salmódia de três horas, todas as noites, no coro.

Só aos domingos e dias de festa se reúnem no refeitório; nos outros dias comem sózinhos⁷² nas suas celas, não fazendo nunca uso de carne em circunstancia⁷³ alguma! Têm duas refeições diárias de legumes, e peixe, ou ovos; um dia por semana jejuam a pão e água e durante oito meses no ano comem apenas uma vez por dia, guardando, não só os jejuns preceituados pela Igreja, mas também os próprios da Ordem.

Regressei a Burgos emocionada com a lembrança da vida austera e silenciosa dos contemplativos monges desse viveiro de Santos que é a Cartuxa!

Após o almoço, às 13 horas, e

⁷⁰ No original, sem acento.

⁷¹ Grafia em vigor até ao último acordo ortográfico de 1990.

⁷² Com acento no original. Este acento foi eliminado no acordo ortográfico de 1945.

⁷³ Sem acento circunflexo.

[P. 20]

findo este, umas compras feitas a correr, – deixámos a “Cidade da Catedral” cujas torres em flecha se destacam à distância como que dando as boas-vindas a quem, de longe, a vem admirar.

Com mais um olhar de despedida, partimos, visitando, nos arrabaldes de Burgos, a “Cidade Desportiva” grandiosa e moderna construção, dispondo de magnificas⁷⁴ e amplas instalações para todas as modalidades de desporto; dentre elas, despertou especial interesse o jogo da pelota, característico⁷⁵ da região basca.

Seguimos para Tolosa, passámos por “Miranda” linda povoação banhada pelo grande rio Ebro que, atravessando a Espanha, vai desaguar ao Mediterrâneo.

A paisagem através da Navarra, vai mudando; atravessámos agora, férteis prados, seguindo dentro em breve por magnifica⁷⁶ estrada ladeada de frondosas árvores cujos ramos se

⁷⁴ Sem acento, no original.

⁷⁵ Sem acento, no original.

⁷⁶ Sem acento, no original.

[P. 21]

entrelaçavam em arco.

Neste túnel de deliciosa frescura percorremos longos kilómetros⁷⁷, passando por Vitória, a caminho de S. Sebastian.

Com vento impetuoso e chuva, atingimos a zona turística⁷⁸ daquela cosmopolita praia. Não desembarcámos; seguindo logo para Irun onde chegámos ao fim da tarde.

No “Hotel Terminus”, mesmo na fronteira franco-espanhola, da Estacion Ferrocarril, ocupámos o quarto n.º 1 – excelente apartamento –, sendo-nos servido um não inferior jantar, a que prestámos a devida honra.

Na manhã do dia 29, com o céu enevoadado, mas sem chuva, partimos para S. Sebastian, após a assistência à Missa numa igreja próxima, e pequeno almoço no Hotel.

A cidade é grande, dotada de belos arruamentos e edifícios, de moder-

⁷⁷ Forma no original.

⁷⁸ Sem acento, no original.

[P. 22]

na arquitectura⁷⁹.

A sua formosa baía, mesmo no coração da cidade é lindíssima despertando a mais viva admiração!

O programa marcava uma subida ao Monte Igueldo, que tem no topo uma grande imagem de Cristo Redentor e donde se disfruta soberbo panorama.

Entretanto, essas horas foram por nós destinadas a estarmos com a Lucília com quem de véspera comunicáramos telefónicamente⁸⁰ de Irun.

Encontrámo-nos no passeio, a caminho da Embaixada de Portugal onde combináramos encontrar-nos.

Após um pedido de dispensa dos seus serviços, percorremos em sua companhia a linda e cosmopolita praia, em concha, passeando a parte velha e típica da cidade, onde, finalmente, fizemos algumas compras.

Às 12 horas despedimo-nos, para nos reunirmos aos peregrinos

⁷⁹ Grafia em vigor até ao último acordo ortográfico de 1990.

⁸⁰ Mantém o acento nesta forma, retirado pela reforma ortográfica de 1945.

[P. 23]

que chegaram da sua subida ao “Monte Igueldo” e regressarmos a Irun.

Após um muito bem servido almoço, no Hotel, partimos a caminho de Lourdes.

Arrumadas as formalidades fronteiriças seguimos por Hendaia, combinando-se não pararmos em Biarritz a fim de chegarmos a tempo de tomar parte na procissão das velas dessa noite.

A chuva caindo durante toda esta etapa⁸¹, não permitiu uma boa apreciação das belezas paisagísticas⁸².

Passando por Bayonne e Pau, atingimos Lourdes sob verdadeiro dilúvio!

Dentro dos autocarros, foi necessário aguardar que as águas baixassem nos pavimentos para desembarcarmos.

Ficámos bem instaladas no Hotel Esplanade⁸³ (“Esplanade Hôtel – Esplanade du Paradis – Quartier Peyremale⁸⁴”) onde foi servido um muito frugal jantar. Findo este dirigimo-nos

⁸¹ Acentuou o “e” à francesa. Grafa sempre assim esta palavra.

⁸² Não acentuou esta forma.

⁸³ O cartão deste hotel está colocado na capa do diário.

⁸⁴ Há um erro ortográfico é “Peyramale”.

[P. 24]

em grupo à Gruta Bendita, – recinto de fé, permanentemente, milhares de crentes erguem suas preces à Virgem Mãe do Céu. Lá, soubemos, com muito pesar, que, atendendo às péssimas condições atmosféricas, não se realizava⁸⁵ a costumada e imponente procissão de velas.

Manhãzinha do dia 30, após a noite passada no Hotel, partimos para a Gruta, penetrando no recinto Sagrado onde Nossa Senhora apareceu à pastoreira Bernadette Soubirous.

Visitámos depois os três Santuários primitivos de Lourdes; dezenas de Missas estavam a ser simultaneamente celebradas.

Na Basílica da Imaculada, tomámos parte nas cerimónias privativas duma peregrinação de mineiros da diocese de Metz, presidida pelo respectivo⁸⁶ prelado.

Foi comovedor e edificante o silencioso respeito e espírito de fé

⁸⁵ Forma no original.

⁸⁶ Grafia em vigor até ao último acordo ortográfico de 1990.

[P. 25]

com que tudo decorreu!

A chuva caía ininterruptamente; saindo do templo, visitei sózinha⁸⁷ a Basílica⁸⁸ subterrânea de Pio XII, construção de moderna arquitectura com capacidade para 30.000 fiéis; percorri a linda margem do Gave, sempre sob chuva miúdinha⁸⁹ que tudo enlameava; subi a Escada Santa que conduz ao Calvário, escadas estas que sòmente⁹⁰ podem subir-se, orando, de joelhos.

Juntando-me a uma peregrinação local que nesse momento fazia a Via-Sacra, fui-a acompanhando até ao final.

As esculturas de bronze das Estações do Monte Calvário⁹¹ são verdadeiramente de grande valor artístico⁹²; todavia, a unção e recolhimento com que as Estações eram percorridas quase não permitiam atender à obra do homem para a todos impregnar de

⁸⁷ Forma com acento.

⁸⁸ Forma no original.

⁸⁹ Forma com acento no “u”.

⁹⁰ Forma com acento grave, grafada de acordo com as regras ortográficas anterior à reforma de 1945.

⁹¹ Colocou uma vírgula cortando o sujeito do predicado da frase.

⁹² Forma proparoxítona sem acento.

[P. 26]

suave emoção, vivendo, naquele ambiente de fé, momentos inesquecíveis⁹³ de íntima⁹⁴ união com Deus.

Terminada a Via-Sacra, informada de que devido às más condições atmosféricas não havia a Benção⁹⁵ dos doentes, percorri as proximidades, tudo vendo, e admirando as magníficas vistas sobre a montanha.

Regressando ao Hotel, fiz, de passagem, a aquisição de alguns artigos religiosos e lembranças no Magasin Saint-Michel – Avenue Bernardette Soubirou, 14.

Ainda sob o domínio das íntimas⁹⁶ emoções vividas durante a manhã, não prestei particular atenção ao almoço, – pouco menos frugal que o jantar da véspera –, que, no Hotel, foi servido.

Após esta refeição partimos de visita às afamadas Grutas de Bethárram,

⁹³ Forma sem acento.

⁹⁴ Erro no original.

⁹⁵ Forma sem o acento.

⁹⁶ Comete o mesmo erro de acentuação.

[P. 27]

penetrando no seu interior, depois de uma pequena viagem de teleférico que, sobre uma paisagem de sonho, nos transportou ao cume da montanha.

O rio que formou estas grutas foi desviado do seu curso, por causas desconhecidas, deixando em seu lugar cinco andares sobrepostos.

Nestas galerias vi as mais estranhas esculturas naturais que se possam imaginar, mais me parecendo estar numa gruta dos “Contos de Mil e uma Noites”.

Sempre descendo, em terreno húmido e escorregadio, admirei estalactites gigantes, semelhantes a pingentes de cristal com que foram guarnecidos os candeeiros dos mais sumptuosos palácios!

Continuando a descer, encontrámos no fundo, em apertada garganta, o rio que percorre estas grutas, desde a sua entrada na montanha, até à saída –, cerca

[P. 28]

de 3 quilómetros debaixo da terra!

Para sairmos, entrámos num barco, sendo interessante, e até um tanto impressionante, esta travessia fluvial, no interior duma montanha.

Continuando a ver as mais bizarras formas de cabeças humanas, animais e coisas sem fim, voltei ao ponto de partida, um tanto aturdida e com a impressão de regressar dum mundo desconhecido!

Caía a tarde do dia 30 quando regressámos a Lourdes.

Depois do jantar, – mais ou menos com o mesmo valor nutritivo das anteriores refeições –, partimos para o Santuário, permanecendo demoradamente na Gruta, onde aguardámos a hora da procissão das velas.

O tempo, muito melhorado, permitiu, finalmente⁹⁷ que nos incorporássemos⁹⁸ em tão imponente e impressionante manifestação de fé, da qual

⁹⁷ A falta da vírgula corta a estrutura morfossintática da forma verbal.

⁹⁸ Forma sem acento.

[P. 29]

guardo as mais profundas e caras recordações!

Terminada esta cerimónia, principiaram, – à 1hora da manhã – a celebrar-se dezenas de missas, tendo ajudado, simultâneamente⁹⁹, a dois sacerdotes que não dispunham de ajudantes.

Já tarde, regressámos ao Hotel a fim de descansarmos um pouco antes da partida, marcada para a manhã do dia 31.

Após o pequeno almoço deste dia, corri à Basílica em visita de despedida; dizendo o meu já saudoso adeus à Gruta, com as mais gratas e humildes preces à Virgem Mãe do Céu.

Seguindo pela cidade de Pau, pudemos admirar o histórico castelo em que nasceu Henrique IV.

Penetrámos em plena serra; atravessámos os Pirinéus¹⁰⁰ em longo percurso, sendo-nos dado observar o belo-horrível¹⁰¹ da natureza, nas enormes gar-

⁹⁹ Grafia anterior a 1945.

¹⁰⁰ Grafou sempre “Pirinéus”.

¹⁰¹ Não acentuou a palavra.

[P. 30]

gantas e fundos desfiladeiros que acompanhámos com o maior agrado.

Em alguns locais da Cordilheira onde a neve jámais¹⁰² derrete, ficámos extasiados com tanta beleza!

Pela fronteira de “Canfrant”, em plena Serra, deixámos França, onde tanto vivemos, apesar de pouco visitarmos.

Reentrando em terras de Espanha, a caminho de Saragoça, iríamos, segundo o programa, almoçar no Hotel S. Blas¹⁰³.

Depois duma fatigante etapa de 7 horas, deixámos a beleza natural dos Pirinéus, penetrando na província de Aragão, a chegando a Saragoça às 17 horas, em bastante deprimentes condições físicas!

Por um lamentável mal-entendido entre a agência de viagens e a gerência do Hotel onde nos instalámos, não existia o anunciado almoço com que todos os peregrinos contavam levan-

¹⁰² Acentuou esta forma.

¹⁰³ Ainda existe um Hotel S. Blas de 2 estrelas no centro histórico de Saragoza (booking). Pode ter sido neste alojamento que os turiperegrinos ficaram. Na capa existe, uma imagem publicitária do Hotel.

[P. 31]

tar a sua já minguada resistência!

Como fosse Domingo e o pessoal estivesse de folga, não puderam servir-nos, ao menos, qualquer refeição de emergência.

Comunicado o acontecimento, resignadamente, cada qual se defendeu como pôde, numa corrida de assalto às confeitarias da cidade, verificando-se divertidíssimas¹⁰⁴ cenas!...

Com o estômago composto, tratámos de aproveitar aquele fim de tarde, visitando a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, – Padroeira de Aragão –, considerada o primeiro templo Mariano de Espanha.

O interior tem preciosidades, sendo notáveis as suas esculturas e pinturas de autores célebres.

O local em que se situa junto ao caudaloso rio Ebro, é maravilhoso!

Entretanto, sem energia para mais ver e apreciar, decidi aproveitar o tempo que faltava para o jantar, – servi-

¹⁰⁴ Não colocou o acento.

[P. 32]

dos das 21 horas às 22 horas, 30 –, para repousar.

O Hotel situado numa típica Calle de Saragoça – San Pablo, 19 –, não era luxuoso, possuindo, entretanto o necessário conforto.

Dispusemos do quarto n.º 202, no segundo piso, ampla e cómoda dependencia¹⁰⁵ com duas excelentes camas; na sua larga janela para a via pública, permaneci largo tempo, após o bom jantar servido, ouvindo e apreciando, – pela noite fora –, a poucos passos do Hotel, uma típica serenata Aragonesa.

Manhã cedo do dia 1 de Setembro, iniciámos uma visita à antiga cidade de Saragoça, – considerada a “Cidade da Virgem” –, que ainda conserva vestígios do domínio romano.

Algumas igrejas e monumentos, vistos rapidamente¹⁰⁶; uma provisão de excelentes frutas providentemente feita no mercado local, e eis-nos de novo

¹⁰⁵ Não colocou o acento.

¹⁰⁶ Colocou acento no adjunto adverbial de tempo.

[P. 33]

nos autocarros com destino a Madrid.

Saindo de Saragoça, a cidade onde junto do rio Ebro, se decidiu o resultado da Libertação Espanhola, seguimos para a Capital.

Como o percurso fosse demasiado longo, tínhamos reservado um bom almoço num interessante “Albergue de Carreterra” situado na linda colina de Medinaceli.

Uma grande mesa já posta e coberta de esplendidos¹⁰⁷ acepipes, aguardava-nos.

Feitas as devidas honras ao excelente repasto, retomámos os autocarros, continuando a manifestar-se a boa disposição; representaram-se então actos variados e compostos de recitativos, canções e anedotas sendo interpretes¹⁰⁸ alguns peregrinos que assim iam amenizando a longa e fatigante viagem.

No caminho entre Saragoça e Madrid, visitámos o “Mosteiro de

¹⁰⁷ Grafou a forma sem acento.

¹⁰⁸ Forma sem acento.

[P. 34]

Nuestra Señora de Santa Maria de Piedra”, fundado em 1195 pelos Monges Cistercienses, a pedido de D. Afonso de Aragão.

O pouco que resta da primitiva construção está adaptado a hospedaria sendo de admirar o seu grande parque com interessantes grutas e cascatas naturais.

Belíssimas avenidas de plátanos e abundante vegetação rodeiam as cascatas deste maravilhoso lugar, sendo necessário guiar-nos pelas flechas azuis e vermelhas dispostas naquele labirinto de verdura, para não nos perdermos.

Por uma escada cavada na rocha sobe-se ao “Parque de Pradilla”, atravessando o rio por uma ponte rústica a fim de, lá do alto apreciarmos “La caprichosa”, uma das mais lindas cascatas deste parque.

Neste luxuriante recinto encontra-se a Piscifactória, viveiro de

[P. 35]

trutas do Estado com múltiplas dependências¹⁰⁹.

Admirámos a “Gruta del Iris” o maravilhoso “Lago Espelho”, bem como a “Fonte da Saúde” excelentes águas de qualidades fisiológicas e therapeuticamente aconselhadas para afecções do aparelho digestivo.

Segundo dizem, o Mosteiro da Pedra, construção do Século XII, foi teatro de importantes feitos históricos, inspirando a fantasia popular que criou curiosas lendas algumas das quais referidas por diversos autores antigos e modernos.

A curiosidade e interesse despertados com o anúncio desta visita foram plenamente satisfeitos.

Chegámos a Madrid já noite cerrada, ficando muito bem instaladas no quarto n.º 338 do “Hotel Gredos”, na Avenida José António, 52. Hotel de luxo, serviu alimentação condizente que não foi apreciada.

Não sendo possível¹¹⁰ domi-

¹⁰⁹ Nesta palavra, colocou o acento circunflexo.

¹¹⁰ Sem acento.

[P. 36]

nar o enorme cansaço, preferi recolher ao quarto, não partilhando nenhuma das excursões nocturnas feitas pela maioria dos nossos companheiros de viagem.

Manhã cedo do dia 2 de Setembro, partimos para assistir à Santa Missa, celebrada pelo Assistente eclesiástico da peregrinação, numa longinqua¹¹¹ igreja Redentorista, onde os autocarros nos transportaram.

Depois, foi-nos concedida a manhã livre para efectuarmos as compras desejadas.

Enquanto dispersos, os peregrinos se espalhavam pela cidade, fui, apenas às “Galerias Preciados”, enormes e completos armazens¹¹² dos mais variados artigos, situado a curta distância do Hotel, onde fiz todas as minhas aquisições.

O tempo restante, até ao almoço,¹¹³ foi aproveitado em admirar algumas coisas do que mais belo existe na Capital de Espanha.

Terminada aquela refeição

¹¹¹ Sem acento.

¹¹² Sem acento.

¹¹³ Esqueceu-se de colocar aqui a vírgula, para não cortar o sujeito do predicado.

[P. 37]

ção, – cuja ementa totalmente diferente dos nossos hábitos, não agradou, – visitámos o Museu do Prado.

Não chegaria todo o tempo de que dispunhamos¹¹⁴ em Madrid para devidamente admirar todas as preciosidades de tão grande valor artístico¹¹⁵ que lá se encerram!

As melhores obras dos grandes mestres de pintura e escultura,¹¹⁶ foram olhadas em vertiginosa corrida, deixando-nos, no entanto, verdadeiramente encantada!

Seguimos em seguida para o Palácio do Oriente, antigo Palácio Real que é um sumptuoso edifício do Património Nacional, onde ainda hoje se¹¹⁷ dão recepções oficiais, sendo nesses dias vedada a entrada ao público.

A escadaria principal, o Salão do Trono e enorme Salão de Jantar são dum maravilhoso fausto.

Neste último, – “O Comedor de Gala” – servem-se actualmente determinados banquetes oficiais.

¹¹⁴ Sem acento.

¹¹⁵ Não colocou o acento.

¹¹⁶ Cortou o sujeito do predicado com vírgula.

¹¹⁷ Palavra entrelinhada.

[P. 38]

Como este, pude admirar numerosos salões ricamente decorados, comprovativos do fausto da Còrte¹¹⁸ de Espanha.

Ricos móveis de preciosas madeiras; telas de grande valor artístico¹¹⁹, assinadas por autores célebres; valiosas tapeçarias; finíssimos cristais; porcelanas de Saxe e Sévres, tudo em profusão, disposto com elegância e fino gosto, segundo o estilo de cada sala.

Embora feita sem a indispensável demora precisa, esta visita deixou-me muito agradáveis impressões.

Seguimos depois pelas Avenidas de Madrid moderno; admirei jardins e fontes, estátuas e monumentos, que à noite se salientam sob feérica iluminação.

Visitámos, em seguida, “El Retiro” maravilhoso parque público, onde lançámos, num restaurante local.

Ao cair da tarde, depois de experimentarmos os meios de condução – metropolitano, autocarro e taxi¹²⁰ –, sufo-

¹¹⁸ Grafa esta palavra com acento circunflexo, grafia anterior ao acordo ortográfico de 1945.

¹¹⁹ Sem acento.

¹²⁰ Palavra sem acento.

[P. 39]

cadadas pelo calor tropical que se fazia sentir, e, já sem energias para mais ver, fomos aguardar a hora de jantar no “Cine del Callau” quase em frente ao Hotel, onde num ambiente refrigerado e numa confortável “Butaca”, assistimos ao filme alemão, – sem legendas e falado em espanhol –, “O Arquiduque e a Costureira”.

Finda esta agradável sessão recolhemos ao Hotel; após o jantar, – não mais satisfatório que a refeição anterior, – recolhi ao quarto não tomando parte em nenhuma das anunciadas excursões nocturnas a Madrid antiga, nomeadamente, à “Cueva de Luis Candeias” e à “Méson del Segoviano”, onde, noutros tempos, poetas e príncipes¹²¹ embuçados, corriam emocionantes aventuras de capa e espada.

Após o almoço do dia 3 partimos de autocarro para Toledo, cidade de tão grande importância artística¹²² que toda ela foi considerada Monumento Nacional.

¹²¹ Forma sem acento.

¹²² Forma sem acento.

[P. 40]

Visitámos a Catedral e a Igreja de S. João dos Reis uma das melhores e mais ricas de Espanha; pudemos ver também¹²³ a “Casa del Greco” e antigas sinagogas judias.

Entretanto, se bem que tudo isto muito interessasse, e o seu belo panorama fosse muito apreciado, o que sobretudo ansiava visitar, era o histórico Alcácer, cenário de heróicos feitos dum punhado de homens dispostos a darem a vida na defesa dos mais sagrados direitos da sua Pátria.

Dentre estes salienta-se o do então Coronel Moscardó, cujo filho Luís, – jovem de 17 anos apenas –, fora aprisionado pelas milícias revolucionárias a fim de, sob ameaça de fusilamento¹²⁴, forçar a rendição daquele reduto.

Na parede duma sala visivelmente destroçada pelos bombardeamentos, vêem-se dois retratos grandes

¹²³ Forma sem acento.

¹²⁴ No original.

[P. 41]

respectivamente, de Moscardó e seu filho; sobre duas pequenas mesas, os telefones através dos quais, pai e filho trocaram as suas últimas palavras. Ao centro das duas fotografias, um quadro, tendo impresso esse emocionante diálogo, chama a atenção dos visitantes.

É este o texto do quadro:

“Últimas palavras trocadas entre o Coronel Moscardó e o seu filho Luis e o chefe das milícias, no memorável dia 22 – VII – 936:

O chefe das milícias: São vocês os responsáveis pelas mortes e crimes que estão ocorrendo. Exijo que entregue o Alcácer no prazo de 10 minutos. Se assim não proceder julgarei o seu filho Luis que tenho aqui, em meu poder.

Coronel Moscardó: – Assim o creio.

Chefe das milícias: – Para que veja que é verdade, vai agora falar-lhe o seu filho Luis.

Luis Moscardó: – Papá!...

[P. 42]

Coronel Moscardó: – Que há filho?

Luis: – Nada; dizem que me vão fusilar¹²⁵ se não entregares o Alcácer.

Coronel: – Pois encomenda a tua alma a Deus, dá um grito de “Viva a Espanha”, e morre como um patriota!

Luis: – Um beijo muito grande, Papá!

Coronel: – Um beijo muito grande meu filho!

Coronel dirigindo-se

ao chefe das milícias: – Pode dar por findo o prazo que me deu, pois que o Alcácer jamais se renderá.”

Em seguida a este diálogo, chegou aos ouvidos do heróico militar e pai extremoso, a detonação dos tiros com que roubaram a vida de Luís Moscardó!...

Quando após o triunfo da Causa Nacionalista o Generalíssimo

¹²⁵ No original.

[P. 43]

Franco entrou nas ruínas da gloriosa fortaleza, o Coronel Moscardó, o valeroso defensor do Alcácer de Toledo, com voz emocionada e coração dilacerado pelo heróico sacrifício de seu filho, recebeu-o, dizendo:

“Meu General: entrego-vos o Alcácer, destruído, sim, mas com a honra intacta!”

Deixámos esta cidade de tão grande importância artística¹²⁶ e histórica, regressando a Madrid plenamente satisfeita e emocionada com esta excursão.

Depois do jantar, – cuja ementa não agradou, como aliás todas as refeições servidas neste luxuoso hotel – recolhi ao quarto, continuando a dispor da noite exclusivamente para repousar da fadiga do dia.

Na manhã do dia 4, arrumada a bagagem, e depois do pequeno almoço, demos o nosso adeus a Madrid, partindo para “San Lorenzo del Escorial”

¹²⁶ Sem acento.

[P. 44]

junto à Serra de Guadarrama a 50 quilómetros de Madrid.

De passagem ao sair da capital de Espanha, vimos também¹²⁷ a “Cidade Universitária”¹²⁸.

A visita ao Mosteiro do Escorial é, pode dizer-se, itinerário obrigatório para todos os que pela primeira vez, visitam Madrid.

Para lá nos dirigimos, subindo a Serra onde tantos combates se travaram durante a Guerra Civil de Espanha.

A 7 quilómetros de “Cuelgamuros” lugar onde foi construído o Monumentos aos Mortos da Guerra Civil, encontra-se o Real Mosteiro do Escorial.

Foi mandado construir por Filipe II, cujos aposentos e de sua filha, pude observar;

Visitámos as Salas Capitulares adornadas¹²⁹ com valiosas pinturas de

¹²⁷ Sem acento.

¹²⁸ Esqueceu-se de fechar as aspas.

¹²⁹ Palavra na entrelinha.

[P. 45]

autores célebres; a Igreja onde está actualmente sepultado, José António Primo de Riviera, – o “Anjo do Alcazar” e que é dotada de soberbas e notáveis esculturas; o Panteão dos Reis e os jardins com os seus magníficos macissos¹³⁰ de verdura.

Fazendo-se tarde já não pudemos ver a “Casita del Principe” interessante pavilhão de caça no meio da mata do Escorial.

Num bom restaurante local, foi-nos servido um excelente almoço, findo o qual, – entrados nos autocarros – continuámos a subir a Serra de Guadarrama a caminho de “Cuelgamuros”, que se situa a 58 quilómetros de Madrid.

Num grandioso vale, no meio de agreste paisagem, foi erguido o “Monumento da Santa Cruz do Vale dos Caídos” que perpetua a memória daqueles que caíram no campo da luta, durante a Guerra de Libertação Espanhola, de 1936 a 1939.

¹³⁰ Esta palavra está mal escrita.

[P. 46]

O Monumento Nacional do Vale dos Caídos, lugar de recolhimento, de oração e meditação, foi construído por desejo expresso do Generalíssimo Franco, levando 20 anos a edificar.

Dele fazem parte, a Cripta-Basilica, o Mosteiro, – que foi entregue à Ordem Beneditina –, uma Pousada e o Centro de Estudos Sociais.

A Espanha inteira contribuiu generosamente para a sua construção que não sobrecarregou os cofres do Estado.

A elevada quantia dispendida¹³¹, que atingiu a cifra de¹³² muitos milhões, foi fruto de dádivas particulares e lotarias anuais.

O ponto onde se ergue a gigantesca Cruz, foi pessoalmente escolhida pelo próprio Generalíssimo Franco que se fez acompanhar pelo General Moscardó, o martirizado Pai e he-

¹³¹ No original.

¹³² Entrelinhado.

[P. 47]

róico defensor do Alcácer de Toledo.

O Monumento do Vale dos Caídos, – que se avista das duas Castelas –, observado de longe impressiona, e, de perto, esmaga pela sua imponente simplicidade!

A Cripta – Basílica subterrânea, com os seus 300 metros de comprimento é escavada na própria rocha, erguendo-se esta sobre uma cruz de 150 metros de altura, tendo na base, as figuras dos quatro Evangelistas, cada uma com 18 metros de altura.

Pelas galerias interiores dos braços da Cruz, poderiam circular automóveis, tão largas elas são!

Os visitantes podem ser transportados da Cripta até aos braços da cruz por meio de elevadores que ainda não funcionavam aquando desta visita, feita alguns meses antes da sua inauguração solene.

[P. 48]

Antes de chegar ao Monumento, existe uma Via-Sacra de 9 quilómetros de extensão que termina com a sua 14ª Estação, já dentro da Basílica.

Dando entrada a esta, observa-se, com admiração, um monumental portão de bronze e ferro forjado trabalho da mais antiga tradição artística¹³³ de Espanha, tendo nele representados os 15 mistérios do Rosário.

Dentro da Basílica, dos lados da nave, existem 6 capelas dedicadas respectivamente¹³⁴:

à Imaculada Conceição, padroeira da Infantaria;

à Virgem do Carmo, padroeira da Marinha;

à Virgem do Loreto, padroeira da Aviação;

à Virgem da Mercê, padroeira dos presos;

à Virgem, de África, donde partiram as primeiras forças espanholas;

à Virgem do Pilar, recordando que, junto ao rio Ebro,¹³⁵ se decidiu o resultado da Guerra da Libertação Espanhola.

¹³³ Palavra entrelinhada e sem acento gráfico.

¹³⁴ Palavra com a consoante surda grafada na altura.

¹³⁵ Esqueceu-se de colocar a vírgula a fechar este adjunto adverbial.

[P. 49]

Sobre o Altar-mor, um admirável¹³⁶ Crucifixo, em tamanho natural, chama a atenção dos visitantes pela sua comovedora expressão.

As paredes da nave estão decoradas com magnificas¹³⁷ tapeçarias do século XVI, representando cenas do Apocalipse.

O mosaico da cúpula, representando Jesus Cristo, rodeado de anjos, santos, heróis, mártires, Papas, prelados, camponeses, etc. é um deslumbramento pelo seu colorido e significado.

A abóbada da Cripta mostra desnudada e ao natural, a rocha da serra.

Para esta Cripta serão trasladados os restos mortais de José António Primo de Rivera, fundador da Falange Espanhola¹³⁸, considerado o “Primeiro Caído” da Guerra Civil.

Deixando com saudade a beleza agreste que rodeia este monumento, prosseguimos viagem, a grande altitude, através da Serra de Guadarrama.

Entrando em Castela-a-Nova

¹³⁶ Forma sem acento.

¹³⁷ Forma sem acento.

¹³⁸ Um partido fascista, que conduziu à violência que antecedeu a guerra civil espanhola. Primo de Rivera, antes de ser assassinado a 20 de novembro de 1936, na prisão de Alicante, preparou a ascensão de Francisco Franco. Internet. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$jose-antonio-primo-de-rivera](https://www.infopedia.pt/$jose-antonio-primo-de-rivera) (Acedido 12, fevereiro, 2020).

[P. 50]

encaminhamo-nos para Ávila, cidade histórica, rodeada de muralhas consideradas a mais completa edificação militar da Idade Média.

São numerosas as Igrejas, merecedoras de visita e admiração, salientando-se a Catedral, o Convento de Santa Teresa e o Convento de S. Tomás, bem como, outros lugares interessantes e atraentes.

Vindo já na viagem de regresso, – novamente com destino a Salamanca onde íamos pernoitar – a paragem em Ávila foi muito encurtada, quase nada permitindo ver.

Já muito tarde, depois duma longa e fatigante etapa¹³⁹ voltámos à “Cidade Universitária”¹⁴⁰, instalando-nos novamente no Gran-Hotel, aí dormindo a noite de 4 de setembro.

Na manhã do dia 5 após assistência à missa e o pequeno almoço, fizemos a nossa despedida, partindo

¹³⁹ Coloca acento no “e”.

¹⁴⁰ Esqueceu-se de fechar as aspas.

[P. 51]

directos a Vilar Formoso, em regresso à nossa Pátria de cuja paisagem todos nós já sentíamos saudades.

Ràpidamente¹⁴¹ se passou o percurso até à Guarda, tendo ainda os olhos repletos de tanta beleza artistica¹⁴² que nestes 12 dias de viagem me foi dada admirar.

Com a maior alegria novamente nos reunimos¹⁴³ no Restaurante Cristal, confraternizando no excelente almoço que nos foi servido, comprovativo, mais uma vez, da saborosa culinária portuguesa.

Após este repasto, reocupámos os nossos lugares nos autocarros em direcção ao local donde partimos.

Deixando a Guarda e atravessando a Serra da Estrela, sempre de tão grande beleza em qualquer época do ano, penetrámos no coração de

¹⁴¹ Escreveu com acento grave, de acordo com a grafia anterior à reforma de 1945.

¹⁴² Sem acento.

¹⁴³ Colocou um acento no “u”.

[P. 52]

Portugal.

Atravessámos toda a Beira-Alta, seguindo com destino a Coimbra, a nossa “Cidade Universitária”, tão rica também¹⁴⁴ de beleza natural e arquitectónica.

Ali desembarcaram alguns companheiros de viagem.

Encantada e saúdosa¹⁴⁵, ía admirando toda esta região tão fértil e linda!

Mais alguns peregrinos vão ficando pelas suas terras.

Assim atingimos Aveiro, a linda “Veneza de Portugal” apreciando mais uma vez o seu encanto!

A noite vai descendo e o cansaço domina-nos.

Quase adormecidas chagamos ao alto da Avenida de Gaia.

Despertando, olhámos

¹⁴⁴ Esqueceu-se do acento em “também” e “fértil”.

¹⁴⁵ Colocou um acento no “u” de “saúdosa” e um acento no “i” de “ía”.

[P. 53]

embevecidos o espectáculo do Porto visto de noite!

Eram 23 horas do dia 5 de setembro de 1958!

Cansada e saudosa de tudo quanto é nosso, mas plenamente satisfeita com todo o programa da peregrinação, rigorosamente cumprido, regressámos à “Antiga Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade da Virgem” a Quem o insigne poeta, António Correia de Oliveira, suplicou em singela e expressiva quadra:

“Senhora da Conceição:
Como guardaste o Menino.
Aos teus braços, ao teu colo,
Resguarda o nosso Destino!...”¹⁴⁶

Porto, 20 – IX-958

Maria Irma

¹⁴⁶ Esqueceu-se de fechar as aspas, abertas no início da quadra.

4.3 Notas estilísticas do Diário 2: “Turiperegrinação a Lourdes (1958)”

Tal como fizemos no e-book 1 DIÁRIO 1: “Turiperegrinações a Fátima (1938-1973)”, introduzimos também, neste trabalho, um ponto sobre o estilo da diarista Maria Irma Nunes de Sousa, visto que estamos perante uma escrevente que constrói o seu idioleto, o seu discurso numa forma cuidada, formal e, algumas vezes, literária. Escolheu um vocabulário diverso, procurando não repetir os mesmos vocábulos, mas utilizando equivalentes semânticos, transmitindo informação nova ao seu texto viático. Os recursos estilísticos mais empregues são a adjetivação simples e dupla, com frequência acompanhada dum adjunto nominal que aumenta a subjetividade e a expressividade do discurso. Podemos encontrar, desde logo, esta construção na abertura deste diário.

A adjetivação está presente em todo o discurso diarístico da primeira à última página. Vejamos alguns exemplos:

Às 8 horas, – após a Santa Missa celebrada no Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro –, Amélia e eu, ocupámos, respectivamente, os lugares n.º 17 e 18 que nos foram destinados no primeiro autocarro.

Depois de muito apreciarmos a **bela** paisagem e termos observado, em Santa Comba Dão, a **pequena** casa, toda **florida**, em que nasceu o Doutor Oliveira Salazar, chegámos à Guarda [P. 5]

Entrámos na igreja por um **pequeno** claustro **simples** cujo jardim estava ornamentado com a estátua dum Monge Cartuxo. [P. 16]

Despertando, olhámos [P. 52]

embevecidos o espectáculo do Porto visto de noite! [P. 53]

A expressividade fornecida pela adjetivação simples e dupla é dilatada com um adjunto nominal que pode acompanhar um verbo (vibro) ou um adjetivo (plenos) transmitindo mais emotividade ao discurso. Atentemos nalguns exemplos:

Se, ‘recordar é fazer passar pelo coração alguém, ou alguma coisa’, ao folhear este álbum vibro **de saudade** lembrando os dias **plenos de suave emoção** que tive a felicidade de usufruir quando da nossa peregrinação a Lourdes no Centenário das Aparições de Nossa Senhora. 26 de Agosto a 5 de Setembro de 1958 [P. 3].

Os adjetivos são ainda mais emotivos se estiverem no superlativo absoluto (riquíssimo). Vejamos alguns exemplos:

Atravessámos **extensas e áridas** planícies; outras, **secas, despidas de trigo** e centeio já **mondados**. [P. 6]

as torres **ponteagudas da sua famosa** Catedral de Burgos, sendo magnificante o seu aspecto. [P. 14].

Para lá nos dirigimos atravessando um **pequeno e tortuoso largo**; entrámos por um **pórtico riquíssimo de arte**, em pedra **lavrada**, admirando ao entrar na igreja, as suas **magníficas** três naves. [P. 14]

Salientem-se alguns exemplos da dupla adjetivação e da pontuação expressiva, com o uso do ponto de exclamação e dos travessões para intercalar elementos explicativos, apartes que a narradora quer confidenciar ao leitor:

Depois duma fatigante etapa de 7 horas, deixámos a beleza natural dos Pirenéus, penetrando na província de Aragão, a chegando a Saragoça às 17 horas, em bastante deprimentes condições físicas! [P. 30].

Finda esta agradável sessão recolhemos ao Hotel; após o jantar, – não mais satisfatório que a refeição anterior, – recolhi ao quarto não tomando parte em nenhuma das anunciadas excursões nocturnas a Madrid antiga, nomeadamente, à “Cueva de Luis Candeias” e à “Méson del Segoviano”, onde, noutros tempos, poetas e príncipes embuçados, corriam emocionantes aventuras de capa e espada. [P. 39]

Vindo já na viagem de regresso, – novamente com destino a Salamanca onde íamos pernoitar – a paragem em Ávila foi muito encurtada, quase nada permitindo ver. [P. 50]

Na verdade, serve-se do uso recorrente da vírgula e do travessão para fornecer mais informação ao leitor.

A viajante-escrevente emprega numerosa adjetivação anteposta ao nome o que torna o discurso mais impressivo:

Com a maior alegria novamente nos reunimos no Restaurante Cristal, confraternizando no **excelente** almoço que nos foi servido, comprovativo, mais uma vez, da **saborosa** culinária portuguesa. [P. 51]

Para aumentar a emotividade, por vezes, associa o ponto de exclamação e as reticências, sinais gráficos que traduzem a subjetividade da enunciadora do discurso.

“Senhora da Conceição:
Como guardaste o Menino.
Aos teus braços, ao teu colo,
Resguarda o nosso Destino!... [P. 53]

A escrevente socorreu-se com frequência do emprego do adjunto adverbial de modo para intensificar o sentido doutros elementos frásicos, mostrando o seu modo de ver e sentir os eventos ou cenários contemplados e experienciados.

Às 22 horas, entrámos em Salamanca, hospedando-nos no “Gran Hotel”. Depois do jantar **óptimamente** servido, à lista, saímos, sob chuva impertinente e miudinha, em curta vista à cidade. [P. 7]

Outros exemplos:

A Espanha inteira contribuiu **generosamente** para a sua construção que não sobrecarregou os cofres do Estado.

A elevada quantia dispendida, que atingiu a cifra de muitos milhões, foi fruto de dádivas particulares e lotarias anuais.

O ponto onde se ergue a gigantesca Cruz, foi **pessoalmente** escolhida pelo próprio Generalíssimo Franco que se fez acompanhar pelo General Moscardó, o martirizado Pai (...) [P. 46]

Neste diário, tal como já o tinha feito no DIÁRIO 1, a enunciadora do discurso utiliza figuras de retórica (imagens, metáforas, personificações). Nas página 6 e 7, faz descrições dos lugares por onde passa, com adjetivação expressiva, com imagens verdadeiramente cinéfilas da entrada em Espanha.

Logo após esta refeição seguimos para Vilar Formoso, registando-se grande demora no cumprimento das formalidades fronteiriças. Resolvidas as dificuldades surgidas, entrámos em terras de Espanha.

Atravessámos extensas e áridas planícies; outras, secas, despidas de trigo e centeio já mondados.

Aqui e além, rebanho de cabras e ovelhas; pequenas aldeias com casinhas velhas e pobres feitas, quase, só à base de barro. Assim chegámos, ao entardecer, a Ciudad Rodrigo, apreciando nas proximidades localidades mais verdejantes e povoadas.

O céu foi-se nubelando e a noite principiou a cair. [P. 6]

Às 22 horas, entrámos em Salamanca, hospedando-nos no “Gran Hotel”. Depois do jantar óptimamente servido, à lista, saímos, sob chuva impertinente e miudinha, em curta vista à cidade. [P. 7]

A descrição de Salamanca é autenticamente fílmica:

Tudo me encanta!

As imagens multiplicam-se tornando-se impossível a todas reter! Muitas fogem, guardando mais nitidamente as da Plaza Mayor, com multiplos estabelecimentos anichados debaixo da sua arcaria.

Montras repletas dos mais variados artigos, resplandecem sob o fôrro das luzes, dando o maior realce às exposições.

O cansaço, fazendo-se sentir, não permitiu que mais nos demorássemos na contemplação de tanta bijouteria linda!

Regressando ao Hotel, dispusemos de óptimas instalações no quarto n.º 75. [P. 7]

Da leitura dos DIÁRIOS 1 e 2, constata-se que a escrevente-viajante constrói um estilo, um discurso viático próprio, tanto num como noutro, utilizando o mesmo tipo de recursos estilísticos, como os que acabamos de mencionar (adjetivação, pontuação, figuras de retórica, entre outros), manifestando um domínio escritural bastante cuidado. Os seus textos viáticos estão muito bem planificados, escritos, ilustrados, demonstrando qualidade literária em muitos extratos. O estilo ou idioleto de Maria Irma Nunes de Sousa é o produto da sua formação educacional, cultural e vivencial.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DISCURSIVA DO DIÁRIO 2: “TURIPEREGRINAÇÃO A LOURDES (1958)”

Como referimos no DIÁRIO 1, a edição do manuscrito original da diarista e a abordagem interdisciplinar do acervo duma mulher comum configuram um estudo de caso, dado que apresentamos um enquadramento histórico, uma componente arquivística, outra turística e ainda um estudo vocabular e discursivo dos citados textos viáticos.

No caso do DIÁRIO 2 – “Turiperegrinação a Lourdes (1958)”, o estudo multidisciplinar tentado neste segundo trabalho permite acompanhar o modo de ver da turista cultural, a diarista, relativamente ao turismo religioso e espiritual, praticado no santuário de N.^a Sr.^a de Lourdes. À época da viagem, era um dos maiores santuários europeus e mundiais, mostrando-nos que o santuário em causa estava muito mais turistificado do que o santuário de Fátima (D1) que estava nos inícios da sua turistificação.

5.1 Análise discursiva do DIÁRIO 2

Comecemos por fornecer uma definição de discurso já disponibilizada no DIÁRIO 1: “O discurso é, antes de mais, tudo o que é dito, e ao mesmo tempo a forma como é dito” (Camlong 1984: 121). O discurso é o dizer, é a matéria linguística (palavras, frases, pontuação, ritmo) composta pela gramática, pela temática e pelo idioleto, o estilo de cada escrevente, como acabamos de exemplificar nas notas estilísticas deste diário. A escrevente tem à sua disposição, dada a sua proficiência em língua materna, um conjunto de pautas ou um instrumentário de vocabulário, de combinações sintáticas, retóricas, ou seja, idioletais existentes no sistema linguístico português que esta controla na perfeição.

Antes de mais importa notar que a produção do tecido discursivo do DIÁRIO 2 assenta na estrutura tradicional da construção dum texto escrito. É constituído, grosso modo, por uma abertura com as motivações da diarista para a escrita do texto viático, um desenvolvimento com a descrição mais detalhada ou menos do desenrolar da viagem por etapas cronológicas marcadas pelos dias da viagem, desde a saída de casa e da sua cidade natal (dia 26 de setembro de 1958), narrando a viagem dia após dia com os dados cronológicos e espaciais precisos, seguindo um programa estipulado pelo agente turístico escolhido pela narradora-viajante e terminando com um encerramento que relata o regresso a casa, à sua cidade e fecha com as impressões gerais da viagem.

Para a abordagem linguística do presente diário, socorremo-nos da análise vocabular e discursiva facultada pelo programa de estatística lexical (STABLEX 6) da autoria de André Camlong já utilizado na abordagem linguística e discursiva do DIÁRIO 1.

Para concretizar a análise vocabular do presente diário, efetuamos uma segunda edição do DIÁRIO 2, uma edição uniformizada, na qual juntamos datas, topónimos, vários complementos com vista à aplicação do programa de estatística lexical. A referida metodologia de estatística paramétrica baseia-se na “complementaridade de uma ferramenta — informática — e de estatística paramétrica —, permite um tratamento integral e exaustivo do texto e apresenta-se como científico, por ser descritivo, objectivo e indutivo” (Zapparoli; Camlong 2002: 25). A metodologia em causa tem em conta a análise dos dados globais e permite atingir os dados particulares, através duma leitura horizontal, comparativa ou contrastiva e duma leitura vertical executada de variável a variável. No DIÁRIO 1, fizemos uma leitura comparativa das 23 viagens ao santuário de Fátima, neste diário, visto que existe apenas uma turiperegrinação não aplicamos a metodologia duma forma tão completa.

No estudo vocabular que fizemos ao DIÁRIO 2, dado que temos apenas um discurso e não vários (23) como no DIÁRIO 1, tivemos de seguir outra metodologia. Dividimos o discurso em 11 pequenos textos relativos aos relatos de cada dia de viagem, de 26 de agosto a 5 de setembro de 1958. Não fizemos uma análise comparativa e contrastiva tão completa como a do DIÁRIO 1, porque os textos são muito pequenos, com muito pouco vocabulário e teríamos resultados pouco satisfatórios. Resolvemos, então, fazer uma análise vocabular e temática quantitativa. Essa abordagem está estribada em gráficos de barras dos vocábulos mais representativos das temáticas do DIÁRIO 2.

Tal como fizemos para o DIÁRIO 1, exemplificamos abaixo para o DIÁRIO 2 as coordenadas enunciativas pessoais, espaciais e temporais presentes no “eixo do discurso”, bem como as referências intertextuais explícitas encontradas no “eixo dos discursos no discurso” (Fonseca 1994: 315), seguindo a análise enunciativo-discursiva proposta por Joaquim Fonseca.

Como explanou o mencionado linguista: “Todo o discurso é imediatamente dominado por uma situação enunciativa, que se organiza em torno das coordenadas *Eu-Tu / Aqui / Agora*” (Fonseca 1994: 315). “É a partir desse sistema de coordenadas – o EU/TU – AQUI – AGORA da enunciação – que se realizam as operações de referenciação que tornam possível a significação e que constituem a base do funcionamento da deixis” (Fonseca 1996: 439).

O segundo eixo encontrável nos discursos é “eixo dos discursos no discurso”: a introdução de discursos doutros autores nomeados (discursos explícitos), outros insinuados (discursos implícitos) na formação discursiva, e ainda discursos, por exemplo, doutros textos viáticos da mesma diarista, tanto explícitos como implícitos. Na peugada de Michel Foucault, que advoga que

um discurso se constrói na interconexão com outros, isto é, no interior do interdiscurso duma formação social, ou relembrando as suas palavras: “(...) On ne peut dire une phrase, on ne peut la faire accéder à une existence d'énoncé sans que se trouve mis en œuvre un espace collatéral. Un énoncé a toujours des marges peuplées d'autres énoncés” (Foucault 1969: 134).

Na verdade, os diários em análise estão recheados doutros discursos, alguns da própria escrevente, encontrando-se registados noutros diários do seu arquivo, outros discursos são de autores da sua época histórica que foram citados, assimilados nos seus discursos (Maingueneau 1997: 82).

Pegando nos dados quantitativos da análise vocabular exposta, circunscrevemos os campos temáticos, ligando-os à análise proposta por Fonseca de “eixo dos discursos” e do “eixo dos discursos no discurso”.

Iniciando a análise pelo levantamento das coordenadas pessoais do “eixo do discurso” verificamos que ocorrem, no vocabulário analisado, vocábulos e expressões que remetem para a escrevente do discurso o “eu”. Das coordenadas pessoais assomam nos deícticos pessoais e possessivos da 1.^a pessoa do singular e plural “eu, me f. 4, meu f. 2, minhas aquisições, nossa f. 4, nosso f. 2”. Usa, umas vezes, a 1.^a pessoa do singular através dos deícticos pessoais e das formas verbais na 1.^a pessoa do singular: “vibro, tive”, na página 3, “percorri as proximidades, tudo vendo, e admirando as magníficas vistas sobre a montanha”, na página 26, “vi”, na página 27, “Tudo me encanta!”, na página 7. Porém é mais frequente o uso da 1.^a pessoa do plural nas formas verbais e nos deícticos pessoais e possessivos, englobando nessa pessoa do discurso a irmã, Maria Amélia “Amélia e eu”, frequência 1, sua companheira nesta viagem cultural e espiritual ao santuário de Lourdes e, por vezes, também se refere aos outros turiperegrinos. Atente-se nalguns exemplos: “directos a Vilar Formoso, em regresso à **nossa** Pátria de cuja paisagem todos **nós** já **sentíamos** saudades. Rapidamente se passou o percurso até à Guarda, tendo ainda os olhos repletos de tanta beleza artística que nestes 12 dias de viagem **me** foi dada admirar. Com a maior alegria novamente **nos reunimos** no Restaurante Cristal, confraternizando no excelente almoço que **nos** foi servido, comprovativo, mais uma vez, da saborosa culinária portuguesa”, na página 51.

Em relação às coordenadas temporais do discurso da turiperegrinação a Lourdes, estas surgem nas desinências dos tempos verbais, referentes frequentemente a tempos do passado, uma vez que a diarista escreve sobre acontecimentos vividos no momento anterior à escrita do texto viático: “partimos, atravessámos dispusemos, instalámos, entrámos chegámos, saímos”, entre muitas outras formas. Ocorrem vocábulos e expressões indiciadoras de tempo, nas datas dos dias da peregrinação, nas variadas frações de tempo, nos adjuntos adverbiais de tempo ou deícticos e expressões temporais: “26 de

agosto a 5 de setembro, 26 de agosto de 1958, 4 de setembro, 5 de setembro de 1958, 12 dias, 12 horas, 13 horas, às 14h, logo, ao entardecer, a noite, um dia, dia 30, dia 1 de setembro, dia 2 de setembro, dia 3, dia 30, dia 31, dia 4, dia 5, caía a tarde do dia 30, centenário das Aparições de Nossa Senhora, etc.". Como podemos constatar surgem as datas referentes aos dias da viagem, os horários das visitas, das refeições, das chegadas e partidas dos hotéis, entre outros.

Quanto às coordenadas espaciais ou locativas, estas emergem igualmente através de deícticos e expressões locativas, topónimos, nomes hagiográficos associados ao santuário de Lourdes. Vejamos alguns exemplos, na página 6: "**Aqui e além**, rebanho de cabras e ovelhas; pequenas aldeias com casinhas velhas e pobres feitas, quase, só à base de barro. Assim chegámos, ao entardecer, a Ciudad Rodrigo, apreciando **nas proximidades localidades** mais verdejantes e povoadas. **O céu** foi-se nublando e a noite principiou a cair". Neste extrato, ocorrem deícticos locativos, adjuntos adverbiais de tempo e espaço, nomes com valor semântico de espaço. Quanto a topónimos, ocorrem inúmeros: "Guarda, Ávila, Bayonne, Beira Alta, Biarritz, Burgos, caminho de Burgos, caminho de Lourdes, caminho de Saragoça, avenidas de Madrid moderno, Avenue Bernardette Soubirou, basílica da Imaculada, Basílica subterrânea de Pio XII, etc."

No âmbito do "eixo dos discursos no discurso" de Fonseca ou da interdiscursividade de Maingueneau, elencaremos o encaixe de discursos explícitos doutros autores, na narrativa viática de turíperegrinação a Lourdes. Um modelo mais claro deste encaixe discursivo acontece no episódio da morte do filho do coronel Moscardó, nas páginas 41 e 42, nas quais a redatora transcreve entre aspas o diálogo de despedida do pai e do jovem Luís Moscardó, certamente copiado durante a visita.

"É este o texto do quadro:

‘Últimas palavras trocadas entre o Coronel Moscardó e o seu filho Luis e o chefe das milícias, no memorável dia 22 – VII – 936:

O chefe das milícias: São vocês os responsáveis pelas mortes e crimes que estão ocorrendo. Exijo que entregue o Alcácer no prazo de 10 minutos. Se assim não proceder julgarei o seu filho Luis que tenho aqui, em meu poder.

Coronel Moscardó: – Assim o creio.

Chefe das milícias: – Para que veja que é verdade, vai agora falar-lhe o seu filho Luis.

Luis Moscardó: – Papá!...

[P. 42]

Coronel Moscardó: – Que há filho?

Luis: – Nada; dizem que me vão fuzilar se não entregares o Alcácer.

Coronel: – Pois encomenda a tua alma a Deus, dá um grito de ‘Viva a Espanha’, e morre como um patriota!

Luis: – Um beijo muito grande, Papá!

Coronel: – Um beijo muito grande meu filho!

Coronel dirigindo-se

ao chefe das milícias: – Pode dar por findo o prazo que me deu, pois que o Alcácer jamais se renderá”.

Ainda no domínio da intertextualidade podemos mencionar um extrato em que a escrevente evoca uma obra clássica da literatura mundial: “Contos de Mil e uma Noites”.

“Nestas galerias vi as mais estranhas esculturas naturais que se possam imaginar, mais me parecendo estar numa gruta dos ‘Contos de Mil e uma Noites’”, na página 27, fazendo uma remissão para uma obra intemporal dum autor anónimo.

No fecho do diário, assomam dois discursos doutros autores, citados entre aspas, um primeiro recupera o texto que identifica histórica e culturalmente a cidade do Porto, o segundo é uma quadra do poeta António Correia de Oliveira dedicado à cidade natal da diarista: o Porto.

“Cansada e saudosa de tudo quanto é nosso, mas plenamente satisfeita com todo o programa da peregrinação, rigorosamente cumprido, regressámos à ‘Antiga Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade da Virgem’ a Quem o insigne poeta, António Correia de Oliveira, suplicou em singela e expressiva quadra:

‘Senhora da Conceição:
Como guardaste o Menino.
Aos teus braços, ao teu colo,
Resguarda o nosso Destino!...’”, na página 53.

Quanto aos discursos implícitos, sugeridos nas entrelinhas do discurso viático, encontramos as representações discursivas e imagéticas dos lugares históricos visitados construídas e divulgadas pela propaganda do Estado Novo. Atente-se nas palavras da narradora-viajante: “Depois de muito apreciarmos a bela paisagem e termos observado, em Santa Comba Dão, a peque-

na casa, toda florida, em que nasceu o Doutor Oliveira Salazar, chegámos à Guarda...”, na página 5 e nas páginas 52-3: “Quando após o triunfo da Causa Nacionalista o Generalíssimo Franco entrou nas ruínas da gloriosa fortaleza, o Coronel Moscardó, o valoroso defensor do Alcácer de Toledo...”.

As expressões valorativas usadas pela enunciadora relativamente a situações ou locais vivenciados pelos ditadores Salazar e Franco, tais como: “bela paisagem”, “pequena casa, toda florida”, assim como “triunfo da Causa Nacionalista o Generalíssimo Franco”, “gloriosa fortaleza”, “valoroso defensor” deixam antever uma simpatia da diarista por estes ditadores fascistas e seus ideais políticos.

Depois de termos efetuado uma análise discursiva do DIÁRIO 2, passamos à análise vocabular e temática.

5.2 Análise vocabular do DIÁRIO 2

Importa, antes de mais, lembrar a noção de texto, numa perspetiva linguística. Este designa uma unidade linguística fixada, frequentemente, por escrito composta por frases, sintagmas, palavras, sinais de pontuação. As frases, por sua vez, são construídas por palavras gramaticais (preposições, conjunções, determinantes, pronomes, numerais), formas vazias de conteúdo, no entanto importantes na construção textual, já que estabelecem as ligações com as palavras plenas, isto é, com os verbos, os nomes e adjuntos nominais, os adjetivos, advérbios e adjuntos adverbiais, estas últimas transmitem informação, sentido, conteúdo aos textos. O verbo ou predicado é o elemento central da frase e do texto, através da regência verbal pede outros elementos (preposições, complementos) que lhe completam o sentido, por exemplos nos verbos copulativos ou de ligação.

Em termos metodológicos, na análise vocabular DIÁRIO 2, fizemos uma abordagem quantitativa da massa vocabular do mencionado texto viático, ilustrada visualmente quer por gráficos de palavras gramaticais quer por gráficos das palavras plenas do corpus, bem como por vocábulos e expressões (sintagmas) que suportam as temáticas mais significativas do diário em análise. Para seguir a análise aconselha-se a consulta dos Anexos, nos quais é fornecida uma parte da massa vocabular do corpus. O Anexo 1 é um extrato do vocabulário por ordem decrescente até à frequência 3 inclusive. O Anexo 2 é um extrato com a frequência 2 e o Anexo 3 é um extrato com a frequência 1, os hápax. Os hápax são as palavras e expressões que aparecem uma única vez no corpus e, por esse motivo, são, a nível de informação, as mais significativas, contudo como são inúmeras e ocupam muitas páginas, fornecemos apenas um excerto, para não alongar demasiado o trabalho.

Para constituirmos um corpus analisável, numa vertente estatística quantitativa, subdividimos o DIÁRIO 2 pelos 11 dias da viagem de turiperegrinação do Porto ao santuário de N.^a Sr.^a de Lourdes no Centenário as Aparições, em 1958, como já mencionamos.

O texto 1 refere-se ao dia 26 de agosto. É a primeira subdivisão do DIÁRIO 2 e narra os acontecimentos da viagem de turiperegrinação a Lourdes, desde a saída do Porto até à chegada e alojamento em Salamanca, é composto por 228 vocábulos e expressões que foram ligadas na edição uniformizada, como explicitamos acima. A narrativa do dia 27 de agosto contempla a visita cultural a Salamanca (Universidade, Catedral Nova e Velha, Mosteiro de Santo Estevão, Palácio de Monterrey, visita ao Museu Nacional de Escultura, chegada e alojamento em Burgos) tem 423 vocábulos e expressões. O relato do dia 28 conta com 729 vocábulos e expressões, é o mais extenso do corpus, trata da visita à cidade de Burgos (Catedral com a descrição detalhada da mesma, o mosteiro de S. Bruno de monges cartuxos, com a descrição da regra da ordem, visita à “cidade desportiva”, passagem por Vitória e percurso até S. Sebastián). O relato do dia 29 de agosto, contém 229 vocábulos e expressões, neste excerto é registada a chegada e alojamento em Irun, a visita a S. Sebastián, o encontro com a amiga Lucília, a chegada, o alojamento em Lourdes e visita à Gruta. A narração do dia 30 de agosto é composta por 400 vocábulos e expressões relativas às cerimónias religiosas passadas no santuário de N.^a Sr.^a de Lourdes, contando com a visita aos três santuários, a via sacra, a visita às grutas de Bétharram, a procissão das velas no santuário. No dia 31 de agosto, é relatada a partida de Lourdes, este fragmento tem 257 vocábulos e expressões, nele a diarista relembra uma rápida visita à Basílica, a passagem pela cidade de Pau, o percurso pelos Pirenéus, a chegada, o alojamento em Saragoça, a visita à Igreja de N.^a Sr.^a do Pilar. O fragmento do dia 1 de setembro contém 266 vocábulos e expressões nos quais estão gravados a visita à antiga cidade de Saragoça, a igrejas e monumentos, o almoço no caminho de Saragoça a Madrid, a visita ao Mosteiro de Nuestra Señora de Santa Maria de Piedra, a chegada e o alojamento em Madrid. A narrativa do dia 2 de setembro é formada por 285 vocábulos e expressões, na qual a diarista recorda a manhã de compras nas “Galerias Preciados”, a visita ao Museu do Prado, ao Palácio do Oriente, às avenidas do Madrid moderno, ao parque “El Retiro”, o visionamento do filme “O Arquiduque e a costureira” no Cine Del Callau. O extrato que relata os acontecimentos do dia 3 de setembro tem 360 vocábulos e expressões, neste são contados a saída de Madrid para Toledo, a visita turística à catedral e igreja de S. João dos Reis, ao Alcácer com o relato do episódio do fuzilamento do filho do coronel Moscardó e o regresso a Madrid. O texto relativo ao dia 4 de setembro tem 586 vocábulos e expressões, é o segundo mais longo. Nesta parte, a escrevente relata a visita a “San Lorenzo do Escorial”, com uma descrição pormenorizada do Vale dos

Caídos, uma referência à cidade histórica de Ávila, a chegada e o alojamento em Salamanca. O relato do dia 5 de setembro é composto apenas por 212 vocábulos e expressões. É o extrato mais curto, nele a narradora-viajante sintetiza a viagem de Salamanca a Vilar Formoso, mencionando um almoço na Guarda, a passagem pela Serra da Estrela, pela Beira Alta, por Coimbra, por Aveiro e a chegada à cidade natal.

Atente-se, na tabela abaixo, que contém o número de vocábulos e expressões por subdivisão textual.

T1: “Dia 26 de agosto” - 228 vocábulos e expressões
T2: “Dia 27 de agosto” - 423 vocábulos e expressões
T3: “Dia 28 de agosto” - 729 vocábulos e expressões
T4: “Dia 29 de agosto” - 229 vocábulos e expressões
T5: “Dia 30 de agosto” - 400 vocábulos e expressões
T6: “Dia 31 de agosto” - 257 vocábulos e expressões
T7: “Dia 1 de setembro” - 266 vocábulos e expressões
T8: “Dia 2 de setembro” - 285 vocábulos e expressões
T9: “Dia 3 de setembro” - 360 vocábulos e expressões
T10: “Dia 4 de setembro” - 586 vocábulos e expressões
T11: “Dia 5 de setembro” - 212 vocábulos e expressões

Tabela 3: massa vocabular do DIÁRIO 2

O total do vocabulário do corpus do DIÁRIO 2 é de 4933 vocábulos e expressões. Se não tivéssemos agrupado os antropônimos, os topônimos, os nomes hagiográficos, as expressões temporais, as locativas, as circunstanciais, a massa vocabular era muito mais representativa em quantidade, porém para procedermos à análise temática foi necessário fazer esta operação.

Iniciamos a análise vocabular pela apresentação das palavras gramaticais mais frequentes no corpus do DIÁRIO 2.

Apresentamos uma tabela e um gráfico de barras com as referidas palavras gramaticais.

Vocábulos gramaticais	Total	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11
a	192	7	26	30	15	23	10	14	8	13	35	11
o	127	4	11	21	2	8	17	10	6	21	19	8
que	86	4	4	13	4	16	5	4	7	13	14	2
e	79	5	12	18	4	5	2	6	6	9	9	3
de	72	6	2	13	5	7	1	3	4	7	18	6
com	53	3	6	9	3	7	6	3	0	4	9	3
em	51	5	7	12	2	4	9	0	5	0	3	4

Tabela 4: palavras gramaticais mais frequentes no DIÁRIO 2

A representação gráfica mostra o total de cada palavra gramatical no corpus e em cada um dos relatos subdivididos.

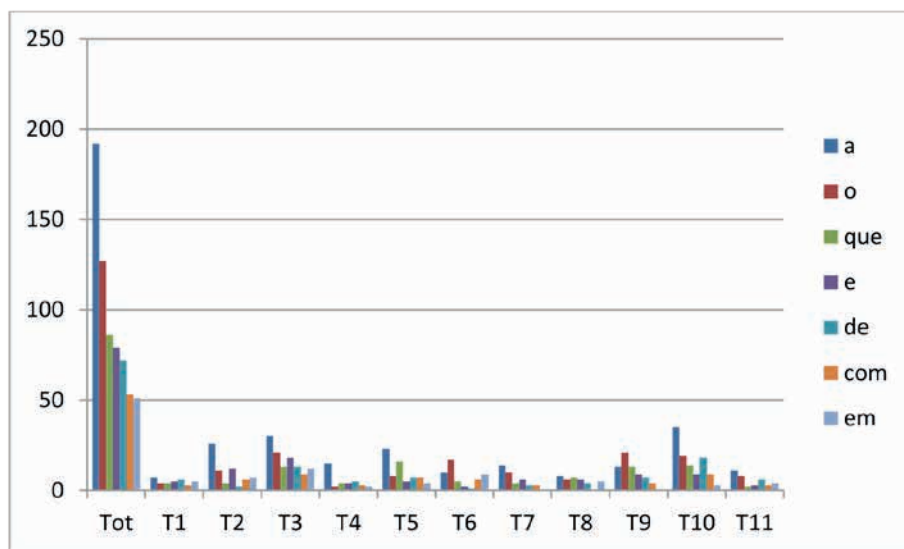


Gráfico 1: palavras gramaticais mais frequentes no DIÁRIO 2

Relativamente às palavras plenas mais frequentes no corpus representamos visualmente algumas do domínio temático do turismo cultural, dois nomes e duas formas verbais: hotel, visita, partimos, admirar.

Como podemos observar a palavra “Hotel” aparece 14 vezes no corpus, isto é, na maior parte dos extratos.

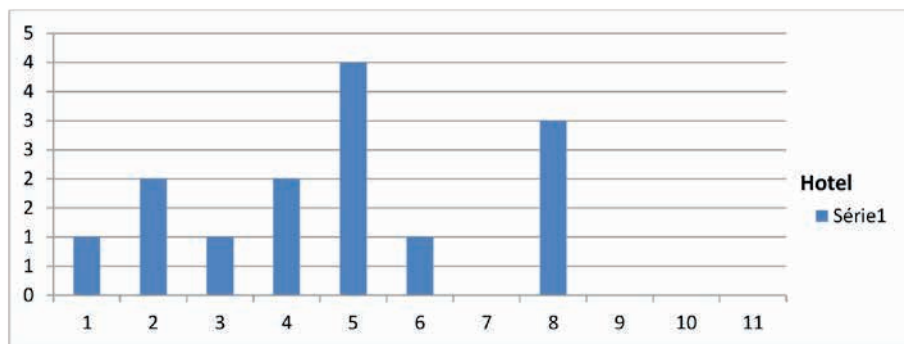


Gráfico 2: palavra “Hotel”, frequência 14

Os hápax, a frequência 1, agrupam muitas palavras e expressões. Como aludimos, são as formas e expressões que aparecem unicamente uma vez no corpus, sendo por esse motivo as mais informativas. Nos hápax, surgem, por exemplo, os hotéis onde a diarista e os outros turiperegrinos ficaram alojados: “Gran Hotel”, “Hotel Ávila”, “Hotel Gredos”, “Hotel Terminus”, “Hotel Esplanade”, “Hotel S. Blas” e expressões valorativas sobre os mesmos: “hotel de luxo”, “luxuoso hotel”.

Outro vocábulo muito frequente no corpus é o nome “visita”, que ocorre 9 vezes, esta forma também está associada à temática do turismo cultural, pois refere-se às visitas a locais, monumentos, igrejas, etc. efetuadas durante a viagem cultural e espiritual da diarista.

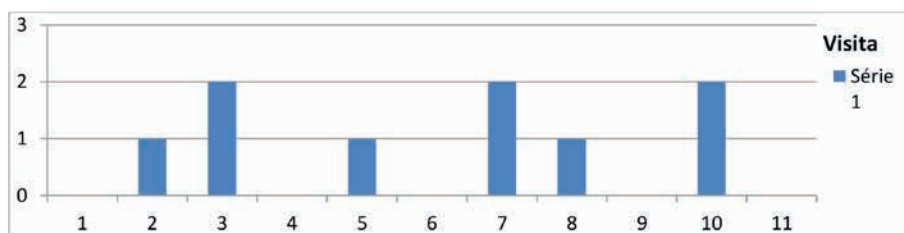


Gráfico 3: palavra “visita”, frequência 9

Podemos fornecer uma pequena tabela com as palavras da mesma família, remetendo para um mesmo campo lexical, ou seja, para palavras que pelo seu significado estão relacionadas com um domínio concetual específico (Cunha & Cintra 2014: 106), neste caso, o da “visita” turística.

Visita	9	0	1	2	0	1	0	2	1	0	2	0
visita-à-Cartuxa	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
visita-de-despedida	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Visitam	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Visitámos	8	0	2	0	0	1	0	1	2	1	1	0
Visitando	2	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
Visitantes	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0
Visitar	2	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Visitarmos	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Visitei	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0

Tabela 5: grupo de palavras do campo lexical da “visita” turística

Repare-se no peso das várias formas do verbo visitar (6 formas verbais diferentes) com uma presença notória.

Apresentamos a seguir dois gráficos de barras de duas formas verbais (“entrámos”, f. 9, “partimos”, f. 11); ambas pertencentes a verbos de movimento integrantes do mesmo tema da viagem de turismo cultural.

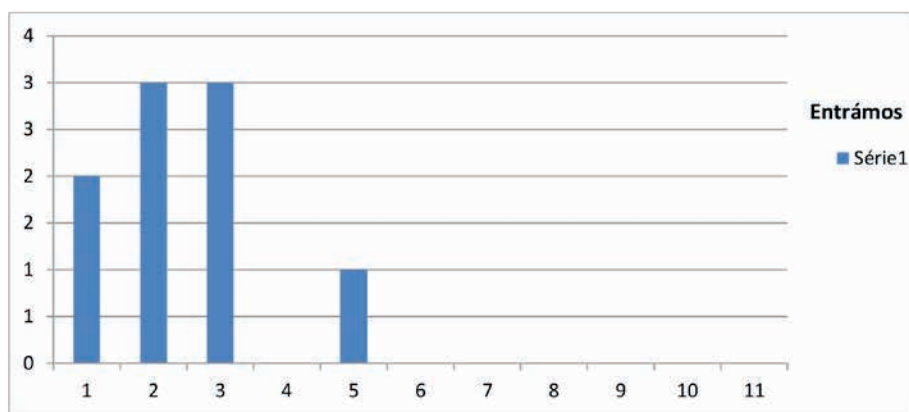


Gráfico 4: forma verbal “entrámos”, frequência 9

A enunciativa do diário usa preferencialmente as formas verbais na 1.^a pessoa do plural, englobando a irmã Amélia e, por vezes, também os outros turiperegrinos, como podemos visualizar no gráfico de barras 5.

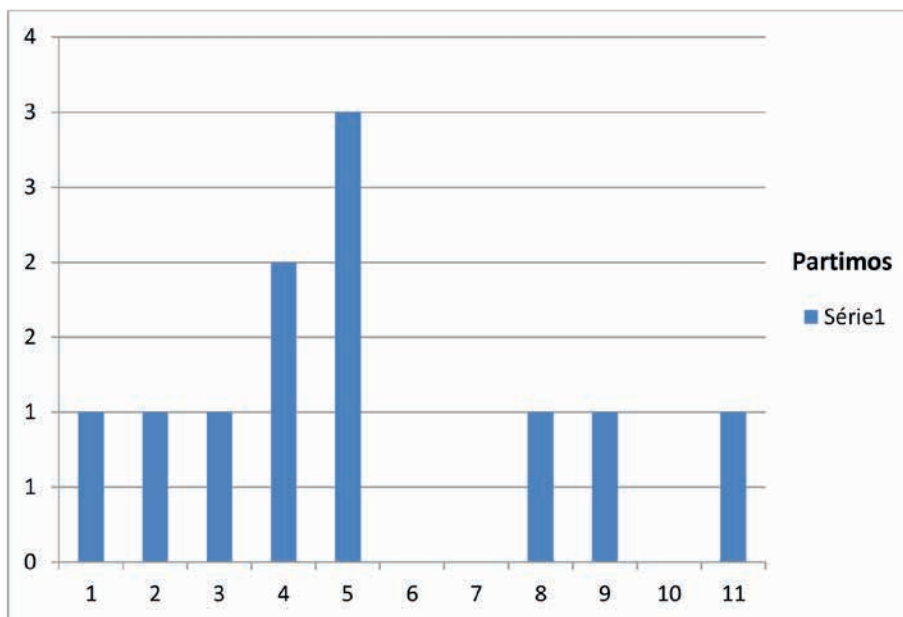


Gráfico 5: forma verbal “partimos”, frequência 11

Fizemos um gráfico de pirâmide para comparar as formas “visitámos” e “cidade”, pois as duas formas têm uma elevada frequência no corpus e integram a tema do turismo cultural e urbano, o praticado pela diarista, Maria Irma Nunes de Sousa.

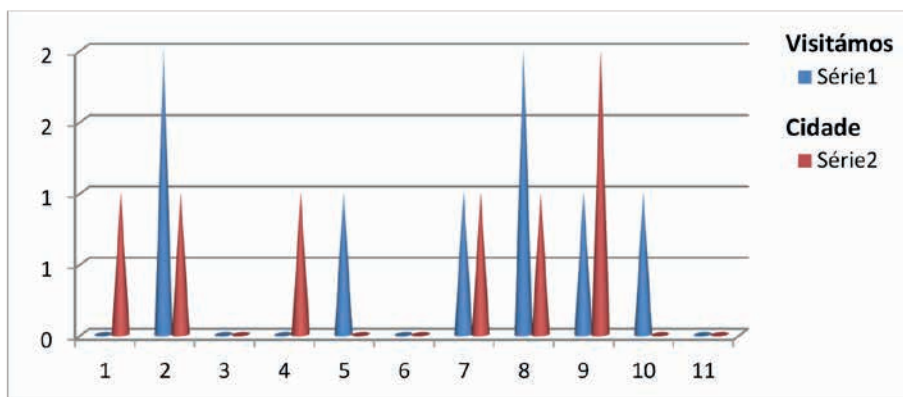


Gráfico 6: “Visitámos”, “Cidade”, frequências 8 e 7

Como podemos observar estes dois vocábulos ocorrem em vários extratos do DIÁRIO 2 (texto 2, 7, 8, 9), a forma “cidade” ocorre nos excertos 1, 2, 4, 7, 8 e 9. A forma verbal “visitámos” nos 2, 5, 7, 8, 9 e 10. São duas palavras plenas semanticamente representativas do turismo cultural urbano.

Depois de termos exemplificado graficamente as palavras gramaticais e plenas mais frequentes no Diário de Turiperegrinação a Lourdes, passamos à análise temática do mesmo.

5.3 Análise temática do DIÁRIO 2

Como acabamos de verificar, o tema omnipresente no Diário de Turiperegrinação a Lourdes, no Centenário das Aparições, é o tema da viagem turístico-cultural. A abordagem quantitativa do vocabulário do DIÁRIO 2 mostrou a ocorrência de inúmeros vocábulos desta temática nas altas frequências. Porém esta temática surge, do mesmo modo, nas baixas frequências ou hápax.

Iremos levantar das 18 páginas de hápax tão-somente alguns vocábulos e expressões ilustrativas do domínio temático do turismo cultural e seus avatares, porque são muitos vocábulos e alongaria demasiado a análise a execução exaustiva de todos eles.

A temática do turismo cultural é a predominante neste texto viático e abarca outros tipos de turismo: o espiritual, o turismo de experiência ou emoção, o turismo propriamente dito.

Dado que a maior parte da viagem turístico-cultural se passa em Espanha, os vocábulos e expressões ilustrativas deste o domínio temático e do turismo urbano retirados dos hápax remete claramente para os topónimos, os monumentos, os sítios, as paisagens culturais urbanas e rurais em território espanhol. Contudo afloram também vocábulos que enviam para lugares e monumentos franceses e em menor escala portugueses, uma vez que a viagem em Portugal era a mais curta. Atente-se nalguns exemplos:

– “afamadas Grutas de Bethárram, agência de viagens, Alcácer de Toledo, antiga cidade de Saragoça, antigo Palácio Real, arrabaldes de Burgos, Bayonne, belo panorama, Biarritz, caminho de Burgos, caminho de Lourdes, caminho de Saragoça, cidade de Burgos, cidade de Pau, cidade do rio Tormes, cidade histórica, ciudad Rodrigo, Coimbra, com destino a Madrid, construção de moderna arquitetura, construção medieval, curta visita à cidade, monumentos aos mortos da guerra civil, monumento nacional do Vale dos Caídos, monumento nacional, monumental portão de bronze de ferro forjado, museu do Prado, museu nacional de escultura, Navarra, pórtico riquíssimo de arte, programa traçado, real mosteiro do Escorial, província de Valladolid, província de Aragão, região basca, salmódia de três horas, típica calle de Saragoça, Tomar, Tolosa, Toledo, universidade de Salamanca, vestígios do domínio romano, Vitória”, entre outros.

Quanto à vertente do turismo espiritual e da turiperegrinação a Lourdes a presença de vocábulos e expressões exemplificativas deste tipo de turismo é muito significativa, com uma indicação clara da turiperegrinação a Nossa Senhora de Lourdes, mas também com uma referência a muitos locais religiosos situados em Espanha. Vejamos alguns exemplos dos hápax:

– “admirável cruxifíco, ajoelhavam, ambiente de fé, aquisição de alguns artigos religiosos, Basílica da Imaculada, Basílica subterrânea de Pio XII, belíssimo templo, bênção dos doentes, calvário, capela de S. Bruno, capela dos condestáveis, capela interior, Cartuxa, célebres conchas de Santiago, centenário das Aparições de Nossa Senhora, cerimónias, cerimónias privativas, com muito pesar, convento das Agostinhas, convento de Santa, convento de S. Tomás, costumada e imponente procissão de velas, cripta Basílica, cripta Basílica subterrânea, mestres da vida espiritual, milhares de crentes, mosteiros cartusianos, mosteiro do Escorial, mosteiro de Santo Estêvão, mosteiro da Pedra, mosteiro da Ordem de S. Bruno, mosteiro da Cartuxa, Nossa Senhora, nosso adeus, ofício divino, ordem beneditina, padroeira da aviação, padroeira da infantaria, padroeira da marinha, padroeira de Aragão, padroeira dos presos, pastorinha Bernadette Soubirous, peregrinação a Lourdes, peregrinação de mineiros da diocese de Metz, peregrinação local, prelados, programa da peregrinação, recinto de fé, recinto sagrado, santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, três santuários primitivos de Lourdes, unção e recolhimento, virgem de África, virgem do Carmo, virgem do Loreto, virgem da Mercê, virgem do Pilar”.

O tema da turiperegrinação é, na verdade, um dos mais representativos deste diário.

O turismo de experiência ou emoção, hoje muito em voga, emerge no DIÁRIO 2. Retenham-se alguns exemplos retirados dos hápax, constituídos por um nome e um adjetivo ou um adjetivo anteposto ao nome, com uso estilístico tratado atrás:

– “agradável sessão, agreste paisagem, apreciado, bela paisagem, beleza agreste, beleza artística, beleza natural dos Pirenéus, beleza natural e arquitetónica, belezas paisagísticas, belíssimas avenidas de plátanos, bonita ponte, com elegância e fino gosto, comovedora expressão, comovedor e edificante, precioso museu de escultura, preciosíssimas obras de arte, preciosas esculturas, profundas e caras recordações, satisfeita e emocionada, satisfeitos, sentíamos saudades, uma boa apreciação, vibro de saudade, voz emocionada, etc.”.

O turismo *tout court*, isto é, o direcionado para a venda e compra de produtos turísticos também desponta nos vocábulos e expressões dos hápax:

– “agência de viagens, albergue de carretera, algumas compras, ampla e cómoda dependência, anunciadas excursões noturnas, aposentos, aquisições, bom almoço, bom restaurante local, ciceroneava (visita guiada), compras feitas a correr, mercado local, minhas aquisições, montras repletas, óptimas instalações, óptimo e reconfortante almoço, parte velha e típica da cidade, pequena viagem de teleférico, típica serenata aragonesa, típica residência, zona turística, entre outros”.

Dentro do tema do turismo, ocorrem vocábulos e expressões nos hápax associados ao tema do alojamento: “ampla e cómoda dependência, aposentos, óptimas instalações, quarto n.º 1, quarto n.º 202, quarto n.º 338, quarto n.º 75, recolhemos, recolher ao quarto, etc.” Mas também o tema dos locais de restauração e respetivas refeições: “almoçar, anunciado almoço, após o almoço, após o jantar, bom jantar servido, bom restaurante local, bom almoço, bom jantar servido, mesmo valor nutritivo das anteriores refeições, muito bem servido almoço, muito frugal jantar, óptimo e reconfortante almoço, restaurante Cristal, restaurante local, pouco menos frugal, refeição de emergência, refeição anterior, repasto, servido à lista, todas as refeições servidas, etc.”

Convém ainda notar que, neste diário, a narradora-viajante fez um elogio à gastronomia portuguesa servida no “restaurante Cristal”, na Guarda, referindo a “saborosa culinária portuguesa”, mostrando, ao invés, o seu desagrado pela gastronomia castelhana servida nalguns hotéis de luxo espanhóis: “alimentação condizente que não foi apreciada, não mais satisfatório, não agradou”. Em relação à gastronomia francesa servida no hotel em Lourdes, a escrevente não faz uma apreciação nem uma depreciação, limita-se a indicar que foram refeições simples “muito frugal jantar, pouco menos frugal”.

Aliado à temática do turismo em geral despontam, nos hápax, vocábulos associados às visitas aos monumentos históricos e religiosos, formas verbais de verbos de movimento, os meios de transporte usados na turiperegrinação. Observemos alguns exemplos:

– “visita à Cartuxa, visitando, visitar, visita e admiração, excursão, excursões noturnas, primeiro autocarro” da turiperegrinação a Lourdes, no qual viajou a diarista e a irmã Amélia, “Amélia e eu”, nos lugares “17 e 18”, ocorre a expressão “meios de condução”, alusivos ao metropolitano, ao táxi, usados na estada em Madrid, o teleférico “pequena viagem de teleférico”, próximo de Loudes em França.

Os temas da recordação e da escrita do texto viático estão também representados em diversas palavras e expressões dos hápax: “lembrança, lembrando, ‘recordar é fazer passar pelo coração alguém ou alguma coisa’ (abertura do DIÁRIO 2), folhear, caderno, vibro de saudade, sentíamos saudades”. Nes-

te tema, está presente a enunciadora, a escrevente do diário na forma verbal na primeira pessoa do singular indicada na desinência verbal “vibro” e na primeira pessoa do plural que incluía a sua irmã e os outros turiperegrinos no fecho do diário quando a escrevente declara que “sentíamos saudades” da “nossa Pátria”. O tema da escrita do diário relaciona-se também com os verbos de intelecção dos quais surgem algumas formas na frequência 1, tais como: “falar-lhe, fala, falado em espanhol, ouvidos, ouvindo e apreciando, soubemos, vendo, ver e apreciar”. Curiosamente o verbo “apreciar” que indica uma valoração dos sentidos da audição e da visão, apontando mais uma vez para a vertente do turismo experiencial, emotivo muito pronunciado neste diário.

No capítulo seguinte, abordamos a turistificação do santuário de Nossa Senhora de Lourdes no centenário das Aparições.

CAPÍTULO 6

A TURISTIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO DE LOURDES

6.1 A turistificação do santuário de Lourdes através do olhar da diarista

Em 1958, o santuário de Nossa Senhora de Lourdes celebrava o seu centenário, ou seja, fazia 100 anos que a “pastorinha Bernadette Soubirous” tinha visto a N.^a Sr.^a numa gruta.

Pelo relato da diarista Maria Irma Nunes de Sousa, o turismo religioso em Lourdes à época da viagem de turiperegrinação em que participou já estava muito implantado. A sua viagem turístico-cultural e religiosa foi organizada pelo padre “Gregório Martins Almendres” da “arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” no Porto, pela Revista “Miriam” e uma “acreditada agência de viagens”, cujo nome não é indicado.

Em meados do século XX, o santuário de Lourdes era dos mais visitados da Europa, recebendo turiperegrinos de todo o mundo. Ao contrário do santuário de Fátima, que, no mesmo lapso temporal, ainda estava a organizar-se.

Como nos conta a narradora-escrevente, em Lourdes os turiperegrinos tinham ao seu dispor unidades hoteleiras de qualidade, tais como: o “Hotel Esplanade – Esplanade du Paradis – Quartier Peyremale”, onde ficaram hospedados e onde fizeram as “frugais” refeições e visitas turísticas complementares ao turismo religioso: a visita às grutas de Bétharram, a viagem de teleférico.

O santuário, por seu turno, era um centro religioso e espiritual notório com os “três santuários primitivos”, e “dezenas de missas” a serem celebradas em simultâneo para os inúmeros turiperegrinos. A escrevente descreve as cerimónias passadas na “Basílica da Imaculada”, aludindo a uma “peregrinação de mineiros de Metz”. A turistificação do santuário de Lourdes era já manifesta e a diarista dá-nos conta desse fenómeno verbalizando: “a Basílica subterrânea de Pio XII, construção de arquitetura moderna com capacidade para 30.000 fiéis”. A turiperegrina menciona ainda a via-sacra, as estações do Monte Calvário” e a impossibilidade de assistir à “bênção dos doentes” por causa das más condições climáticas.

O turismo religioso devidamente organizado em Lourdes proporcionou aos turiperegrinos compras de “artigos religiosos e lembranças”, por exemplo, no “Magasin Saint-Michel – Avenue Bernadette Soubirous, 14” e simultaneamente visitas guiadas a sítios turísticos próximos do santuário, designadamente “às afamadas Grutas de Bétharram”, oferecendo aos turistas religiosos e culturais uma “viagem de teleférico”.

A descrição feita pela turiperegrina, ou melhor, o seu olhar permite-nos perceber que o turismo espiritual em Lourdes, em 1958, no centenário das

Apareições, já se encontrava bem implantado, fazendo uma conexão do turismo religioso com o turismo cultural e natural do espaço envolvente do santuário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta segunda publicação do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa, editamos e estudamos numa perspetiva multidisciplinar o manuscrito original da referida escrevente.

Neste segundo trabalho, analisamos uma segunda fonte: DIÁRIO 2 “Turiperegrinação a Lourdes (1958)” do mesmo arquivo e do mesmo género discursivo. O género viático é, do ponto de vista da investigação humanística, muito interessante, porque é composto por uma tripla vertente, uma vez que é um documento histórico, datado, localizado e protagonizado por pessoas identificáveis, sendo também um texto autobiográfico, subjetivo, redigido na 1.^a pessoa, portanto ficcional e simultaneamente turístico, na componente do turismo cultural e espiritual.

Neste segundo diário, a turista cultural perpetuou as emoções sentidas na admiração da paisagem cultural, assim como diante do património arquitetónico, monumental e histórico dos países visitados. Assinalou ainda as suas reflexões sobre os modos de vida dos habitantes dos lugares visitados nos vários países, com particular destaque, para Espanha, o país onde permaneceu mais dias durante a sua viagem, e em menor escala a França. Verbalizou as comoções sentidas perante os cenários dos patrimónios material e imaterial observados, ou seja, praticou um turismo multifacetado: cultural, espiritual e experiencial ou emotivo.

A narradora-viajante, no olhar que constrói, na forma de ver o mundo e o outro, é influída pelo período histórico ditatorial dominante na sua época. É um “eu”, preso às suas circunstâncias pessoais, familiares, sociais e políticas do seu tempo, isto é, não consegue escapar ao momento histórico vivido no

seu país e em Espanha, fazendo ressoar no seu discurso viático uma clara influência da propaganda turística, cultural e política construída e transmitida pelos órgãos dirigentes da comunicação social e do turismo dos dois regimes autoritários de Portugal e de Espanha, na sincronia da sua turiperegrinação a Lourdes.

Neste trabalho, estudamos uma turiperegrinação relatada duma forma detalhada, pautada pela descrição dos 11 dias de viagem turístico-cultural efetuada do Porto a Lourdes. Constatamos que o citado santuário mariano era, em meados do século XX, o santuário mais turistificado da Europa, e por isso mesmo um centro espiritual com um grande atrativo turístico.

Como explicitamos atrás, este diário está relacionado discursiva e tematicamente com o Álbum-Diário 1 que o complementa imageticamente. O mencionado Álbum-Diário 1 será editado proximamente, dando continuidade à coleção de e-books proposta com o intento de divulgar, editar e analisar, numa perspetiva multidisciplinar, o acervo duma mulher comum.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Fontes manuscritas

Sousa, Maria Irma Nunes de

_____ D1 – Caderno de peregrinações a Fátima, de 13 de maio de 1938 a 11 de novembro de 1973.

_____ D2 – Caderno de peregrinação a Lourdes, de 26 de agosto a 5 de setembro de 1958.

_____ D4 – Caderno de “apontamentos da excursão às Berlengas em 18 a 22 de agosto de 1963”, viagem ao Algarve de 25 a 31 de setembro 1964, viagem a Fátima de 31 de setembro a 1 de outubro de 1964.

_____ D7 – Caderno da viagem à Alsácia e à Suíça, de 17 de julho a 12 de agosto 1969.

_____ D10 – Caderno – Resumo de todas as viagens. (Antes de 1938 a 1973).

_____ A1 (Álbum 1) Viagem de peregrinação a Lourdes, de 26 de agosto a 5 de setembro 1958.

Fontes impressas

Adam, Jean-Michel (2005). *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin.

Albert, Jean-Pierre (1993). “Façons d’écrire. Approches anthropologiques de l’écriture ordinaire”. In: *Lire en France aujourd’hui*. Paris: Edition du Cercle de la Librairie: 183-206. Martine Poulain (direction de).

Artières, Philippe (1998). “Arquivar a Própria Vida”. *Estudos Históricos* 21. Revista História Contemporânea Brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Estu-

Santana, Maria Olinda Rodrigues (2020). *Diários de viagem duma portuense – Diário 2: Turiperegrinação a Lourdes (1958)*.

- dos Brasileiros – IEB / USP: 1-30. Tradução de Dora Rocha.
- Artières, Philippe; Kalifa, Dominique (2002). *L'historien et les archives personnelles: pas à pas*. Internet. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-societes-et-representations-2002-1-page-7.htm>: 7-15. (Acedido 28, fevereiro, 2020).
- Augé, Marc (2003). *El tiempo en ruinas*. Barcelona: Gedisa.
- Austin, J. L. (1970). *Quand dire, c'est faire*. Paris: Éditions du Seuil. Tradução francesa.
- Bakhtin, Mikhaïl (1926). “Le discours dans la vie et dans la poésie”. In: Todorov, T. (1981): *Mikhaïl Bakhtin: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil.
- ____ (1984). *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.
- Barros, Vera Gouveia (2016). *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Barthes, Roland (1977). “Escritores e Escreventes”. In: *Ensaio Críticos*. Lisboa: Edições 70: 205-215.
- ____ (s.d): *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70. Tradução portuguesa.
- Benveniste, Émile (1987). *O Homem na Linguagem*. Lisboa: Arcádia.
- Cabral, Oliveira (s.d.). *Guia turística Ilustrada (Do Minho ao Algarve)*. Porto: Livraria Avis.
- Cadet, Christiane; Charles, René; Galus, Jean-Luc (1990): *La communication par l'image*. Paris: Éditions Nathan.
- Camlong, André (1984). “Essai d'analyse sémiotique du sonnet VIII de Cláudio Manuel da Costa”. In: *Separata Arquivos do Centro Cultural Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Paris: Centro Cultural Português, XX: 115-147.
- ____ (1991). *Stablex Pratique. Indexation des Textes. Traitement Statistique des Lexiques. Extraction des Séquences. Création des Dictionnaires. Les Huit Contes en prose de Ch. Perrault*. Toulouse: Teknea.
- (S.n.) (1950). *Cartilha da Terra Portuguesa*. Lisboa: Edições S.N.I.
- Castillo Gómez, Antonio (2000). “Un archipiélago desconocido: Archivos y escrituras de la gente común”. In: *Revista Archivamos*, n.º 38 (4.º trimestre): 6-11.
- ____ e Monteagudo Robledo, José Ignacio (2000). “Los archivos europeos de la escritura popular”. In: *Revista Archivamos*, n.º 38 (4.º trimestre): 5.
- ____ (2001). *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Gípuzkoa: Sendoa. (Ed.).
- ____ (2001). “Tras la huella escrita de la gente común”. In: *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Gípuzkoa: Sendoa: 9-34. Antonio Castillo Gómez (ed.).
- Chantal, Suzanne (1944). *PORTUGAL terres et gens*. Lisboa: Shell Portuguesa. Colaboração S.N.I.
- Colégio Lusitano. Internet. Disponível em <http://portodeantinho.blogspot>.

- com/search/label/Colégio%20Lusitano (Acedido 13, fevereiro, 2020).
- Corbin, Alain (2002). "Histoire et subjectivités". In *L'Histoire, la Sociologie et l'Anthropologie*. Paris: Odilie Jacob, T. 2: 139-154.
- Croix, Alain; Guyvarc'h, Didier (1990). *Guide de l'Histoire Locale: faisons notre histoire!* Paris: Seuil. (Direction de).
- Cunha, Celso & Cintra, Lindley (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 21.^a edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa
- Cunha, Licínio; Abrantes, António (2013). *Introdução ao Turismo*. 5.^a edição atualizada e aumentada. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, Lda.
- Cunha, Paula Morais (2012). "Apontamentos teóricos sobre literatura de viagens". *Caracol 3 - Dossiê*: 152-174. PDF. (Acedido 15, maio, 2020).
- Dekker, Rudolf (2002^a). "Introduction". In: *Egodocuments and history: autobiographical writing in its social context since the Middle Age*. Hilversum: Verloren: 7-20.
- ____ (2002b). "Jacques Presser's heritage: egodocuments in the study of History". *Memoria y civilización* (MyC), 5: 13-37.
- Fabre, Daniel (1993). *Écritures ordinaires*. Paris: Editions P.O.L. / Centre Georges Pompidou. (Dir.)
- Faria, Cláudia (s.d.). "As travessias da diarística e da escrita do eu (Possíveis reflexões)". Internet. Disponível em <https://cetaps.academia.edu/ClaudiaFaria> (Acedido, 27, março, 2020).
- Fonseca, Fernanda Irene (1996). "Deixis e pragmática linguística". In: *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho: 437-445.
- Fonseca, Joaquim (1994). *Pragmática Linguística: introdução, teoria e descrição do Português*. Porto: Porto Editora.
- Foucault, Michel (1969). *Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- García Lorenzana, Francisco (2001). "Conjurar el olvido: Archivos de la Memoria Popular". In *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Madrid: Sendoa. António Castillo Gómez (ed.): 191-204.
- Grésillon, Almuth (2007). "La critique génétique: origines, méthodes, théories, espaces, frontières". In *Veredas 8. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Porto Alegre: 31-45.
- Hagège, Claude (1990). *O Homem Dialogal: contribuição linguística para as Ciências Humanas*. Lisboa: Edições 70. Tradução portuguesa.
- Horne, Donald (1984). *The Great Museum: the representation of history*. London: Pluto Press.
- Institut Gustave Roussy. Internet. Disponível em <https://www.gustaveroussy.fr/fr/linstitut> (Acedido 9, setembro, 2020).
- Jesus, Eduardo Taborda de (2014). *História e Gestão do Turismo Católico: Pastoral quoad turismum*. 1.^a edição. Porto Alegre: DM Editora.
- Lacoue-Labarthe, Isabelle; Mouysset, Sylvie (2012). «De 'l'ombre légère' à la 'machine à écrire familiale' », *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, 35, URL: <http://clio.revues.org/10489>: 7-20. (Acedido 1, outubro, 2016).

- Le Goff, Jacques (1999). *Reflexões sobre a História*. Lisboa: Edições 70. Tradução de António José Pinto Ribeiro.
- MacCannell, Dean (1976). *The tourist: a new theory of the leisure class*. New York: Schocken.
- Maingueneau, Dominique (1997). *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa: Gradiva. Tradução de Maria Adelaide Silva.
- Marcuschi, Luiz A. (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3.^a edição. S. Paulo: Cortez Editora.
- _____. (2002). “Gêneros textuais: definições e funcionalidade”. In Dionísio, Ângela et al. (2002): *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna: s.p.
- Marques, A. H. de Oliveira (1981). *História de Portugal: desde os tempos mais antigos até à presidência do Sr. General Eanes*. Volume III: *Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*. 2.^a edição. Lisboa: Palas Editores.
- Martínez Cárdenas, Rogelio (2011). *Turismo Espiritual: una alternativa de desarrollo para las poblaciones*. 1.^a edición. (S.l.): Universidad de Guadalajara. (Coordinación).
- Monteagudo Robledo, José Ignacio (2001). “Escritura popular y etnografía”. In: *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Gipuzkoa: Sendoa: 207-236. Antonio Castillo Gómez (ed.).
- Paulino, Fernando Jorge Sousa Faria (2010). *Cultura Visual e Turismo: natureza e cultura no Alto Douro Vinhateiro*. Lisboa: Universidade Aberta. Tese de doutoramento em Antropologia, especialidade Antropologia Visual. In: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2041> (Acedido 2, outubro, 2017).
- Perec, Georges (1989). *L'infra-ordinaire*. Paris: Le Seuil.
- Pereiro, Xerardo (2009). *Turismo cultural. Uma visão antropológica*. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. IV. Serie. Colección PASOS edita, n.º 2. www.pasosonline.org (Acedido 2, maio, 2011).
- _____. (2017). “Turiperegrinos portugueses no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela”, em *Revista Turismo e Desenvolvimento - Journal of Tourism and Development*, ISSN: 1645-9261; e-ISSN: 2182-1453. Internet. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/6816/5325>. Vol. 27/28: 413-423. (Acedido 2, maio, 2018).
- _____. (2017). “La desdiferenciación entre turismo y peregrinación: turiperegrinos en el Camino Portugués Interior de Santiago de Compostela”, em Santamarina, Beatriz (coord.): *Atas do XIV Congresso de Antropologia da FAAEE (Federação de Associações de Antropologia do Estado Espanhol)*. Universitat de Valencia, de 5 a 8 de setembro de 2017. Valencia: Universidade de Valencia ISBN: 978-84-9133-096-6. Internet. Disponível em <http://congresoantropologiavalencia.com/wp-content/uploads/2017/09/XIV-Congreso-Antropologia-PRE-PRINT.pdf>: 1468-1483. (Acedido 3, abril, 2018).
- _____. & Fernandes, Filipa (2018). *Antropologia e Turismo: Teorias, métodos*

- e praxis*. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. IV. Serie. Colección PASOS edita, n.º 20. www.pasosonline.org (Acedido 3, maio, 2019).
- Primo de Rivera. Internet. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$jose-antonio-primo-de-rivera](https://www.infopedia.pt/$jose-antonio-primo-de-rivera) (Acedido 12, fevereiro, 2020).
- Revista Miriam. Internet. Disponível em http://www.anuariocatolicoportugal.net/ficha_congregacoes_m_cirp.asp?congregacao_mid=25 (Acedido 28, janeiro, 2020).
- Santana, Maria Olinda Rodrigues (1990). *Dicionário do Português Básico*. Porto: Edições ASA, 1990. (Co-autoria)
- _____. (1995). *Um Estudo Estatístico-Lexical das Êclogas de Bernardim Ribeiro*. Vila Real: UTAD. (Série Didáctica — Ciências Sociais e Humanas, 6).
- _____. (1998). “O vocabulário das Êclogas de Bernardim Ribeiro”. Separata *Actas / Forum de Linguística e Didáctica das Línguas* (26, 27 e 28 de Abril de 1995). Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: 459-471.
- _____. (2000). *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*. Porto: Porto Editora. (Coautoria)
- _____. (2000). *O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na aula de língua materna: análise estatístico-lexical dos contos “A Galinha”, “O Tesouro” e “Saga”*. Vila Real: UTAD. (Série Didáctica. Ciências Sociais e Humanas; 26).
- _____. (2005). *Crónicas de António Alçada Baptista, Inês Pedrosa e Júlio Machado Vaz: estudo lexicométrico*. Vila Real: UTAD. (Série Didáctica. Ciências Sociais e Humanas; 56).
- _____. (2011). “Diários de viagem de uma senhora comum: Maria Irma Nunes de Sousa”. V *Jornadas Archivo y Memoria: Extraordinarios y fuera de série: formación, conservación y gestión de archivos personales* (17 a 18 de Fevereiro – Madrid, Centro de Ciencias Humanas y Sociales; Museo Ferrocarril): Actas em CD-ROM-DVD: 81-100.
- _____. & Coelho, Francisco Xavier (2016). “O Santuário de Nossa Senhora do Fojo na Serra de Montemuro - Marian sanctuary dedicated to Our Lady of Refuge or Fojo in Montemuro mountain.” *Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas*, 6, 1: 177-182. Revista Nacional | URL: http://www.ccsp.it/web/santuarios2016/programma%20e%20pdf%20vari/pdf_articoli/santana%20coelho.pdf
- _____. (2017). *Capela de Nossa Senhora do Fojo*. Castro Daire: Município de Castro Daire.
- _____. (2018). *Edição e estudo dum diário de turíperegrinações ao Santuário de Fátima (1938-1973)*. Vila Real: Sodivir Edições do Norte, Lda.
- _____. & Alves, Artur (2019). Capítulo 3: A Paisagem Cultural Sagrada no Caminho Português Interior de Santiago. In: *Património Cultural Jacobeu*,

- turismo e peregrinação: o Caminho Português Interior de Santiago (CPIS):* 59-77. Colección Pasos edita n.º 25. Coordenação Xerardo Pereiro.
- _____. (2020). *Diários de viagem duma portuense – Diário 1: Turiperegrinações a Fátima (1938-1973)*. 1.ª edição e-book. Vila Real: Sodivir, Edições do Norte, Lda.
- Santos, M. Da G. (2006). *Espiritualidade, turismo e território*. São João do Estoril: Principia.
- Saramago, José (1981). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Sarmiento, J. C. V. (2004). *Representação, Imaginação e Espaço Virtual: geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos Açores*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Serra, Debora Rodrigues de Oliveira (2017). *O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos: uma análise sobre o círio de Nazaré em Belém-Pa*. In: Geo UERJ. Rio de Janeiro, n.º 30, p. 240-276, doi: 10.12957/geouerj.2017.18275.
- Silva, Armando Malheiro da (2004). “Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para a aplicação do modelo sistémico e interactivo”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Ciências e Técnicas do Património*. Porto, 3: 55-84.
- _____, Gonçalves, Maria Fernanda Silva (2007). “Da memória ao acesso à informação na Casa de Mateus: as bases e objectivos de um projeto sistémico”. *Revista de Letras*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Letras, Centro de Estudos em Letras, II, n.º 6 (dezembro 2007): 305-317.
- Vilela, Mário (1999). *Gramática da Língua Portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/ discurso*. 2.ª edição. Coimbra: Livraria Almedina.
- Wolfe, Tom (1984). “The worship of Art. Notes on a New God”. In *Harper’s*, vol. 289: 61-68.
- Zapparoli, Zilda, Camlong, André (2002). *Do léxico ao discurso pela informática*. São Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo: EDUSP/FAPESP com CD-Rom.

Diários de viagem duma portuense
Diário 2: Turíperegrinação a Lourdes (1958)

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Maria Irma à esquerda em baixo, “Um grupo em Salamanca”, viagem a Lourdes 1958 (A1)	29
Figura 2: capa exterior do DIÁRIO 2	46
Figura 3: capa interior com o programa da “Peregrinação a Lourdes”	47
Figura 4: recortes coloridos com os topónimos visitados	48
Figura 5: recorte com a imagem da Nossa Senhora	49
Figura 6: cabeçalho, recorte duma paisagem dos Pirenéus e a mesma palavra em francês	50
Figura 7: rodapé, imagem de dançarinos bascos, à esquerda, e uma paisagem dos Pirenéus, à direita	50
Figura 8: cabeçalho, recorte duma imagem do rio Douro junto à Ponte da Arrábida e outro do topónimo “Porto”	52

Diários de viagem duma portuense
Diário 2: Turiperegrinação a Lourdes (1958)

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: palavras gramaticais mais frequentes no DIÁRIO 2	114
Gráfico 2: palavra “Hotel”, frequência 14	115
Gráfico 3: palavra “visita”, frequência 9	115
Gráfico 4: forma verbal “entrámos”, frequência 9	116
Gráfico 5: forma verbal “partimos”, frequência 11	117
Gráfico 6: “Visitámos”, “Cidade”, frequências 8 e 7	117

Diários de viagem duma portuense
Diário 2: Turíperegrinação a Lourdes (1958)

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1: freguesia de Paranhos, Porto

24

Diários de viagem duma portuense
Diário 2: Turíperegrinação a Lourdes (1958)

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: diários do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa	28
Tabela 2: álbuns-diários do Arquivo de Maria Irma Nunes de Sousa	29
Tabela 3: massa vocabular do DIÁRIO 2	113
Tabela 4: palavras gramaticais mais frequentes no DIÁRIO 2	114
Tabela 5: grupo de palavras do campo lexical da “visita” turística	116

ANEXOS

Anexo 1 – Extrato de vocabulário por ordem decrescente

Vocábulos e Expressões	Total	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11
a	192	7	26	30	15	23	10	14	8	13	35	11
o	127	4	11	21	2	8	17	10	6	21	19	8
que	86	4	4	13	4	16	5	4	7	13	14	2
e	79	5	12	18	4	5	2	6	6	9	9	3
de	72	6	2	13	5	7	1	3	4	7	18	6
com	53	3	6	9	3	7	6	3	0	4	9	3
em	51	5	7	12	2	4	9	0	5	0	3	4
no	47	8	4	9	6	6	2	3	1	1	4	3
da	40	2	2	13	2	2	0	2	1	3	12	1
para	40	1	4	5	3	6	4	3	5	3	6	0
os	36	2	5	9	0	2	2	1	3	2	8	2
do	35	2	5	7	1	3	1	4	3	3	4	2
ao	35	3	3	4	2	5	2	2	4	3	4	3
as	32	3	1	6	2	6	2	2	4	1	5	0
não	32	1	3	9	3	4	3	3	1	2	3	0
na	32	1	7	8	2	2	2	2	1	2	4	1
onde	30	1	6	3	3	2	3	1	6	0	5	0
por	30	0	4	14	3	0	1	3	1	1	3	0
à	27	2	2	1	2	3	2	1	3	0	9	2
um	25	3	2	5	3	2	1	1	1	3	4	0
mais	24	3	3	4	1	4	2	1	2	1	2	1
nos	23	3	1	8	2	2	0	2	0	0	2	3
é	21	0	3	7	2	0	1	0	1	2	4	1
uma	19	0	1	2	2	3	1	6	0	0	4	0
sua	19	0	3	4	2	1	2	0	0	1	6	0

foi	18	0	3	2	2	2	0	0	0	1	7	1
após	16	2	2	2	3	2	2	0	0	1	0	2
esta	15	1	0	2	1	3	0	0	2	2	3	1
dos	15	1	1	2	1	1	0	1	2	3	3	0
das	14	1	3	0	1	2	1	3	1	1	1	0
Às	14	3	2	1	2	2	3	0	1	0	0	0
hotel	14	1	2	1	2	4	1	0	3	0	0	0
se	13	1	3	3	0	1	1	0	0	3	1	0
já	13	1	1	0	0	1	2	2	1	0	4	1
depois	13	2	1	1	0	3	1	0	3	0	2	0
seu	12	0	1	1	0	2	0	1	0	5	1	1
pela	11	0	0	3	0	0	3	1	1	0	3	0
partimos	11	1	1	1	2	3	0	0	1	1	0	1
suas	11	0	2	5	1	0	1	0	0	1	0	1
tudo	11	1	1	3	0	3	0	0	1	1	0	1
admirar	10	0	3	1	0	0	1	1	3	0	0	1
como	10	0	1	2	0	0	1	2	1	2	0	1
numa	10	0	1	3	1	1	2	0	2	0	0	0
pelo	10	0	2	1	0	1	0	0	2	1	3	0
entrámos	9	2	3	3	0	1	0	0	0	0	0	0
este	9	1	1	1	1	0	0	0	1	2	1	1
manhã	9	1	2	1	1	0	0	1	1	0	1	1
muito	9	1	1	0	0	1	0	1	1	2	2	0
num	9	0	2	1	0	1	0	1	2	0	2	0
tão	9	0	0	1	0	1	0	0	1	2	1	3
visita	9	0	1	2	0	1	0	2	1	0	2	0
sendo	9	0	0	3	0	0	1	4	1	0	0	0
pelas	8	0	1	1	0	0	0	1	1	2	1	1

madrid	8	0	0	0	0	0	0	2	1	1	4	0
visitámos	8	0	2	0	0	1	0	1	2	1	1	0
tendo	8	0	2	1	0	1	0	0	0	1	2	1
ainda	8	0	2	1	0	1	0	1	1	0	1	1
cidade	7	1	1	0	1	0	0	1	1	2	0	0
igreja	7	0	0	6	0	0	0	0	0	0	1	0
nas	7	1	0	3	0	1	1	0	0	1	0	0
seguimos	7	1	1	1	1	0	0	1	2	0	0	0
pelos	6	0	1	3	0	0	0	1	0	1	0	0
assim	6	1	1	0	0	0	0	1	0	2	0	1
atravessámos	6	1	1	2	0	0	1	0	0	0	0	1
autocarros	6	0	0	0	1	0	0	2	1	0	1	1
dentro	6	0	2	1	1	0	0	0	0	0	2	0
duma	6	0	0	2	0	1	1	0	0	1	1	0
noite	6	1	0	0	1	1	0	0	0	1	1	1
pequeno- almoço	6	0	1	1	1	0	1	0	0	0	1	1
ver	6	0	1	0	0	1	0	0	1	1	2	0
quase	6	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1
toda	6	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	2
tem	6	0	2	2	1	0	1	0	0	0	0	0
seus	6	0	1	3	0	0	0	0	0	0	2	0
são	6	0	1	1	0	1	0	0	1	0	2	0
coronel- moscardó	5	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0
deste	5	0	2	0	0	0	1	2	0	0	0	0
entretanto	5	0	0	1	1	0	2	0	0	1	0	0
aos	5	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1
alguns	5	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	2
dum	5	0	0	2	0	1	0	0	1	1	0	0

todas	5	1	0	2	0	0	0	0	2	0	0	0
peregrinos	5	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	1
salamanca	5	1	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0
servido	5	1	0	2	1	0	0	0	0	0	1	0
sobre	5	0	1	0	0	1	0	0	0	1	2	0
tempo	5	0	0	1	1	1	1	0	1	0	0	0
todos	5	0	0	1	0	1	1	0	0	0	1	1
era	4	0	0	2	0	0	1	0	0	1	0	0
feitas	4	1	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0
findo	4	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0
filho	4	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0
deixámos	4	0	0	1	0	0	2	0	0	1	0	0
junto	4	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	0
durante	4	0	0	1	1	0	0	0	0	0	2	0
continuando	4	0	0	0	0	2	0	1	0	1	0	0
cujo	4	0	2	1	0	0	0	0	0	1	0	0
atravessando	4	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	1
catedral	4	0	0	2	0	0	0	0	0	1	1	0
chegámos	4	2	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
considerada	4	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0
mas	4	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1
cuja	4	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1
lá	4	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0
chefe-das- milícias	4	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0
regressámos	4	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	1
vai	4	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	1
tanto	4	1	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0
também	4	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1

sob	4	1	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0
segundo	4	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	1
santa-missa	4	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0
sempre	4	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	1
nossa	4	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
qual	4	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	0
neste	4	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0
monges	4	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0
percurso	4	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	1
pudemos	4	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0
me	4	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	1
preciosidade s	4	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0
dando	3	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
encontra-se	3	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0
dia	3	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
donde	3	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1
em-seguida	3	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0
deixando	3	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1
fosse	3	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0
entrando	3	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0
entre	3	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0
coronel	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0
foram	3	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
fizemos	3	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1
feita	3	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0
excelente- almoço	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
está	3	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0
cujos	3	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0

atingimos	3	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1
chama	3	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0
antes	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0
gruta	3	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0
“cidade- universitária”	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1
admirando	3	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1
a-fim-de	3	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0
alcácer	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0
algumas	3	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0
apenas	3	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0
celebrada	3	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
atenção	3	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0
cedo	3	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0
caminho	3	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0
cada	3	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0
basílica	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0
base	3	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
através	3	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0
generalíssim o-franco	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0
quando	3	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0
serra-de- guadarrama	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0
refeição	3	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
regressando	3	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0
rio	3	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0	0
saragoça	3	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0
segundo	3	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
ser	3	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0
só	3	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0

quem	3	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1
tanta	3	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
igreja- próxima	3	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0
visitantes	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0
via-sacra	3	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	0
viagem	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1
terminada	3	0	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0
tarde	3	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	0
recolhi	3	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0
situado	3	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
novamente	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1
irun	3	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0
jantar	3	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
logo	3	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
meio	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0
mesmo	3	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0
necessário	3	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0
nada	3	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0
partindo	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1
plenamente	3	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1
qualquer	3	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1
prossequimos	3	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0
quais	3	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0
permitiu	3	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
penetrando	3	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0
percorremos	3	0	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0

Anexo 2 – Extrato da frequência 2

Vocábulos e Expressões	Total	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11
admirámos	2	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
admirei	2	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
agora	2	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
aguardar	2	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0
almoço	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
à-noite	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
a-pé	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
apreciando	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
apreciámos	2	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
aproveitar	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0
assistência-à-missa	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
assistente-eclesiástico-da-peregrinação	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
assistir	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
até	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0
atualmente	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
autocarro	2	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0
Ávila	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
bem	2	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0
bem-instaladas	2	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
braços-da-cruz	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
burgos	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
cansaço	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
capital-de-espanha	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
catedral-nova	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
catedral-velha	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
celas	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
chuva	2	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
coisa-linda	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
comem	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
conjunto	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
construção	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0
construído	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
cripta	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
cujas	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
cumprimento	2	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
daquela	2	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
demos	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
dentre	2	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
de-passagem	2	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
descendo	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
despertando	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1

desta	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0
destinadas	2	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0
destino	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
deus	2	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0
devidamente	2	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
dezenas-de-missas	2	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
dia-27	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
diretos	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
dirigimos	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
d-isabel-de-portugal	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
dispondo	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
dispusemos	2	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
dizem	2	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0
dizendo	2	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
ela	2	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
elas	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
eles	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
encimada	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
então	2	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0
entrada	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
entregue	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0
estão	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
estas	2	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
estilo-gótico	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
existe	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
fazendo	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
fazendo-se	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
fazia	2	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0
ficando	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
filho-luis	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
finalmente	2	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
fiz	2	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0
foi-nos	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
foi-servido	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
formalidades-fronteiriças	2	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
grande	2	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
grande-valor-artístico	2	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0

Anexo 3 – Extrato dos hápax ou frequência 1

Vocábulos e Expressões	Total	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10	T11
abades	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
abóbada-da-cripta	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
abóbada-do-cruzeiro	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
absoluta-falta-de-tempo	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
abundante-vegetação	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
a-caminho	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
acelerada	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
acompanhámos	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
acompanhando	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
acompanhar	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
acompanhava	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
aconselhadas	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
adaptado	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
adeus	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
à-distância	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
admiração	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
admiráveis	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
admirável	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
admirável-crucifixo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
adormecidas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
afamadas-grutas-de-bethárram	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
afeções-do-aparelho-digestivo	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
agência-de-viagens	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
agradáveis-impressões	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
agradável-sessão	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
agreste-paisagem	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
agrícola	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
aguardámos	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
aguardava-nos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
águas	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
aí	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
ajoelhavam	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
ajudado	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
ajudantes	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
alberga	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
alcácer-destruído	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
alcácer-de-toledo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
além	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
alguma	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
alguma-coisa"	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
algumas-coisas	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
algumas-compras	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

ali	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
aliás	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
alimentação-condizente-que-não-foi-apreciada	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
à-lista	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
alma	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
almoçar	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
alpendre	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
altar-mor	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
altas-pirâmides-cinzeladas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
alto-da-avenida-de-gaia	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
ambiente-de-fé	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
ambiente-refrigerado	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
amélia-e-eu	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
amenizando	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
ampla-e-cômoda-dependência	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
ângulos	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
animais-e-coisas-sem-fim	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
anjos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
ano-de-1221	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
ansiava	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
antes-da-partida	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
antiga-cidade-de-saragoça	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
antigas-sinagogas-judias	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
antiga-tradição-artística-de-espanha	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
antigo-mosteiro-beneditino	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
antigo-palácio-real	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
antónio-correia-de-oliveira	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
anunciadas-excursões-noturnas	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
anunciado-almoço	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
anúncio	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
ao-anoitecer	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ao-cair-da-tarde	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
ao-fim-da-tarde	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
apareceu	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
apertada-garganta	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
apesar-de-pouco	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
aposentos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
após-o-almoço	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
após-o-jantar	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
a-poucos-passos-do-hotel	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
apreciado	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
aprisionado	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
aquando	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
aquela	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0

basílica-da-imaculada	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
basílica-subterrânea-de-pio-xii	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
bastante	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
bayonne	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
beira-alta	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
bela-paisagem	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
beleza-agreste	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
beleza-artística	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
beleza-natural-dos-pirenéus	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
beleza-natural-e-arquitectónica	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
belezas-paisagísticas	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
belíssima	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
belíssimas-avenidas-de-plátanos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
belíssimo-templo	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
belo-horrível-da-natureza	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
belo-panorama	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
bem-como	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
bem-guardados	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
bênção-dos-doentes	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
biarriz	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
biblioteca	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
bijuteria-linda	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
bizaras-formas-de-cabeças-humanas	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
boa-disposição	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
boas-vindas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
bom-almoço	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
bombardeamentos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
bom-jantar-servido	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
bom-restaurante-local	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
bonita-ponte	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
bordada-a-prata	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
braços	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
breve	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
breve-paragem	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
bustos-de-isabel-a-católica-e-fernando-v	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
caderno	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Caia	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
caia-a-tarde-do-dia-30	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
caindo	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
caíram	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
calor-tropical	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
calvário	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
caminho-de-burgos	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
caminho-de-lourdes	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

caminho-de-saragoça	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
campo-da-luta	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Camponeses	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
campos-verdinhos-e-fecundos	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
canções-e-anedotas	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
candeeiros-dos-mais-sumptuosos-palácios	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
cansada-e-saudosa	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
capacidade	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
capela-de-s-bruno	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
capela-dos-condestáveis	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
capela-interior	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Capital	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
carácter-distintivo	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Característica	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Característico	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Cartuxa	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Cascatas	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
casinhas-velhas-e-pobres	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
castela-a-nova	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Castellana	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
cátedra-de-frei-luís-de-leão	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
caudaloso-rio-ebro	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
celebradas	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
celebrar-se	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Célebre	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
célebres-conchas-de-s-tiago	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
célebres-homens-de-espanha	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
cenário-de-heroicos-feitos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
cenas-do-apocalipse	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Centeio	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
centenário-das-aparições-de-nossa-senhora	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Centro	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
centro-de-estudos-sociais	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
cerca-de-3-quilómetros	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Cerimónia	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
cerimónias-privativas	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Cetro	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
céu	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
céu-enevoado	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
chagamos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
chamada	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
chegando	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
chegar	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
chegaram	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

Chegaria	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
chegamos	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Chegou	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
chuva-impertinente	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
chuva-miudinha	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
ciceroneava	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
ciceronianos	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
cidade-de-burgos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
cidade-de-pau	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
cidade-do-rio-tormes	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
cidade-histórica	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Cifra	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Cima	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
cinco-andares-sobrepastos	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
cinzel-do-artista	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Circular	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
circundados	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
circunstância	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
ciudad-rodrigo	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
claustrado-da-entrada	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Clausura	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
coadjutor	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
coberta-de-esplêndidos-acepipes	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
cofres-do-estado	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Coimbra	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Colo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
colocados	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
colorido-e-significado	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
combates	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
combinando-se	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
combináramos	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
com-destino-a-madrid	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
começada	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
com-elegância-e-fino-gosto	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
com-muito-pesar	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
comovedora-expressão	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
comovedor-e-edificante	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
companheiros-de-viagem	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
completa	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
completo	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
composto	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
compostos-de-recitativos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
compras-desejadas	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
compras-feitas-a-correr	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
comprovativo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
comprobativos-do-fausto	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0

[illegible]

cripta-basilica-subterrânea	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
cruz-de-150-metros-de-altura	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
cruz-gótica	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Cultivadas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Cultivado	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
cume-da-montanha	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Curiosa	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
curiosas-lendas	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
curiosidade-e-interesse-despertados	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Curso	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
curta-distância	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
curta-vista-à-cidade	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
....	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
nos-dessedentarmos	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
nos-instalámos	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
nossa-pátria	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
nossa-senhora	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
nosso-adeus	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
nosso-destino	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Nossos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
nosso-companheiros-de-viagem	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
nos-transportaram	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Notáveis	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Notável	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
noutros-tempos	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Nublando	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
numerosas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
numerosos-salões-ricamente-decorados	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
obra-do-homem	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Observam	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Observer	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
observa-se	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Ocasião	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ocasionando	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
ofício-divino	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Olhámos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
olhar-de-despedida	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
olhos-repletos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Omenino	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
óptimas-instalações	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
óptimo-e-reconfortante-almoço	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Orando	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
ordem-beneditina	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
ornamentado	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

otimamente	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
outras	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
outras-igrejas	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
outro	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
outros-dias	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
ouvidos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
ouvindo-e-apreciando	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
ovos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
padroeira-da-avição	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
padroeira-da-infantaria	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
padroeira-da-marinha	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
padroeira-de-aragão	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
padroeira-dos-presos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
pai-e-filho	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
pai-extremoso	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
paisagem-de-sonho	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
palácio-do-orient	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
panteão-dos-reis	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
papá	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
-papá	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
papas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
paragem	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
para-lá	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
paramos	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
parede	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
parque	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
parte-velha-e-típica-da-cidade	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
particular-atenção-ao-almoço	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
particularidade	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
particularmente	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
partilhando	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
partiram	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
partiríamos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
passada	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
passado	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
passagem	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
passamos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
passando-se	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
passeando	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
passeio	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
pastorinha-bernadette-soubirous	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
pátria	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
patriota	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
pau	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
pavimentos	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
pedra	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

pedras-maravilhosamente-rendadas	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
península	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
pequena-casa	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
pequenas-aldeias	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
pequena-viagem-de-teleférico	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
pequeno-claustro-simples	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
pequeno-e-tortuoso-largo	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
percorre	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
perdermos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
peregrinação-a-lourdes	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
peregrinação-de-mineiros-da-diocese-de-metz	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
peregrinação-local	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Perfume	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
permanecendo	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
permaneci	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
permanentemente	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
permitiam	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Permitida	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
permitindo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Permitir	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pernoitar	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Perpetua	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
péssimas-condições-atmosféricas	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Pessoal	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
pessoalmente	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Pirenéus	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
piscifatória	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
plaza-mayor	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Poderiam	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
podíamos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
poetas-e-príncipes-embuçados	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
ponte-rústica	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Ponto	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
ponto-de-partida	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
por-causas-desconhecidas	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
porcelanas-de-saxe-e-sèvres	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
por-extrema-fadiga	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
pormenor	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
por-semana	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
porta-em-ogiva	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Portanto	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
pórtico-riquíssimo-de-arte	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Possam	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
possuindo	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0

pouco-menos-frugal	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Pousada	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Prazo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
preciosas-esculturas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
preciosíssimas-obras-de-arte	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
precioso-museu-de-escultura	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Prefer	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Prelados	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Presidida	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
prestâmos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Prestei	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
previdentemente	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Primeira	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
primeiras-forças-espanholas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
primeira-vez	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
primeiro-autocarro	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
primeiro-centro-da-literatura-espanhola	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
primeiro-templo-mariano-de-espanha	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
primitiva-construção	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
primorosa-talha	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
principal-ocupação	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
princiaram	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Princípio	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
principlou-a-cair	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Proceder	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
profundas-e-caras-recordações	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Profusão	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
programa-da-peregrinação	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
programa-traçado	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pronúncia	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Próprio	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Próprios	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
prossequindo	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
provincia-de-aragão	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
provincia-de-valladolid	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
provisão-de-excelentes-frutas	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Public	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Puderam	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
punhado-de-homens	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Puramente	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Pureza	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Quadro	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
qualquer-saída	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
qualquer-sinal	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

responsáveis	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
resta	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
restaurante-cristal	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
restaurante-local	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
restos-mortais	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
retábulo-maior	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
retábulo-sumptuoso	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
reter	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
retomámos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
reunimos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
reunirmos	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
reverendo-padre-gregório	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
reverendo-padre-gregório-martins-almendres	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
revestidas	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
rica	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
ricas-e-artísticas	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
rico	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
ricos-móveis-de-preciosas-madeiras	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
rigorosamente-cumprido	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
riquíssimo-museu-de-arte-sacra	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
rocha	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
rocha-da-serra	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
rodeada-de-muralhas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
rodeado	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
rodeia	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
rodeiam	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
rosa-dourado	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
rosas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
roubaram-a-vida	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
rua-almirante-bonifaz-13	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ruínas-da-gloriosa-fortaleza	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
saborosa-culinária-portuguesa	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
sacramento-da-penitência	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sacrário-primitivo	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sacristia	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
sagrados-direitos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
salmos	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sair	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
saimos	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
salão-do-trono	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
salas-capitulares-adornadas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
salienta-se	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
salmódia-de-três-horas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
san-pablo-19	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0

santa-comba-dão	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
santa-teresa-de-jesus	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
santo-inácio-de-loyola	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
santos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
santuário	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
santuário-de-nossa-senhora-do-perpétuo-socorro	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sarcófagos-dos-reis-fundadores	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
satisfeita	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
satisfeita-e-emocionada	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
satisfeitos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
saudade	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
saudoso-adeus-à-gruta	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
se-admirar	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
se-avista	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
secas	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
século	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
século-xv	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
se-dão-recepções-oficiais	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
se-defendeu-como-pôde	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
se-disfruta	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
se-encerram	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
se-encontram	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
se-entrelaçavam	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
se-ergue	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
se-espalhavam	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
se-fazia-sentir	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
se-fez	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
se-formaram	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
seguinte-inscrição	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
segunda	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
segundo-piso	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
sem	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
sem-chuva	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
semelhantes-a-pingentes-de-cristal	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
sem-energia	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
sem-energias	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
sem-legendas	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
sendo-interessante	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
sendo-nos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
sendo-nos-dado-observar	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
sentíamos-saudades	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
se-passou	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
sepultado	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
serão	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
se-realizava	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

[illegible]

virgem-de-África	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
virgem-do-carmo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
virgem-do-loreto	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
virgem-do-pilar	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
visita-de-despedida	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
visitam	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
visitarmos	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
visitei	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
visivelmente	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
visto	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
visto-de-noite	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
vitória	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
viveiro-de-santos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
viveiro-de-trutas-do-estado	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
vivem	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
vivemos	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
vivendo	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
viveu	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
vocês	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
volta	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
voltámos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
voltei	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
voz-emocionada	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
xvii	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
zona-turística	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

AGRADECIMENTOS

Esta edição é um produto das atividades docente e de investigação levadas a cabo na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no Departamento de Letras, Artes e Comunicação e no Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento da mesma Instituição do Ensino Superior. No CETRAD, a autora é Membro Integrado no grupo de investigação GI-1 “Turismo, identidades e património cultural”.

A autora agradece ao CETRAD o apoio a esta edição, através dos fundos nacionais da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.



O CETRAD é financiado pelos mencionados fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04011/2020.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

UIDB/04011/2020

PT: Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04011/2020.

EN: This work is supported by national funds, through the FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology, under the project UIDB/04011/2020.

NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA

Maria Olinda Rodrigues Santana fez o Doutoramento Europeu em Linguística Portuguesa na Université de Toulouse-Le-Mirail II e na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em 1998. Concluiu a Agregação em Cultura Portuguesa, na UTAD, em 2009. É Professora Associada com Agregação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Publicou 35 artigos em revistas especializadas e 22 trabalhos em atas de eventos. Possui 15 capítulos de livros e 44 livros publicados. Possui 189 itens de produção técnica. Participou em 14 eventos no estrangeiro e 57 em Portugal. Orientou 2 teses de doutoramento e orientou 15 dissertações de mestrado nas áreas das Humanidades, História e Arqueologia, Outras Humanidades e Línguas e Literaturas. Atualmente participa em vários projetos de investigação. Atua nas áreas de Humanidades com ênfase na cultura portuguesa, história, linguística portuguesa, património cultural e turismo. Nas suas atividades profissionais interagiu com 52 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos.

Nos últimos anos, enquanto membro integrado no grupo de investigação GI-1 “Turismo, identidades e património cultural” do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, tem coordenado e editado trabalhos nas áreas do património cultural e do turismo. Coordenou, recentemente, a obra (2019): *Para Uma História do Turismo no Douro*, no âmbito do projeto I&D Dourotur DOUROTUR – Turismo e inovação tecnológica no Douro, publicado em suporte papel e digital divulgado em http://www.pasosonline.org/Publicados/pasos_difunde/PS_DIF_2019_1.pdf e na versão inglesa (2019): *For a History of tourism In Douro* é disponibilizada em http://www.pasosonline.org/Publicados/pasos_difunde/PS_DIF_2019_1_EN.pdf

Ciencia Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/pt/331B-804A-8C92>

